



PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Programa de Estudos Pós-Graduados

Comunicação e Semiótica

**A SEMIÓTICA PSICANALÍTICA DOS CELIBATÁRIOS  
INVOLUNTÁRIOS**

Nathalia Brunet Cartaxo Braga

São Paulo

2021

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP

Nathalia Brunet Cartaxo Braga

**A SEMIÓTICA PSICANALÍTICA DOS CELIBATÁRIOS  
INVOLUNTÁRIOS**

**MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Comunicação e Semiótica, área de concentração: Regime de Sentido nos Processos Comunicacionais, sob a orientação da Profa. Dra. Lucia Santaella.

São Paulo

2021

BANCA EXAMINADORA

---

---

---



*Isso me remete ao que eu poderia chamar de uma filosofia; de todo modo, é uma ideia constante minha; de que por trás de um algodão existe um padrão escondido; de que nós - quero dizer, todos os seres humanos - estamos conectados a ele; que o mundo inteiro é uma obra de arte; que fazemos parte dessa obra de arte. Hamlet ou um quarteto de Beethoven é a verdade sobre essa vasta massa a que chamamos de mundo. Mas não existe nenhum Shakespeare; não existe nenhum Beethoven; certamente, enfaticamente, não existe nenhum Deus; nós somos as palavras; nós somos a música; nós somos a coisa em si.*

VIRGINIA WOOLF, Um Esboço do Passado.

À Durval, Adriana e Camila, todo o meu carinho.

## **AGRADECIMENTOS**

À família, pelo amor incondicional.

À minha orientadora Profa. Dra. Lucia Santaella, por ter orientado esta pesquisa com interesse e dedicação, e por toda a paciência durante o processo.

Um agradecimento especial à minha querida amiga Agatha Justino, pelo carinho, parceria, conversas e conforto em todos os momentos.

Aos queridos mestres do corpo docente do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, que tive o prazer de conhecer e que muito me ajudaram, especialmente Leda Tenório da Motta, Rogério da Costa e Christine Greiner.

Aos amigos que me acompanharam nessa jornada: Thais Elaine, Alexandre Cardoso, Victor Borges, Gabriel Tavares de Lima e Nathalia Alves.

À Banca do Exame de Qualificação, Dra. Marina Cuser e Prof. Paul Kardous, pelos valiosos apontamentos que muito ajudaram no desenvolvimento do trabalho.

À Fundação São Paulo, pelo suporte financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa.

**Brunet, Nathalia. A semiótica psicanalítica dos celibatários involuntários. 2021.  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP,  
São Paulo.**

## **RESUMO**

A presente pesquisa visa analisar os celibatários involuntários e os desdobramentos de sua atuação na internet. Os incels, diminutivo para *involuntary celibate*, se juntam a uma rica galeria de tipos de homens. Imersos em seus conflitos morais, sociais e psicológicos, eles se sentem impossibilitados de estabelecer relações afetivas com mulheres. Como resposta, o grupo tem fomentado discursos de ódio, dentro e fora das redes. Trabalhamos com a hipótese de que a cultura é misógina e o *mal-estar* de gênero encontra ressonância na lógica do espetáculo que intui o indivíduo de abrir mão de sua via desejante. O *corpus* da pesquisa prioriza a narrativa particular da vida de um incel, com vídeos postados em seu canal do YouTube entre 2019, 2020 e 2021. Em um primeiro momento, esta pesquisa oferece um panorama sobre as inúmeras crises que assolaram o mundo ocidental nas últimas décadas. O objetivo é capturar o contexto das guerras virtuais que vêm se desenrolando em torno das políticas de identidades. Apresentamos o indivíduo incel e sua atuação nos Estados Unidos e no Brasil. A base teórica se volta para a análise dos signos semióticos, com o apoio da psicanálise freudiana e lacaniana. A pesquisa ainda envolve leituras sobre gênero, misoginia e embates do herói viril, neste caso com Judith Butler (2003), Howard Bloch (1991) e Antoine de Baecque (2003). Também são explorados estudos recentes sobre os valores de mercado que ordenam a vida social, desta vez com Maria Rita Kehl (2015). Esta pesquisa é relevante por conta da inexistência de trabalhos sobre os celibatários involuntários, fenômeno recente que vem se estabelecendo como uma violenta articulação que encontra campo fértil de expressão no real.

**Palavras-chave:** Incel. Misoginia. Psicanálise. Semiótica.

**Brunet, Nathalia. The Psychoanalytical Semiotics of the Involuntary Celibates, 2021. Dissertation. (Master degree) – Pontifical Catholic University of São Paulo – PUC – SP, São Paulo.**

## **ABSTRACT**

This research aims to analyse the involuntary celibates as well as the outcomes of their online activities. Incels offer us deep insights on contemporary masculinity. Immersed in moral, social and psychological conflicts these men feel unable to establish emotional bonds with women. As a result of their angst, the group has promoted hate speech, inside and out of the internet. We hypothesize that our culture is deeply rooted on a misogynistic bias and the gender discontent resonates with the capitalist Market's self annihilation politics. From that point on, our corpus is delimited by private videos uploaded by a subject, member of incel online groups, in his YouTube channel from 2019 to 2021. As the subject's narratives unveil different aspects of contemporary culture, the research sheds light on the historical identitarian crisis in western society. The current attack on identity politics is dissected through a thorough analysis of semiotical signs, in a Freudian and Lacanian perspective. The incel subject is characterized amidst the *crisis*, as the research evokes Judith Butler (2003), Howard Bloch (1991) and Antoine de Baecque to portrait the conflicts in gender politics and misogyny, as well as the downfall of the virile hero narrative. It is not without underlying the shift in cultural values towards a mercantilist subjectivity that our research indicates the absence of scientific publications about the involuntary celibates, social phenomena growing on the fertile ground of online hate speech.

**Keywords:** Incel. Misogyny. Psychoanalysis. Semiotics.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – O sapo Pepe criado por Furie.....	29
<b>Figura 2</b> – Mensagem anônima de alerta no 4chan.....	31
<b>Figura 3</b> – Mensagem anônima de alerta no 4chan.....	32
<b>Figura 4</b> – A subversão da imagem do sapo Pepe.....	32
<b>Figura 5</b> – Tela da página inicial do fórum Love-shy.com, início dos anos 2000.....	39
<b>Figura 6</b> - Post do fórum r/Braincels.....	43
<b>Figura 7</b> – Capa da revista americana New York, edição maio 2019.....	44
<b>Figura 8</b> – "Saint Elliot", imagem produzida nos fóruns após o atentado.....	47
<b>Figura 9</b> - A esteira de evolução do gênero feminino, de acordo com os incels.....	53
<b>Figura 10</b> - Post do fórum Forever/Alone, do Reddit, 2021.....	56
<b>Figura 11</b> - Post do fórum Forever/Alone, do Reddit, 2021.....	56
<b>Figura 12</b> - Post do fórum Forever/Alone, do Reddit, 2021.....	56
<b>Figura 13</b> - Post do 4chan sobre o atentado de Santa Catarina.....	95

## SUMÁRIO

<b>1 Introdução .....</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 1</b>	
1.1 O contexto das crises na experiência norte-americana.....	15
1.2 As guerras culturais <i>on-line</i> : o ódio vulgar e o ultra puritanismo.....	24
1.3 Apresentando o indivíduo incel.....	36
<b>Capítulo 2</b>	
2.1 O paradoxo do amor romântico.....	50
2.2 Projeções viris: a redenção do herói.....	64
2.3 O declínio da lei simbólica .....	81
<b>Capítulo 3</b>	
3.1 Análise dos enunciados .....	96
3.2 Primeira categoria: gênero e relacionamentos.....	97
3.3 Segunda categoria: perspectivas sociais.....	101
<b>Considerações finais.....</b>	<b>107</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>110</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é sobre os celibatários involuntários, referente ao diminutivo incel, jovens homens que se sentem incapazes de estabelecer trocas afetivas com mulheres. A incursão neste objeto nos leva aos labirintos interiores de um certo tipo de indivíduo: o homem do *topos* que remete ao subterrâneo *on-line*. Muitas vezes essas paisagens internas foram trazidas à tona por escritores e filósofos, especialmente por Dostoiévski, criador do lugar retórico do subsolo, do sonho, da ilusão. “Desde a manhã, me atormento com uma espécie surpreendente de melancolia. De uma hora para outra, tive a impressão de que estava sozinho, de que todos me abandonaram e se afastaram de mim” (DOSTOIÉVSKI, *In: Noites Brancas*).

Os afetos do tipo dostoienskiano se interpenetram com o tipo incel, ambos desesperados diante do vazio, da falta. “Acredite que nunca, nunca, nenhuma mulher? Nunca tive nenhum contato!”, reclama o personagem anônimo do século XIX, animado pelo melodrama e pela ansiedade irreparável do encontro com o outro. Esta pesquisa, nos convida a pensar o homem que habita os fóruns e *chats* de plataformas como Reddit e 4chan, o universo das singularidades masculinas contemporâneas. Homens tímidos, com dificuldades confessadas de estabelecer conexões sociais, se agrupam em comunidades *on-line* para compartilhar experiências em comum. As comunidades surgiram sob a alcunha do termo incel ainda nos anos 1990, como um grupo de apoio em que seus membros falariam sobre suas crises pessoais, como a timidez, baixa autoestima e solidão. Como veremos adiante, elas se transformaram em um ambiente perigoso, dominado por preconceitos de toda ordem. A misoginia funciona como um líquido tóxico, que se espalha e estimula outros tipos de ódio.

Em 2012, Wellington de Menezes, armado com dois revólveres, entrou na Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro, e atirou trinta vezes. Dez corpos de meninas no chão para formar uma tragédia que foi programada e incentivada no interior dessas comunidades *on-line*. Após os homicídios, Wellington atirou contra sua própria vida, ganhando status de herói entre os anônimos do fórum. Veremos como a palavra herói é comumente usada para se referir a um ato de transgressão, de desafio que demanda coragem

individual perante um sistema, percebido por eles, como opressor. A violência verbal do *chat* verteu-se em sangue. Os cadáveres femininos do massacre de Realengo certamente exacerbam o aspecto misógino da sociedade, entretanto, também apontam para outras problemáticas.

Fóruns de discussão no formato do Reddit e do 4chan ganharam força ao proporcionar debates sobre uma miríade de assuntos, garantindo o anonimato dos usuários. No entanto, essa proteção de identidade contribui para que pautas criminosas, como estupro e como pedofilia, sejam levantadas, em muitos casos, impunemente. A liberdade de expressão nesses espaços é comumente citada como um escudo na propagação do discurso de ódio. É nesse lugar que jovens entre 17 e 35 anos concentram a maior parte de suas interações sociais.

O acúmulo de traços negativos e a assiduidade dos membros do grupo vêm construindo o que eles chamam de cultura incel. No caldo sógnico dessa subjetividade, os termos beta e incel, apesar de serem distintos, referem-se ao homem que se sente incapaz de se apropriar de sua virilidade. O relato deles dá conta que o fracasso acontece tanto na instância simbólica da cultura quanto na dimensão da natureza biológica. Impossibilitados de responder aos padrões de beleza, de carreira e de status projetados pela sociedade burguesa, eles se voltam com rancor contra uma natureza que não os privilegiou com uma estrutura corporal adequada. No processo de autodepreciação, eles se escondem na sombra do vitimismo e inundam os *chats* de violência contra um variado elenco de inimigos. São mulheres, homens percebidos como viris, a esquerda política, a polícia. A afinidade de crenças e de valores atraem usuários, formando uma grande rede de sentidos. O slogan libertário da contra revolução dos anos 1960, “É proibido proibir”, se encaixa com precisão na conduta desses grupos, cuja operação é um chamado às estranhezas da mente humana, na forma de memes, trollagens e gifs. O uso do humor é recorrente e funciona como um recurso para lidar com temas como sofrimento psíquico e suicídio. O arco que se inicia em solidão pode acabar em tragédia, não somente individual, mas coletiva, pois esse modo particular de comunicação é afirmativo em sua missão de gerar caos. Nessa complexa rede de afetos, os usuários são atraídos pela similaridade de ideias e crenças. Ao entrarem nessas bolhas, uma ideologia a respeito dos papéis sociais de gênero é exaustivamente repetida por interlocutores de visões obscuras.

No primeiro capítulo, a pesquisa trata do panorama social. A internet se tornou campo minado dos movimentos alternativos de direita, que incluem núcleos racistas, misóginos, xenófobos, homofóbicos, entre outros. O movimento incel, apesar do foco na abstinência sexual, pertence ao bojo mais amplo do movimento de direitos dos homens (men's rights activists - MRA), espalhados pelo mundo ocidental como expressão da extrema direita política, cujo grupo mais proeminente é a *alt-right* (direita alternativa). De fato, existe um cruzamento entre grupos de orientações e siglas distintas, mas o pano de fundo geral é marcado pelas crises globais que emergiram ao longo dos séculos XX e XXI, sobretudo a crise da democracia liberal. Abordaremos o contexto geral das crises, até extrair as particularidades do movimento incel.

No segundo capítulo, trabalho a questão da misoginia a partir do amor cortês medieval, com Howard Bloch (1991). A leitura teórica desse objeto será feita através da psicanálise lacaniana. No *Seminário 7*, Jacques Lacan trabalha o conceito de anamorfose - uma ilusão de ótica empreendida por pintores no século XVII - para esclarecer a experiência do amor nas cortes provençais europeias. Ao passo que a poesia cortês funde uma experiência de linguagem extremamente bem-sucedida, a partir do vacúolo, Lacan localiza o cálculo neurótico inconsciente de tornar a mulher inacessível ao plano da realidade. A pesquisa também considera a narrativa viril estadunidense, principalmente por causa do mito do herói viril. O fenômeno incel, como será mostrado, tem suas raízes na cultura norte-americana, considerando o abrangente apelo da política de armas de fogo no país. A partir da fábrica mitológica de Hollywood, da qual originam-se muitas das histórias que habitam nossas mentes, olhamos para o gênero western e os personagens hitchcockianos, sobretudo dos filmes *Janela Indiscreta* (1953) e *Vertigo* (1958). Para empreender tal abordagem cinematográfica, trabalhamos com Antoine de Baecque (2013), Tania Modleski (1987) e Slavoj Žižek (2006).

Com Maria Rita Kehl (2015), passo para a análise da composição dos grupos no campo de identificações horizontal atrelado às paixões de segurança identitária. Na psicanálise, as referências identificatórias do eixo vertical são utilizadas para caracterizar as relações com a lei em sociedade, matizadas pelas interdições no campo simbólico. O projeto de emancipação do indivíduo burguês, interpenetrado pelo enfraquecimento da autoridade no

contexto dos séculos XX e XXI, recorre justamente a composição de grupos para retratar uma experiência contemporânea. Não se trata mais dos fenômenos de massa observados por Freud no período entre guerras. Em um sentido mais evidente, diante da ausência de referências no eixo vertical, os jovens usuários dos fóruns acessam o plano das identificações horizontais, que é o próprio plano do espetáculo, para simbolizar suas angústias pessoais e fomentar as identidades que emergem no cerne da internet anônima. O que permite considerar que o *mal-estar* de gênero, dado que a cultura é misógina, ganha ressonância nesse cenário, uma vez que o indivíduo abre mão de sua condição desejante para responder em nome de um conjunto anônimo.

## **CAPÍTULO 1**

### **1.1. O contexto das crises na experiência norte-americana**

Compreender os caminhos que tornaram a internet um ambiente de extremos, num jogo ininterrupto entre o politicamente correto e os discursos de ódio, nos leva para um emaranhado de múltiplas crises. Inicialmente, faz-se necessário deslocar nosso interesse para o amplo espectro da crise financeira global das últimas décadas. A crise de um modelo de capitalismo, o capitalismo financeiro global, extrai sua justificativa no entrelaçamento de fatores como a interdependência dos mercados mundiais, e na utilização de tecnologias digitais cujo desenvolvimento de capital virtual especulativo ocorre em detrimento à capacidade produtiva de economia de bens e serviços (CASTELLS, 2018, p. 20-21). O colapso de uma parte substancial do sistema financeiro, ocorrido em 2008 nos Estados Unidos, desencadeou inúmeras crises, entre elas, a de legitimidade política e a identitária. A relação entre governantes e governados entrou num processo definitivo de erosão, acarretando em uma total desconfiança por parte da população na estrutura política que sustenta a democracia liberal.

A crise da democracia liberal resulta da conjunção de vários processos que se reforçam mutuamente. A essa crise da representação de interesses se une uma crise

identitária como resultante da globalização. Voltar ao Estado como centro da decisão, acima das oligarquias econômicas e das redes globais. Voltar à nação como comunidade cultural da qual são excluídos os que não compartilham valores definidos como originários. Voltar à raça, como fronteira aparente do direito ancestral da etnia majoritária. Voltar, também, à família patriarcal, como instituição primeira de proteção cotidiana diante de um mundo em caos. Voltar a Deus como fundamento. E, nesse processo, reconstruir as instituições de coexistência em torno desses pilares herdados da história e agora ameaçados pela transformação multidimensional de uma economia global, uma sociedade de redes, uma cultura de mestiçagem e uma política de burocracias partidárias (CASTELLS, 2018, p. 37-38).

O quadro das sociedades de redes, aponta o Estado como o fio que se conecta à nação, através de práticas institucionais, e também às redes supranacionais, articuladoras do grande acordo global que rege as economias políticas. O formato Estado-nação garante a entrada ao banquete da economia global. Entretanto, ao passo que se adquire capacidade competitiva para se firmar nesse cenário, os países transferem parte de seus poderes aos centros de decisões que são alheios à vida comum de seus cidadãos.

Esse grande acordo global põe os cidadãos à margem da tomada de decisões de suas vidas, alienando principalmente os amplos setores populares. A dissociação crescente entre os governos e a população é o aspecto-chave para entender as crises que se desenrolaram nos últimos anos. O cientista político Yascha Mounk (2018) aponta em suas pesquisas que, nas últimas décadas, os Estados Unidos e os países da Europa Ocidental se tornaram menos democráticos. De fato, a crônica liberal nos conta sobre a autonomia que os indivíduos supostamente teriam sobre suas vidas. Na prática, o total descaso por parte dos governos somado à falta de emprego e ao congelamento da renda têm gerado desconforto e intensa agitação social. Em outras palavras, isto diz respeito às frustrações quanto ao regime democrático, que foram acentuadas pela estagnação econômica. Segundo Mounk, "desde o início da Revolução Industrial até o auge da democracia moderna, foram conhecidas imensas melhorias nas condições de vida, ao passo que no último quarto do século, na melhor das hipóteses, as gerações mais jovens conheceram ganhos modestos" (MOUNK, 2018, p. 189).

Na vertigem dos fluxos globais, o Estado perdeu o elã que unia os cidadãos em torno do discurso liberal. O achatamento da renda, a crise da representação de interesses e a crise identitária são resultados da crescente alienação do povo nas estruturas de poder, que se sentiu obrigado a voltar para uma essência cuja noção remonta à raça, à terra, ao Deus. A

ação afirmativa das lutas identitárias revela um desejo lancinante por estabilidade. Contudo, os protestos, as manifestações e as ameaças não surgem apenas das minorias historicamente desfavorecidas. Pois, de acordo com as pesquisas, pela primeira vez na história, a expectativa de vida do branco americano está caindo (CASE; DEATON apud MOUNK, 2018, p. 189).

Organizar-se politicamente, sob o discurso de uma identidade própria, virou um aspecto fundamental no contexto das crises que assolaram o mundo ocidental contemporâneo. Nas palavras de Castells (2018, p. 51), “a identidade política dos cidadãos, construída a partir do Estado, vai sendo substituída por identidades culturais diversas, portadoras de sentido para além da política”.

No espectro político, tanto a esquerda quanto a direita, têm afirmado políticas de identidade. Grupos étnicos e culturais (afro-americanos, latinos, chicanos, indígenas americanos, asiáticos de diferentes nações e etnias, mulheres, lésbicas, gays, transexuais e outras composições) emergiram na luta por seus direitos. À esquerda, têm o *Black Lives Matter* e o feminista *Ni Una Menos*; à direita, *Alt-Right* e *Tea Party*<sup>1</sup>. No cerne das reivindicações das identidades multiculturais, está a contestação da identidade patriarcal do homem branco.

Diante do discurso multicultural que o preconiza como inimigo, e das mudanças econômicas que afetaram drasticamente seu estilo de vida, o homem branco também emergiu na luta identitária. “Desse sentimento de exclusão das manifestações culturais dominantes e das categorias protegidas em termos de direitos especiais, surgiu a necessidade de uma afirmação dos esquecidos da política identitária: o homem branco” (CASTELLS, 2018, p. 51).

Ao descompasso com a situação econômica somou-se um descompasso com a própria identidade. Max Weber pensou criticamente sobre as ligações em torno das fraternidades masculinas criadas no pós-Primeira Guerra Mundial até as premissas da Segunda. As fontes históricas mostram que o período entre guerras caracterizou-se pela transformação industrial

---

<sup>1</sup>Partido do chá em tradução para o português. Trata-se de uma organização de pessoas com ideologia política de extrema-direita.

e urbana, marcada pela crise de caráter econômico, social e político. Reunidos no seio de uma cultura que perpetuava a precariedade e vulnerabilidade, as fraternidades masculinas foram percebidos por Weber como respostas possíveis aos fenômenos totalitários de massa que se formavam a partir de então, um anúncio pessimista sobre a natureza dessa ligação social. Claudine Haroche explica:

Weber sublinha que estes mecanismos remetem à ausência, à privação, ou seja, à recusa de autonomia e de valor de si, e conclui então com a ameaça que pode constituir para a democracia a “atividade comunitária”, sublinhando o pavor frequentemente experimentado diante da diferença (HAROCHE apud COURTINE, 2013, p. 23).

Na tentativa de compreender os movimentos análogos na atualidade, Michael Kimmel (2013) empreendeu uma vasta pesquisa de campo, em que entrevistou homens por toda parte dos Estados Unidos. Depois de ouvir uma quantidade expressiva deles, Kimmel sintetizou a experiência atual sob uma única emoção: raiva. Não à toa, inspirou o nome de seu livro, *Angry White Men (Homens brancos com raiva)*.

A supremacia branca representa um amplo conjunto de expressões e valores. De acordo com Kimmel (2013), o registro original revela o desejo de preservar as fronteiras entre as raças, afirmando a superioridade do fenótipo de pele clara, historicamente ligado à população europeia. A partir disso, formaram-se inúmeros movimentos, como o Ku Klux Klan, criado no século XIX e revisitado até os dias atuais, como uma organização terrorista cujos ataques se dirigiam principalmente aos pretos, judeus e católicos. Na esteira desses movimentos, a *alt-right* surge como uma expressão da extrema-direita política, cujas reivindicações se concentram na insatisfação contra os conservadores tradicionais, considerados impotentes diante dos interesses raciais dos brancos no contexto atual. O termo surgiu em 2010 e ganhou fôlego na eleição americana de 2016, quando incorporou à sua imagem a corrente *anti-establishment*, e, por consequência, atraiu muitos seguidores jovens. Os mais variados discursos de ódio foram colados na teia de sentidos da *alt-right*. A voz da supremacia branca é expressa de forma dispersa e particular, porém, alcançou desdobramentos inesperados, sobretudo na política. Angela Nagle (2017) examina:

Consequentemente, muitas pessoas ponderam se o rótulo “alt-right” coloca um polimento muito fino no que é, na melhor das hipóteses, uma mistura feia de

racismo, xenofobia e misoginia. Em resposta, muitas organizações de notícias discutiram se é apropriado usar o termo e, em caso afirmativo, como defini-lo para seus leitores. Mas não importa como você o chama, o movimento é claramente construído em torno de uma agenda política que busca promover os direitos dos cidadãos brancos do sexo masculino às custas de todos os outros. A tempestade de tuítes de Mohutsiwa elucida um ponto importante, geralmente esquecido: a maioria dos homens brancos que se radicalizam na *alt-right* começam em busca de amigos com ideias semelhantes (NAGLE, 2017, p. 80).

A pesquisa de campo empreendida por Kimmel (2013) revela que a espinha dorsal dos grupos em torno da supremacia branca é formada pelas classes média e média baixa em declínio, outrora definida por sua autonomia econômica. A “classe trabalhadora branca esquecida”, que se enquadra num esquema de eleitorado ao estilo dos anos 1950, forma com a geração mais jovem da *alt-right*, um pacto em defesa dos valores originários dos brancos norte-americanos. O slogan da campanha de Trump em 2016 - *Make America Great Again*, sintetiza a aposta do grupo, que, segundo Kimmel, foi o mais fraturado na última metade do século, especialmente a partir dos anos 1980, quando a terceirização de empregos da indústria foi acompanhada pela crise agrícola (KIMMEL, 2013, p. 30).

Ameaçados diante da austeridade econômica e do multiculturalismo cada vez mais presente, essas células políticas se movimentam sob o ímpeto da raiva e do vitimismo. Kimmel emprega o termo *entitlement* (equivalente a senso de direito prejudicado), para caracterizar o comportamento desse conjunto. Grosso modo, existe uma forte sensação de perda que se manifesta tanto no nível material, do plano econômico, quanto no imaterial, relativo às expressões simbólicas da cultura. De fato, o capitalismo financeiro global cristalizou a distribuição de renda, prejudicando os setores populares que foram largados à própria sorte quando as grandes indústrias abandonaram suas cidades, tornando-as desertas e pobres. Em paralelo, a agenda multicultural se diversificou e ganhou espaço no debate público.

Seu senso de reclamação depende de seu senso de direito. Esse sentimento de direito pode vir de muitos lugares. Pode vir de promessas específicas feitas e não cumpridas, como promessas de campanha eleitoral que não são implementadas após uma eleição. Pode vir de promessas mais abstratas - como o sonho americano de que se um homem trabalhar muito, for um cidadão honesto e íntegro, ele será recompensado com um bom trabalho que o permitirá sustentar uma família e dar a seus filhos uma base sólida para seu futuro e terão conquistado o respeito e a autoridade que vêm com ele. Ironicamente, essa sensação de ter direito é um marcador não de privação, mas de privilégio. Quem não tem nada sente que nada merece; aqueles que já têm algo acreditam que têm direito a isso (KIMMEL, 2013, p. 45).

A narrativa de origem dos Estados Unidos remonta aos ideais abstratos de exploradores viris, cujo ímpeto de dominação de territórios transformou o país no lugar das oportunidades. Joaquim Nabuco escreveu certa vez: “os americanos estão inventando a vida como se nada tivesse sido feito até hoje”. A mobilidade ascendente foi um dos ingredientes mais eficazes na receita norte-americana, edificando a base sólida do senso de direito abordado por Kimmel (2019), em que os cidadãos, por mérito de trabalho, teriam sempre uma recompensa à espera. O que acontece na realidade não condiz com as histórias produzidas pelas máquinas comerciais de Hollywood. O sonho americano é tributário de inúmeros conflitos experienciados por indivíduos cada vez mais alarmados com as crises que assolaram o país nas últimas décadas. Mounk (2018) explica que "a promessa de um futuro melhor, que é parte imprescindível do sonho americano, revelou-se uma quimera: antigamente, pouquíssimos jovens americanos viveriam sem conhecer uma melhora em seu padrão de vida. Hoje, metade deles enfrenta essa sina" (MOUNK, 2018, p. 188).

Ora, da virilidade, não se exclui a vulnerabilidade. Se, outrora, a energia empreendedora direcionada ao trabalho, transformou os Estados Unidos no campo fértil da ciência e da técnica nos séculos XX e XXI, o terrível medo da queda se materializou no fatídico 11 de setembro de 2001, quando as faces do sonho e do pesadelo americano se tornaram mundialmente conhecidas com as imagens das Torres Gêmeas do World Trade Center em chamas. A maneira como a imagem do país foi elaborada após o atentado terrorista foi marcada pela ambivalência. Ora vitimizados pelo argumento da inveja dos outros países de sua felicidade. Ora autoritários, cientes de seus poderes para iniciar a Guerra ao Terror<sup>2</sup>. Apesar das ofensivas, a então inabalável virilidade norte-americana foi quebrada. Žižek (2002) argumenta:

Aqui, a ironia última é que, a fim de restaurar a inocência do patriotismo americano, o establishment conservador americano mobilizou o principal ingrediente da ideologia politicamente correta que ele oficialmente despreza: a lógica da vitimização. Apoiando-se na ideia de que a autoridade é conferida (apenas) aos que falam da posição de vítima, ele se baseava no seguinte raciocínio implícito: “Agora nós somos as vítimas, e é isso que legitima o fato de falarmos (e agirmos) de uma posição de autoridade”. Assim, quando se ouve hoje o slogan de que terminou o sonho liberal da década de 1990, que, com os ataques ao WTC, fomos violentamente atirados de volta ao mundo real, que acabaram os tranquilos

---

<sup>2</sup> Campanha militar desencadeada pelos Estados Unidos, em resposta aos ataques de 11 de setembro.

jogos intelectuais, devemos nos lembrar de que esse chamado ao enfrentamento da dura realidade é ideologia em estado puro. O slogan de hoje, “Americanos, acordem!”, é uma lembrança distante do grito de Hitler, “Deutschland, erwache!”, que, como Adorno escreveu há muito tempo, significava exatamente o contrário (ŽIŽEK, 2002, p. 14).

Como disse Jean-Jacques Courtine (2013, p. 8), "a virilidade entrou numa zona de turbulências culturais, num campo de incertezas, num período de mutação". Embora os abalos econômicos e culturais tenham provocado uma série de mudanças na forma como o país e seus cidadãos elaboram noções de si, o conjunto de homens da supremacia branca insiste em retornar a essência do mito viril para restaurar algo que foi perdido ou roubado.

O *self-made man* se tornou uma figura de grande êxito da fábrica mitológica norte-americana. Portador dos valores fundamentais da nação, o *self-made man* é o senso de medida para outras identidades, inclusive, outras masculinidades. Pierre Bourdieu (1998) resgata o conceito de virilidade como a capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como inclinação para o combate e para o exercício da violência. Os novos modos de se fazer viril, embora imbuídos de violência, foram transferidos para as formas do autocontrole e do sucesso financeiro. A agressividade do *self-made man*, ganhou novos significados num cenário que exige um indivíduo apto para atender às demandas de uma economia global.

Sobre hegemonia e masculinidade, Forth (apud COURTINE, 2013) examina que é preciso existir uma correspondência entre os ideais culturais e o poder institucional, para que se estabeleça um tipo de masculinidade hegemônica. A partir da estrutura binária de relação entre homem e mulher, engendram-se ideais dominantes de masculinidade hegemônica, que acabam por lançar às margens aqueles que não correspondem aos termos propostos pela norma. Kimmel (2013) aborda o modo de relação entre o centro e as periferias, no que tange às masculinidades. Através da desvalorização de outras formas de masculinidade, entendidas como “subordinadas” ou como “marginais”, busca-se demonstrar a sua própria masculinidade. Entendemos que certos arranjos masculinos elaboraram suas relações com base na desvalorização de outrem para afirmar o poder hegemônico do grupo. Esse comportamento, ancorado nos enredos da cultura, dispõe de uma série de recursos para rebaixar identidades periféricas. No filme *Full Metal Jacket* (1987), de Stanley Kubrick, a falta de virilidade dos soldados é explorada a partir de expressões homofóbicas como

“*faggot*” e “*pussy*” (que se referem a “bicha” e a “*woman*”, para mulher).

Ainda que a masculinidade tradicional continue a ditar as regras do jogo, ela foi perdendo sua amplitude, tornando-se cada vez mais dispersa e alheia, principalmente em relação aos homens que pertencem às classes populares. O conceito de masculinidade hegemônica, centrado em figuras como o *self-made man*, foi tomado pelas elites que habitam as grandes metrópoles, de maneira que as classes mais baixas foram abandonadas à própria sorte nas zonas rurais e nas periferias do país.

No contexto atual, a experiência da raiva articula os fios que conectam diferentes grupos, porém, o abrigo principal é movimento nacionalista identitário. Em geral, o anseio que nutre essas ligações é a proteção da identidade do homem branco. Uma vez que a ameaça da alteridade é cada vez mais real, o refúgio no mito da virilidade fez surgir novos modos de enunciação. Atualmente, o desejo de preservar a superioridade patriarcal do homem branco está no cerne dos embates identitários.

O movimento nacionalista identitário em torno de Trump não é de modo algum um movimento racista ou neonazista, embora em seu seio integre racistas, Ku Klux Klan e outra gente de má vida. São as pessoas atemorizadas pela rápida mudança econômica, tecnológica, étnica e cultural do país. Por isso os velhos brancos apoiaram Trump, para tentar preservar seu mundo, um mundo que em certos momentos viam desaparecer. Ao passo que Trump arrasou no voto dos operários brancos dos pobres do campo e das regiões em crise. Foi um grito de sobrevivência em função de seu único ponto de apoio: serem cidadãos americanos e brancos. Confortados por sua bíblia, sua nação e seu fuzil. Uma marginalização que se iniciou com o deslocamento do trabalho em função da reestruturação da economia e se prolongou, com terríveis consequências, em uma epidemia de medicamentos opiáceos que está devastando o país (CASTELLS, 2018, p. 52).

No cerne da crise de virilidade, o ânimo da multidão masculina foi capturado por personalidades conservadoras, como Rush Limbaugh, Milo Yiannopoulos, Mike Savage, Sean Hannity, entre outros. Eles são alguns dos interlocutores mais importantes desse público, afirmando abertamente seu conjunto de crenças e de valores. Rush Limbaugh é radialista do The Rush Limbaugh Show, um dos programas de maior audiência da rádio americana (KIMMEL, 2013). Limbaugh ajudou a popularizar a expressão “feminazi”, que associa o movimento feminista ao genocídio promovido pelo Terceiro Reich, bem como chama os imigrantes ilegais de “supremacistas marrons” e acusa os ativistas pela igualdade

sexual de estuprar crianças. Kimmel comenta:

Como resultado, *Angry White Men* é um movimento social virtual. Não quero dizer que sejam "virtualmente" um movimento. Quero dizer que eles se organizam virtualmente, que sua organização de movimento social é uma organização virtual. Eles se sentam sozinhos, ouvindo rádio, ouvindo Rush Limbaugh, Mike Savage e Sean Hannity. Eles se encontram *on-line*, em salas de bate-papo e em sites, promovendo os direitos dos homens antifeministas ou a re-arianização da América. Eles vasculham o ciberespaço, a polícia anti-PC, prontos para atacar qualquer blogueiro, colunista ou quase liberal que se atreva a dizer algo do qual discorda (KIMMEL, 2013, p. 33).

Limbaugh tem uma coleção de fraquezas para compartilhar em seu programa de rádio. Ele fala publicamente de sua luta contra obesidade, da evasão do serviço militar, dos casamentos sem filhos, e de seus vícios em Viagra e no opiáceo OxyContin. A pesquisa de Melina Sherman (apud CASTELLS, 2018) concentra seus esforços na compreensão sobre a epidemia de opiáceos que devastou os setores populares nos Estados Unidos. Castells (2018) localiza o desespero no cerne da onda medicamentosa, cujos efeitos colaterais ressoam como expressão da alienação cultural e da marginalização social que ajudaram a levar Donald Trump à presidência.

A socióloga Sarah Sobiaraj chama de "*outrage midia*" (equivalente à mídia da indignação), os ambientes onde se estimula fúria política. São formados pelos *talk-radio*, *blogs* e notícias destinadas a "provocar uma resposta visceral do público geralmente na forma de raiva, medo ou retidão moral por meio generalizações excessivas, sensacionalismo, informações enganosas ou evidentemente imprecisas, ataques e verdades parciais sobre os oponentes" (SOBIARAJ apud KIMMEL, 2013, p. 60).

Nesse sentido, Lucia Santaella (2018) examina as bolhas ou câmaras de eco em que as notícias falsas se espalham, construindo um ambiente difuso e caótico. Nesses espaços, menores são as chances de prosperar um debate crítico, que se concentre em discutir ideias, e não em reafirmar preconceitos. A confusão é altamente desejada no caso dos programas políticos, pois facilita a propagação de informações parciais, imprecisas e mentirosas. Citamos:

Há ainda o exemplo de mensagens que são construídas com algum engenho para confirmar parcialidades e preconceitos. Seu alvo é sempre dirigido àqueles que se regozijam no conforto da rigidez de seus modos de pensar e sentir, como garantias para maneiras de agir imutáveis. O que se pode inferir das discussões levadas a cabo sobre o tema é que a falsidade funciona em toda a sua potência propagadora porque as pessoas tendem irrefreavelmente a se recolher dentro das bolhas de seus preconceitos. Tornam-se, assim, presas fáceis de interesses dos quais não conseguem se dar conta. Por estarem retidas dentro de suas próprias cavernas platônicas tornam-se incapazes de furar o bolsão de suas crenças fixas para enxergar algumas clareiras fora delas. Portanto, são as bolhas que expandem o poder exercido pelas NFs (notícias falsas). A rigor, as bolhas não são as causadoras diretas das NFs. Elas as incubam e ajudam no seu processo de propagação (SANTAELLA, 2018, p. 35-36).

## 1.2 As guerras culturais *on-line*: o ódio vulgar e o ultra puritanismo

Como vimos nas discussões anteriores, inúmeras crises serviram de pano de fundo para as rupturas políticas que aconteceram nos últimos anos. A clivagem entre os presidentes norte-americanos Obama e Trump é definida por uma miríade de acontecimentos, que tiveram seus picos na austeridade econômica e nos conflitos culturais. O nosso interesse, a partir daqui, é localizar as guerras culturais *on-line* que se desenrolaram no auge da experiência das sociedades em rede. A autonomia dos usuários quanto à produção e à gestão de conteúdo, jogou a arena da mídia tradicional no limbo, como também, o senso de cultura do público *mainstream*. O ciberutopismo, muito debatido nos anos 1990 e 2000 antes do estouro da bolha dot.com, creditava a liberdade dos internautas como um dos meios de descentralizar hierarquias de poder. Entretanto, há que se considerar o florescimento dos discursos de ódio na internet em torno de pautas como misoginia, racismo, homofobia, islamofobia etc.

A vitória de Donald Trump, em 2016, cujo desprezo pelo jornalismo e pela mídia tradicional foi copiado como receita de sucesso por outros políticos no mundo, nos conta sobre o estado de rejeição geral das coisas, e também sobre uma profunda mudança nas formas de comunicação. Afinados em suas bolhas, onde recebem a confirmação de suas crenças, os homens da *alt-right* navegam por fóruns, por *chats* e *blogs*, criando um bloco rígido de informação viciada e a cultura de memes, que escorreu pela mídia tradicional. O

apelo que motiva essa forma de comunicação é o desprezo pelas normas e pelo politicamente correto. Santaella (2018) examina:

A autoridade e a habilidade para publicar agora passam de mão em mão. Não há regras para a aceitabilidade do que se pensa e se fala quando as normas desvanecem. Foram erodidos os princípios daquilo que uma conversação deve ser. Inteiramente novo, portanto, é o modo inédito de operar e a grande mudança de escala propiciada pelo poder de difusão do computador habilitado pelas plataformas de redes sociais (SANTAELLA, 2018, p. 31).

A segunda década dos anos 2000, foi marcada pela eclosão de movimentos políticos cuja expressão maior foi o caráter sem liderança. O movimento Occupy Wall Street, a Primavera Árabe e os protestos em massa na Espanha inspiraram outras manifestações que tomaram as ruas das cidades de todo o mundo. O espelhamento do digital ocorreu na forma dos movimentos de hackers politizados, como Anonymous e Wikileaks. Nagle (2017) explica:

A narrativa da rede sem liderança, que já estava começando a parecer um pouco menos convincente, foi deixada de lado porque os protestos rapidamente irromperam no domínio da multidão fascista. Em muitos dos eventos que foram considerados parte da narrativa da revolução digital sem liderança, como o Occupy Wall Street e os protestos em praça pública na Espanha, em que milhares ocuparam a Puerta del Sol, a máscara de Guy Fawkes foi adotada como um símbolo central. Mas as origens *on-line* da máscara e as sensibilidades politicamente fungíveis que podem ser rastreadas através da máscara deveriam ter dado uma pista de que outra variedade muito diferente de movimento *on-line* sem líder tinha potencial para crescer (NAGLE, 2017, p. 33).

Plataformas como Reddit e 4chan surgiram no olho do furacão dos movimentos políticos sem liderança. Um dos criadores do Reddit, Aaron Swartz, se tornou mártir do ativismo político pelos direitos da liberdade na internet. Swartz foi co-designer de ferramentas como RSS e como Markdown, que moldaram a evolução da *web*. Ele também ajudou a escrever o código que sustenta o Creative Commons, um sistema que usa a lei de direitos autorais para dar às pessoas comuns controle sobre como suas criações digitais podem ser usadas por outras pessoas. Hackerativista, ele invadiu o sistema JSTOR, uma biblioteca digital que contava com 5 milhões de artigos acadêmicos, e disponibilizou o arquivo publicamente. A ação culminou num longo processo judicial e no seu suicídio, cinco anos depois.

O Reddit foi uma das primeiras plataformas a deslanchar na rede sob a bandeira da liberdade de expressão, em 2005. Os usuários, chamados de *subredditors*, não precisam de e-mail para acessar o site, apenas de uma conta registrada. Como um gigante coletivo de fóruns, ele é dividido por categorias, os *subreddits*, cujos temas são indicados entre barras. Uma miríade de assuntos são abordados: videogames, esportes, carros, política. Cada *subreddit* tem um mediador responsável. Os usuários podem compartilhar conteúdo de outros lugares da *web* através de links, e os posts que recebem mais votos ficam no alto do frontpage, ao passo que os menos votados perdem visualização. Em alguns *subreddits*, fala-se abertamente de racismo, de misoginia, de homofobia e de outros preconceitos. Apesar da flexibilidade e da tolerância para tratar desses temas, existe um limite nas políticas da plataforma, podendo culminar na exclusão do fórum. Em 2016, um usuário pediu dicas no *feed* sobre como se safar de um estupro. O *post* veio à tona na mídia tradicional e a plataforma banuiu o *subreddit* r / incels, o mais popular entre os celibatários involuntários. Quando isso acontece, os usuários são forçados a abandonar o Reddit em busca de locais menos policiados. O 4chan, o 8chan, e as camadas da *deep web* são zonas mais obscuras, onde tudo é permitido em nome da “transgressão”. Analisaremos o 4chan e a sua relação com a *alt-right*.

O 4chan nasceu em 2003, quando o adolescente Christopher Poole, com então 15 anos de idade, concebeu o experimento virtual baseado num fórum de discussão japonês, indicando o expressivo interesse de homens jovens por anime japonês, por quadrinhos, por videogames e por tecnologia. A expressão japonesa “hikikomori”, que significa “atraído para o seu interior, confinado em si”, popularmente conhecida entre os usuários do nicho, é uma boa definição para entender como esses jovens anônimos se atraem e se aglutinam em suas bolhas *on-line*. O conjunto de ferramentas oferecido pela plataforma permite intercalar imagens, diálogos e gifs. Com isso, criou-se uma nova forma de criar e compartilhar conteúdo na internet, em que as discussões acontecem, principalmente, em torno de imagens. Os memes, amplamente conhecidos e divulgados nas redes sociais tradicionais, surgiram no 4chan, que recebeu o apelido de “a fábrica de memes”. Nesse sentido, vale mencionar que a ideia chave da obra *Sociedade do espetáculo*, de Guy Debord (1968), é que a relação social entre os indivíduos é mediada por imagens.

Além das discussões baseadas em imagens, outra característica importante do 4chan é seu estilo de interação, marcado pela troca de mensagens excessiva, aspecto que revela o propósito da plataforma, em que seus usuários são comprometidos com a “transgressão”. Em entrevista à revista *Época* (2015), Christopher Poole justifica o conceito, afirmando que “o que é realmente único no 4chan não é o software, não é o produto, é a comunidade, a cultura, a identidade, o conteúdo sendo postado por 12 milhões de pessoas. Não é com um produto que eles estão interagindo, é com a comunidade”.

Como toda comunidade, o 4chan criou seu próprio sistema de valores. O caráter niilista e irônico é temperado com elementos da cultura *pop*. Beta, incel e *nerd* são os nomes das subjetividades que vêm sendo esculpidas no interior desse experimento *on-line*. Os três integram um tipo de arquétipo masculino desvirilizado e debochado, que odeia e que zomba explicitamente de mulheres. Para construir essas identidades, estabeleceu-se uma relação direta com produtos midiáticos como filmes, como quadrinhos e como videogames. *O Psicopata Americano* (2000), *Clube da Luta* (2008) e *The Matrix* (2007) são exemplos de filmes cujo conteúdo de violência masculina mistura-se com elementos provocadores para compor a “filosofia” propagada no site, atribuindo-lhes novos sentidos e criando uma identidade cultural à parte, com o objetivo de repudiar o sistema tradicional e de afirmar o desejo pela “transgressão”.

*O Psicopata Americano* (2000) transita entre a fantasia e a realidade. Pelo menos foi o que disse Bret Easton Ellis, autor do livro homônimo de 1987, ao responder à crítica da época, chocada diante da violência sexual da obra. O personagem Patrick Bateman, banqueiro em Wall Street, é jovem, rico e bonito. Num ambiente de luxo, ele frequenta festas, assiste pornografia obsessivamente, e passeia pela cidade de Nova Iorque à noite, à procura de prostitutas e de moradores de rua para infligir torturas e morte. Maurice Blanchot escreveu: “o maior sofrimento dos outros sempre conta menos do que o meu prazer”. A obra, além de ser herdeira de uma corrente literária que dá rédea solta à violência e ao desejo, é uma versão do sonho e do pesadelo norte-americano. De dia, Patrick Bateman é uma criatura social, o modelo perfeito do *self-made man*. À noite, mergulha num mundo de sexo, de crueldade e de metamorfose. A marca de ambiguidade, que perpassa obras de arte que

desafiam a moralidade, ecoa no *ethos* dos chanianos. Com essas comunidades *on-line*, instalam-se novos rituais sociais: o culto ao transgressor moral dribla julgamentos por meio de truques e de ironias dos memes, por exemplo. Eles afirmam que o tom de brincadeira define o jogo de postagens da rede social. Vale tudo pelo *lulz* (variante plural de *lol*, que significa risadas, kkkk).

Uma expressão comum do grau de estranheza que habita o 4chan, é o fórum / b /. Nele, o habitante do fórum remete, à sua maneira, aos hóspedes do castelo de Marquês de Sade. A paisagem é dominada por pornografia, por pensamentos suicidas, por assassinos e por incestuosos, além de misoginia, de racismo, de homofobia, entre outros. Um entusiasta / b / escreveu:

/ b / é o cara que diz ao aleijado à sua frente na fila para se apressar. / b / é o primeiro a ir para a janela para ver o acidente de carro do lado de fora. / b / é quem escreveu seu número na parede do banheiro do shopping. / b / é o cara vagando pela Park Ave. que está sempre tentando lhe vender alguma coisa. / b / é aquele que entregou suas roupas encharcadas de esperma para a Boa Vontade. [...] / b / é um sonho ardente de incesto que você tentará esquecer por dias. / b / é o único de seu grupo de amigos que está seguro em sua sexualidade e diz qualquer coisa. / b / é o cara sem DE que ainda gosta de experimentar Viagra. / b / é um amigo que constantemente lhe pede para experimentar a masturbação mútua com ele. / b / é o cara que liga para uma linha direta de suicídio para falar com o conselheiro. / b / é quem deixou um preservativo usado fora do pátio da escola. / b / é a voz em sua cabeça que lhe diz que não importa se ela está bêbada. / b / é o único que entende o que diabos você está dizendo. / b / é alguém que pagaria a uma prostituta para comer sua bunda, e só isso. / b / é o tio que tocou em você várias vezes. / b / ainda está se recuperando no hospital, depois de tentar algo que viu em um hentai. / b / é o prazer do qual você se sente culpado ao tentar brincar com o ânus durante a masturbação. / b / é maravilhoso (ENTUSIASTA / B /, em um dos fóruns da plataforma 4chan).

Um dos aspectos que mais engajou os participantes na experiência do 4chan é que não é preciso criar uma conta para acessar a plataforma. O nome padrão distribuído, *anonymous* (anônimo), para os milhões de usuários que acessam e postam conteúdo assiduamente, representa simbolicamente o desejo de se confinar em bolhas paralelas à sociedade, como o mundo de fantasia dos videogames, dos quadrinhos e dos fóruns. Em reportagem da *Folha de São Paulo* (2017), o jornalista Dale Beran explica que os usuários começaram a chamar uns aos outros de *Anonymous*: “Oi, é o Anon falando aqui”. “Foi-se estabelecendo um padrão de livre expressão libertária ancorado no *status* de anônimo, em que meninos-homens isolados afirmam seu direito de fazer ou de dizer o que quer que fosse, desprezando sentimentos

alheios" (BAREN, 2017).

Do variado catálogo de imagens produzido pelo 4chan, um dos memes mais compartilhados é o sapo Pepe, que fez seu caminho para a mídia tradicional. A exemplo das referências capturadas na cultura *mainstream*, a imagem do sapo verde com corpo humanoide foi retirada da série de quadrinhos *Boy's Club*, criada pelo artista Matt Furie. O personagem de Furie se baseia num modelo de jovem universitário, que come pizza, que bebe cerveja, que joga videogame e que fala besteiras inofensivas, uma caricatura do masculino nerd desvirilizado. Em uma cena do quadrinho, o sapo faz xixi de calças abaixadas e de bunda de fora, e se sente muito confortável nessa posição. Baren (2017) argumenta que Pepe representa a pessoa que abraça a condição de perdedor, que a reconhece e a aceita: “é uma cultura de desesperança, de saber que “o sistema é manipulado”. Nesse sentido, o que vemos são os impasses subjetivos dos usuários do fórum. Se por um lado, eles se consideram cientes das armadilhas do sistema, por outro, escolhem fugir, diante de sua incapacidade de lutar contra ele. O vetor da fuga, os ideais e os desejos que os movem nessa empreitada, acabam por expor seus próprios conflitos internos, demonstrados na severa insensibilidade aplicada aos outros e a si mesmos. Os usuários impregnaram a imagem do sapo de elementos contraditórios, como a suástica nazista, transformando-o em símbolo de ódio, com o intuito de fazer “rir” o exército de *channers*.



Figura 1: O sapo Pepe criado por Furie.

Uma indagação importante surge aqui: onde acontece a intersecção entre subculturas *on-line* de nicho, como o 4chan, e a ampla órbita da direita alternativa, a *alt-right*? Com essa intersecção, acenamos para as guerras culturais que se desenrolaram nas disputas em torno de temas como feminismo, drogas, armas, aborto, direitos LGBTAQIA+. A partir do livro do sociólogo James Hunter, da Universidade de Virgínia, a expressão “guerra cultural” se popularizou nos Estados Unidos na década de 1990. Apesar das guerras culturais não implicarem questões econômicas em seus termos, não deixaram de refletir nas tentativas de implementar políticas públicas para beneficiar a massa branca. Nessa direção, Castells (2018) aponta:

Tal foi, em particular, o caso de Steve Bannon, ex-marine, graduado em Harvard, rico empresário midiático de Hollywood e executivo de rádio e televisão. Sua visão é criar um movimento popular capaz de se perpetuar no poder por meio de uma política de infraestruturas que proporcione emprego reservado à classe operária branca, uma oposição sistemática à imigração e uma islamofobia institucional que coloque a segurança nacional no centro da política, em contraposição às elites globalizadoras (CASTELLS, 2018, p. 53).

Steve Bannon é uma figura central no movimento nacionalista identitário norte-americano. Além de ter feito parte da estratégia de campanha de Trump em 2016, ajudou a consolidar o Breitbart News, site conservador extremamente influente entre o público de direita, criado por Andrew Breitbart. O núcleo duro de apoio a Trump abarca tanto a classe trabalhadora mais velha quanto os jovens que integram subculturas *on-line*, aficionados por memes e por tecnologia. Como vimos anteriormente, com Kimmel (2013), de maneira caótica e dispersa, eles compartilham o repúdio pelo politicamente correto, pelo feminismo e pelo multiculturalismo, expressando-se em meios de comunicação variados. Esse composto ajudou a impulsionar a sensibilidade estética *anti-establishment* e a promover a ascensão da extrema-direita ao poder. Sobre isso, Nagle (2017) examina:

O que agora chamamos de *alt-right* é na verdade essa coleção de muitas tendências separadas que cresceram de forma semi-independente, mas que foram unidas sob a bandeira de uma explosão de políticas culturais anti-PC por meio das guerras culturais dos últimos anos. O estilo de trollagem irreverente associado ao 4chan cresceu em popularidade em resposta à expansão da política de identidade de espaços mais femininos como o Tumblr (NAGLE, 2017, p. 87).

Em desacordo com as mudanças dos paradigmas sociopolíticos, o lado sombrio da masculinidade ocidental contemporânea materializou-se paulatinamente, tanto na política quanto nos eventos que arrasaram escolas, faculdades e ruas das cidades norte-americanas. Em um *post* de 01 de outubro de 2015, um usuário anônimo escreveu no 4chan: “O primeiro de nossa espécie lançou medo nos corações da América [...] Este é apenas o começo. A Beta Rebellion começou. Em breve, mais de nossos irmãos pegarão em armas para se tornarem mártires desta revolução”.

As notícias que o jovem Christopher Harper-Mercer, de 26 anos, matou nove estudantes e feriu outros nove antes de cometer suicídio no Umpqua Community College em Roseburg, Oregon, trouxe à tona um *post* do 4chan / r9k / board, alertando os usuários do noroeste dos Estados Unidos para evitar ir à faculdade naquele dia. A primeira resposta ao *post* foi: “*Será que o levante beta finalmente vai acontecer?*”. O conteúdo das mensagens revela que o tema dos atentados era particularmente sensível nas discussões do fórum. Existia um diálogo aberto sobre atos de violência extrema, em que eles recorrentemente se encorajavam e trocavam saberes sobre armas de fogo e sobre como conduzir tiroteios em massa. A "revolução beta" diz respeito às ideias do grupo em transformar o mundo a partir de atos de violência extrema.

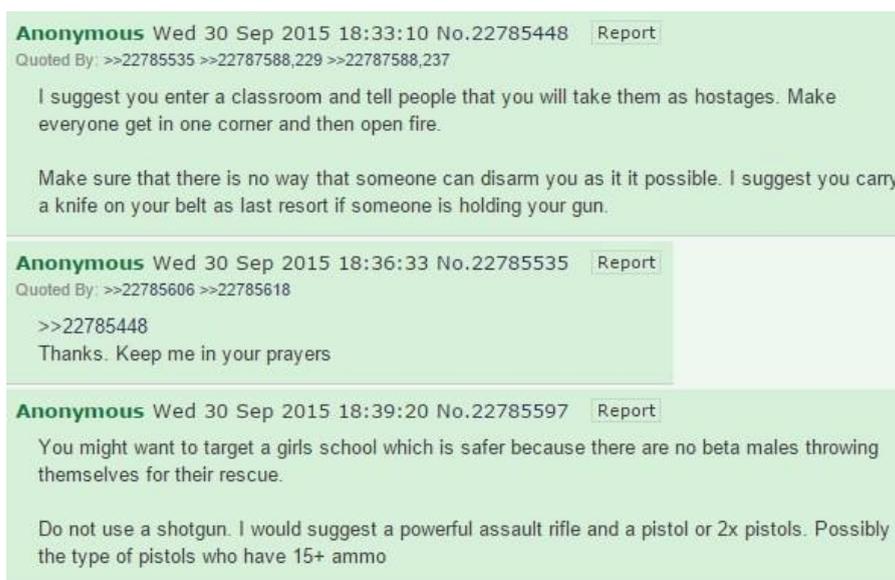


Figura 2: Mensagem anônima de alerta no 4chan.



Figura 3: Mensagem anônima de alerta no 4chan



Figura 4: A subversão da imagem do sapo Pepe.

Vale observar aqui os temas de *Clube da Luta*, filme de 2006 baseado no livro de Chuck Palahniuk, citado anteriormente como referência *pop* na formação da identidade chan. A obra é uma crítica aos jogos do sistema, que avilta o sujeito moderno no mundo sombrio das carreiras e do consumo. Manuais de instrução existem, e na malha simbólica da cultura, a “identidade masculina” é uma composição significante que supõe alistar o sujeito, de forma mais ou menos rígida, dependendo da época e do contexto. Na sociedade de *Clube da Luta* (2006), os lugares, as posições, os deveres e os traços identificatórios do homem são carregados de virilidade. Os membros do clube são homens deslocados à margem da sociedade, que encontram na possibilidade do contato fusional corpo a corpo com outros homens, uma maneira de se apropriar da virilidade perdida. Eles lutam entre si, e se engajam em atos de extrema violência, como plano de vingança contra o sistema e suas grandes corporações. Para aderir ao clube, é fundamental seguir a primeira regra: não falar sobre o

clube. Ironicamente, o anonimato se tornou não só uma regra, mas o fio de sentido que costura a narrativa 4chaniana. À luz da expressão japonesa “hikikomori”, verifica-se o desejo de se esconder. Uma vez que a massa anônima dos fóruns experienciou o poder de sua transmissão com o alcance nas mídias tradicionais, percebe-se o desejo latente de se fazer ouvir. Os atos de violência, as trollagens e a hostilidade para tratar de assuntos delicados, como depressão e como suicídio, revelam que a ironia é uma trama furada.

Transgressão é um termo tributário dos escritos de Marquês de Sade do século XVIII. Revivido pela vanguarda surrealista como expressão do desejo rebelde, percorreu a esteira dos movimentos de esquerda no século XX, ganhando forma no slogan das lutas libertárias dos anos 1960 com o famoso “É Proibido proibir!”. A teórica feminista bell hooks, em seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, publicado em 1994, discorre sobre como transgredir as fronteiras sexuais, raciais e de classe através da prática da educação. Atualmente, o termo faz parte do repertório de Milo Yiannopoulos, celebridade *alt-right*, para descrever a sensibilidade da extrema direita. De forma arbitrária, ele diz que o conservadorismo é o “novo punk porque é transgressivo, subversivo, divertido”. Nagle (2017) comenta sobre a facilidade a qual o meio mais amplo da *alt-right* se apropriou de estilos transgressivos, considerando como superficial o fato desse termo ser historicamente associado à esquerda política.

A velocidade da *transgressão* da extrema direita esteve em franca aceleração nos últimos anos. As tragédias coletivas, como o caso do jovem Mercer-Herper, elencam o quadro dos atos “transgressores”, ligados a essas comunidades *on-line*. Para Nagle (2017), o comportamento excessivo sem propósito, que também caracteriza a sensibilidade da cultura meme contemporânea oriunda do 4chan, na qual um enorme esforço humano é exercido sem nenhum benefício pessoal óbvio, é paradigmaticamente transgressivo em uma era de racionalidade instrumental. Julia Kristeva (2017) argumenta que essa lógica de instrumentalização, que é a da globalização e do liberalismo, exige um esquema de liberdade submetida à causa suprema (Deus) e à causa técnica (dólar). “Uma forma de liberdade, adaptada à cadeia causa-efeito, que não deixa de estar de acordo com a do pensamento científico, o pensamento-cálculo” (KRISTEVA, 2017, p. 123). O sujeito dos fóruns parece nadar contra a maré da técnica, do livre mercado e da automatização, balizadores do

desenvolvimento moderno.

Tanto o ato de suicídio quanto a hostilidade despejada no tema da depressão são percebidos como formas de transgressão entre os usuários do 4chan (NAGLE, 2017). Existe um culto ao suicídio e também aos sujeitos que o cometem, tratados nas discussões como “herói”. “Herói” foi eclipsado no discurso chan e passou a ser usado muito mais como um verbo do que um substantivo, no sentido de ser utilizado como a expressão de um chamado aos atos de violência extrema, dado que os usuários que cometeram esse tipo de crime alcançaram o status de herói nas comunidades. A aparente despreensão com temas tão sensíveis não impede que usuários com inclinações suicidas procurem os fóruns para compartilhar suas fantasias de autodestruição. É interessante observar que o lugar mais hostil para se tratar de depressão é onde as manifestações de dor psíquica mais se expressam.

Depressão, suicídio e transgressão não são pautas exclusivas de subculturas *on-line* de direita. A manifestação da esquerda política veio na forma de identidades em torno da fluidez de gênero, e também na preocupação com doenças psíquicas e emocionais. É nesse ponto que se desenrolam as guerras culturais *on-line* que pretendemos localizar. Se as subculturas de direita como o 4chan nos apresenta o macho desvirilizado e ressentido como expressão de seu empreendimento, a esquerda política, representada pela plataforma Tumblr, se dá através da teoria de gênero de Judith Butler.

O pensamento de Butler nasce a partir dos conceitos desenvolvidos pela virada linguística nas ciências humanas, em que o conjunto de pensadores se distanciam da análise formal das estruturas linguísticas, semiológicas e culturais, elementares e binárias. O pós-estruturalismo privilegia metodologias transdisciplinares em detrimento a disciplinas como a sociologia. Os estudos de gênero se desenvolvem a partir dos instrumentos deixados por construções feitas anteriormente por Jacques Derrida e Michel Foucault, à respeito da oposição binária "masculino" e "feminino" e da concepção de um poder descentrado, respectivamente.

Se o pós-estruturalismo e os estudos de gênero provocaram um debate acalorado e uma subversão considerável no circuito acadêmico, jovens usuários implantaram a filosofia

na realidade virtual de plataformas digitais como Tumblr, a partir da primeira década dos anos 2000. Foi nesse contexto que se desenrolaram as guerras virtuais *on-line*, entre os representantes dos “supremacistas brancos” e da “geração floco de neve” da esquerda política. Cada subjetividade traz um conjunto de significados, que, de acordo com Nagle (2017, p. 45), “pode ser entendido como uma resposta a uma resposta, cada um respondendo com raiva à existência do outro”.

O culto ao transgressor moral do 4chan é uma resposta ao estilo Tumblr, cuja estética se baseia na fluidez de gênero. Paul B. Preciado (2017) argumenta que a natureza humana “é um efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza = heterossexualidade” (PRECIADO, 2017, p. 25). O Tumblr, site formado por *microblogs*, repercute as narrativas de jovens cujo objetivo é discutir a construção artificial do gênero e a escolha ilimitada de gêneros que cada indivíduo pode atribuir a si mesmo.

As orientações de gênero no Tumblr estão intimamente relacionadas à outra subcultura *on-line* de fluidez de identidade conhecida como *otherkin*. Esta é uma subcultura de pessoas que se identificam, de acordo com a definição da Wikipédia, como “parcialmente ou totalmente não-humanas; como criaturas míticas, criaturas de fantasia ou cultura popular, incluindo anjos, demônios, dragões, elfos, fadas, duendes, alienígenas e personagens de desenhos animados”. Alguns usuários afirmam que são capazes de “mudar de forma astral”, o que significa que experimentam a sensação de ser uma dessas criaturas, embora não mudem fisicamente. É claro que muitos usuários apostam nesse conjunto de referências como um jogo de performance.

No sentido butleriano de que o gênero se coloca ao lado dos atos performativos, as ferramentas do Tumblr possibilitam misturar imagem, texto e som, ampliando as representações simbólicas do sujeito através de interfaces digitais. Recorrentemente o conteúdo desses atos performativos se voltam contra os homens brancos / heterossexuais / cis, apontados como os responsáveis de barrar identidades não binárias. Como o espelho reverso do 4chan, o Tumblr foi uma das plataformas mais importantes no surgimento da sensibilidade política e estética de esquerda. O interesse em explorar as fronteiras da

identidade de gênero, abriu caminhos para outras discussões, muitas vezes resultando num ultra puritanismo vicioso (NAGLE, 2017). A frase “verificar seu privilégio” se tornou tão central no Tumblr, quanto a “cultura de cancelamento” no Twitter. Nagle (2017) examina:

Enquanto ideologias tabu e anti-moral apodreciam nos cantos escuros da internet anônima, onde a maioria dos jovens agora desenvolve suas ideias políticas pela primeira vez, nas plataformas de esquerda, muitos agora viviam com medo da observação do olho de águia de um organizador ofendido de vergonha pública. No auge de seu poder, o temido chamado, por menor que seja a transgressão ou quão bem intencionado seja o transgressor, pode arruinar sua reputação, seu emprego ou sua vida. As encarnações particulares da esquerda e da direita *on-line* que existem hoje são, sem dúvida, um produto desse estranho período de ultra-puritanismo. Esse obscuro início político *on-line* tornou-se formativo para toda uma geração e impactou as sensibilidades da corrente dominante e até mesmo a linguagem (NAGLE, 2017, p. 90).

### 1.3 Apresentando o indivíduo incel

As subculturas masculinas da internet se estruturam numa bolha epistemológica cuja engrenagem principal é a metáfora *red pill* (pílula vermelha). A referência vem do filme *The Matrix* (2007), da clássica cena em que o personagem Morpheus oferece duas pequenas pílulas ao herói Neo: “Você toma a pílula azul – a história termina, você acorda em sua cama e acredita no que quiser. Você toma a pílula vermelha – você fica no País das Maravilhas e eu mostro a você a profundidade da toca do coelho”. A ideia do filme se vale para caracterizar o mundo como um espectro de ilusões. A pílula vermelha seria a solução de saída para enxergar a realidade sem próteses, sem filtros.

O universo alternativo das teorias da conspiração ampliou seus domínios e atualmente abarca a geração que se comunica e se radicaliza na internet. Essa metáfora representa um papel capital no pensamento dessas subculturas, que se misturam, se integram e se polinizam no discurso da extrema direita política. A *red pill* se tornou central no espetáculo da “Manosfera”, termo usado para descrever o movimento de direitos dos homens que abarca desde os ativistas de questões masculinas progressistas até as “tocas do coelho”, onde habitam correntes diversas: os conspiracionistas, Pick-Up Artistry (grupo misógino que se concentra na arte de seduzir mulheres), MGTOW (grupo separatista heterossexual cujos

membros escolheram evitar relacionamentos românticos com mulheres em protesto contra o feminismo), entre outros. Nesse emaranhado de identidades, elegemos os celibatários involuntários, cuja causa da abstinência sexual, uma vez integrada ao campo aberto da extrema direita política, desemboca na propagação de discursos de ódio e violência.

O primeiro fórum sobre celibato involuntário foi criado por uma mulher. No final da década de 1990, Alana, uma jovem estudante canadense, criou no *software usenet* o fórum "Projeto de Celibato Involuntário da Alana". A iniciativa surgiu a partir do desejo de compartilhar crises pessoais que envolviam as dificuldades de encontrar parceiros sexuais. Logo, fomentou-se um grupo baseado na cultura de apoio, em que buscava-se, através da abertura da intimidade com os outros, atravessar a experiência da abstinência sexual. Não havia quaisquer restrições quanto à sexualidade, gênero e raça. O núcleo orientador do conteúdo formou-se a partir de temas como solidão, timidez e baixa autoestima. Os assuntos não se restringiam à condição amorosa dos participantes. Frequentemente, havia relatos sobre a dificuldade de responder às demandas sociais diversas, como entrevistas de emprego, por exemplo. O pesquisador Tim Squirrel comenta que nesse momento inicial já era possível rastrear alguns sinais de misoginia dos usuários do gênero masculino. Eles eram especialmente rígidos para conversar e para receber conselhos de usuários que se identificavam como mulheres. A exposição das fragilidades emocionais que se tornou tão central na identidade incel, significava fechamento quando tratava-se de conversar com mulheres (SQUIRREL, 2017). Ao passar do tempo, as mulheres foram banidas das discussões, uma tendência que acabou por embolar os fóruns em determinismos sem futuro.

No início dos anos 2000, as primeiras comunidades que surgiram a partir do projeto de celibato involuntário foram IncelSupport, Love-Shy.com, Incelsite e Alt.Support.Shyness. Essas comunidades contêm o gérmen do que viria a ser a identidade incel atualmente. No processo de formação da identidade, Squirrel (2017) identifica as diferenças e as tensões entre os usuários dos fóruns. Enquanto o discurso do IncelSupport era relativamente moderado, o Love-Shy.com já apresentava traços de misoginia tóxica. O pesquisador conta que foi-se estabelecendo uma ênfase cada vez menor no apoio, propósito inicial do projeto de celibato involuntário, e uma tendência crescente baseada no vitimismo e no ódio. O ponto de inflexão dessas correntes resultou na predominância da violência nos *chats* associados à

identidade incel. Marca da "vitória" de usuários cuja posição é a defesa de que a sociedade está fundamentalmente contra os homens betas.

Nesse cenário de disputa, levo em consideração o modo de funcionamento das plataformas que abrigam os fóruns e *chats* incel. Os administradores dos fóruns desempenharam um papel decisivo na transformação da identidade incel em cultura de propagação de violência. A função do administrador é moderar as discussões, impor limites éticos, definir o conteúdo do site e expulsar usuários que não respeitam as regras da comunidade. O Love-shy.com tornou-se um fórum extremamente violento quando o proprietário original repassou a administração para um usuário chamado "Rammspieler". Apesar do contraste de opiniões e da crescente radicalização dos usuários, alguns fóruns permaneceram moderados, tentando manter viva a cultura de apoio. Essas ações só são possíveis se o administrador assumir a responsabilidade de moderar as discussões.

Com o passar do tempo, os fóruns se tornaram mais violentos, utilizando algumas dinâmicas para gerar conflito, até mesmo em ambientes mais moderados. Usuários mais radicais passaram a recrutar novos participantes a partir de fóruns como o IncelSupport, cuja característica principal era justamente a amenidade das discussões entre seus membros. Essas intervenções acabaram por reforçar a atmosfera misógina na comunidade incel de maneira geral.

Trecho de uma mensagem de "Rammspieler", que dirigiu o Love-Shy.com:

Encorajei Alexius a comprar uma arma e matar a mulher que ele gosta. Sim, na verdade, admiro Cho, The Columbine Duo, George Sodini e qualquer outro indivíduo que tenha tido coragem de fazer o que fez e, ambos, alertam a sociedade e, ao mesmo tempo, desafiam nossa moral coletiva.



Figura 5: Captura de tela da página inicial do fórum Love-shy.com, início dos anos 2000.

Vale observar que o *layout* do Love-Shy.com oferece a aba *recovery/resource center*, indicando que o ambiente do fórum estimulava o apoio entre os participantes. Como foi dito, a dinâmica foi mudando e já anunciava outro formato, outros problemas e outras perspectivas – significativamente mais limitadas. Se o celibato é uma questão enfrentada por qualquer indivíduo, independentemente do gênero, no território anônimo dos fóruns, esse aspecto torna-se restrito aos homens heterossexuais. A energia em torno da cultura de apoio foi redirecionada para a construção de uma nova identidade, impregnada de angústia diante do enfraquecimento sexual, do temor da vulnerabilidade corporal e pela sombra da falência moral.

Os registros iniciais apontam traços de caráter essencialmente viris. No período de formação da identidade incel, as crenças e as ideias de alguns membros do grupo são a manifestação da radicalidade de uma experiência que iria desembocar em tragédia e raiva destrutiva. Abaixo, uma mensagem compartilhada no fórum Alt.Support.Shyness, em 2003:

A desvantagem de ser homem é difícil de quantificar, os homens têm um papel mais intenso a desempenhar. Isso leva 8 anos da vida deles. Para milhões de homens que não conseguem encontrar uma companheira, tire mais 8 anos. As mulheres são aceitas na sociedade, não importa o quê. Os homens precisam ganhar um lugar na sociedade, conseguindo um emprego em uma economia onde a maioria dos empregos é mais adequada para mulheres. As fêmeas não são tímidas e têm muito menos ansiedade social. Basicamente, elas recebem um passe livre. Isso era bom nos dias em que as mulheres não tinham emprego. A natureza deu a elas várias vantagens sociais e sexuais para compensar a falta de recursos. Agora que elas têm recursos e poder sexual, as coisas estão desequilibradas. Precisamos de leis que impeçam as mulheres de frequentarem as universidades ou aceitarem empregos. Nossas prisões estão cheias de homens que não podem

alimentar suas famílias. As leis de estupro devem ser revogadas. As fêmeas estão restringindo artificialmente a oferta de fêmeas disponíveis em seus anos reprodutivos. O estupro é a resposta. As sociedades entram em guerra por falta de mulheres e empregos. As mulheres se tornaram uma ameaça para a sociedade e devem ser recolocadas em seu lugar. Marc Lépine, você estava à frente do seu tempo.

Lê-se: *os homens têm um papel mais intenso a desempenhar*. Ao escrever sobre a dominação masculina sob o ângulo da antropologia, Françoise Héritier examina as desigualdades profundas e contínuas entre os homens e as mulheres. “Nos fundamentos da sociedade, os antropólogos discernem sobre o embargo dos homens sobre as mulheres do seu grupo e sobre as esposas que eles vão obter, trocando-as pelas irmãs e pelas filhas de outros homens pertencentes a outros grupos, atestando, desta maneira, o fato de que um valor maior é atribuído socialmente àquele que é considerado como caracterizando o gênero masculino” (HÉRITIER, 2013, p. 44). A virilidade é historicamente atribuída como sinônimo de força física, simbólica e também moral. O conteúdo da mensagem indica que o indivíduo incel recorre às forças física e simbólica, do estupro e da lei, para resgatar a moral masculina de seu abismo social.

As referências aos assassinos em massa tornaram-se lugar comum nos fóruns. O substantivo herói passou a ser usado como um verbo no sentido de ser uma convocação para que as coisas sejam "reparadas", em referência clara aos usuários que cometem atos de violência extrema contra mulheres. O autor da mensagem cita Marc Lépine. Lépine foi um assassino em massa canadense, que em 1989, atacou mulheres na Escola Politécnica de Montreal com a justificativa de que a carreira de engenharia era reservada exclusivamente ao gênero masculino. Ele matou quatorze mulheres, feriu outras quatorze pessoas (incluindo quatro homens) e, depois, atirou contra sua própria vida. Lépine deixou uma nota dizendo que levou sete anos para formar suas opiniões extremistas. Em entrevista ao jornal *The Guardian* (2017), a pesquisadora Liz (pseudônimo de uma pesquisadora de grupos de ódio no Canadá), disse que “quando Lépine começou a compor sua ideologia nos anos 1980, ele não tinha internet”. A mensagem do fórum, de 2003, é um registro simbólico da radicalidade que o movimento incel alcançou posteriormente, visto que nessa época ainda não havia ocorrido assassinatos em massa com a assinatura de um incel.

A mensagem é essencialmente viril, e carrega mais sentidos do que o simples machismo pode indicar. Esse tipo de conteúdo se tornou abundante nos fóruns incel e passou a ser expressão do poder de mobilizar afetos no interior da comunidade, aliado à capacidade de estimular violência, considerando o fluxo intenso de mensagens trocadas entre os usuários. A construção da identidade incel passou a ocupar um espaço central na vida desses homens, que passaram a se radicalizar e recrutar outros membros para os fóruns.

Convém mencionar a pesquisa que o fórum Incel.Support fez sobre os fatores que contribuem para que os usuários se identifiquem com o status incel. Nela, arrolam-se isolamento geográfico, isolamento social, estresse relacionado ao trabalho, depressão e os “incels primários”, aqueles que tiveram uma vida satisfatória, porém, o ponto principal era exatamente ser incel. Percebo que a moldura ideológica foi sendo construída a partir de um excesso de determinismos. Squirrel explica como os usuários se engajaram em debates em torno desse status: “o indivíduo que aderisse ao status, precisaria ter a virgindade intacta e ter abordado mulheres um número significativo de vezes e ter sido rejeitado todas elas” (SQUIRREL, 2017). Desta maneira, o debate se transformou em disputa. Disputa que evidencia o desejo de alguns usuários de associar a identidade incel ao sofrimento.

A adesão ao status incel significa ter a virgindade intacta e estar o mais longe possível do padrão “alpha” de beleza, além de apresentar desvantagem social o suficiente para não encontrar sexo (SQUIRREL, 2017). Alguns usuários chegaram tão longe nessa disputa, que o status incel, inicialmente trabalhado como um aspecto passageiro da vida, transformou-se em um tipo radical, rígido, inflexível. A questão do celibato involuntário passou de estado temporário para uma identidade a partir da qual o usuário se definia. Squirrel atribui parte dessa mudança às plataformas de comunicação que surgiram a partir da década de 2000. A interface do *software usernet*, que abrigou os primeiros fóruns incel, oferecia ferramentas muito diferentes de redes sociais como Reddit e 4chan. O fórum Alt.Support.Shyness, hospedado no *usernet*, tinha vários colaboradores regulares, que escreviam postagens longas e bem elaboradas. Squirrel examina como a dinâmica das redes contribuíram para a radicalização da identidade incel:

O argumento que estou defendendo aqui é que a cultura chan e a cultura incel se cruzaram para criar algo que só pode terminar mal. A cultura 4chan promove dizer mais e mais coisas radicais apenas para as risadas, lols. Ele abomina expressões de vulnerabilidade emocional e, em vez disso, enfatiza a zombaria e a externalização da culpa como o meio pelo qual se deve lidar com as emoções negativas. Os posts sempre podem alegar que as coisas que estão sendo ditas são irônicas, ou piadas, ou apenas para provocar uma reação, mas com postagens suficientes torna-se impossível diferenciar entre aqueles que querem dizer e aqueles que não querem. Aqueles que realmente querem dizer as coisas que dizem têm o apoio imaginário (e expresso) daqueles que não querem (SQUIRREL, 2017).

Vale dizer que nem todos os usuários que frequentam os fóruns concordam com as opiniões radicais que associam a identidade incel à violência contra as mulheres. Isso fica claro no documentário *Shy Boys In Real Life* (2008), dirigido por Sara Gardephe. O documentário mostra a diversidade de pontos de vista dos membros do Love.Shy.com, que expõem suas fragilidades emocionais, sem atribuir culpa ou raiva à sociedade e às mulheres.

O subreddit r / ForeverAlone é uma zona relativamente favorável para pessoas que podem ser consideradas incels e procuram apoio emocional. O problema é que todas as comunidades que se identificam como incel (com a possível exceção do inativo r / incel sem ódio) são, por definição, lugares tóxicos, porque o rótulo foi distorcido e policiado e se transformou em sinônimo de ódio, misoginia e a aceitação de uma ideologia niilista que não lhes deixa escolha senão a violência ou a miséria. Quando a cultura incel se cruza com a cultura chan, o resultado é uma comunidade que enfatiza falar as coisas mais radicais como forma de enfrentar a sua tristeza (SQUIRREL, 2017).

A aparência física se firmou como uma problemática central na identidade incel. No Love.Shy.com, muitos usuários defendiam que a aparência era o principal fator do celibato, enquanto outros atribuíam à personalidade. A fábrica de conceitos criados na cultura incel em torno da questão da aparência demonstra o pensamento por trás da imagem ideal do homem e da mulher, evidenciando o binarismo de gênero predominante nesse movimento. Excluído do padrão do “belo”, o homem incel tem a mandíbula indefinida, estrutura corporal pequena, cabelos ralos e rosto assimétrico. O fantasma da inadequação assombra tanto esses homens que a criação do slogan "acabou" é tributária das justificativas biológicas que eles apontam como responsáveis por sua condição social.

Planos da realidade, o plano simbólico e o plano imaginário, os planos das codificações, dos signos e da linguagem, das fantasias e das aspirações, tornaram-se cada vez mais

homogêneos entre os homens que se definem a partir do status incel: homogêneos e inflexíveis. Se Hollywood reproduz a imagem do macho viril, a identidade incel simboliza esse padrão com o confronto entre os “alpha” e os “beta”, entre os “chades” e os “incels”. Ao penetrar nas narrativas dos fóruns, fica claro que Hollywood cumpre seu papel. A vida do chade é exemplar. Modelo a ser imitado, se não fosse inalcançável. O chade é um homem sexualmente ativo, carismático, bonito e inteligente. Os incels acreditam que as mulheres só se sentem atraídas por eles, e mesmo que elas se casem com os betas, inevitavelmente irão traí-los. O sucesso dos chades é determinado pela genética: a mandíbula definida, a altura e os músculos do corpo os posicionam num lugar socialmente inalcançável para os incels. O chade é o homem “alpha”, e o incel é o “beta”: feio, fraco e sem chances de conquistar uma fêmea.



Figura 6: post do fórum r/Braincels.

Um meme diz: “a diferença entre um chade e um incel é literalmente alguns milímetros de osso.” Na discussão sobre o padrão físico de beleza, a mandíbula virou símbolo dessa obsessão. A parcela mais radical do movimento incel se convenceu de que suas vidas só poderiam melhorar, se eles se parecerem fisicamente com os chades. A ambivalência é uma característica da relação entre os incels e os chades, marcada pelos limites da repulsa e da

atração. Assim também é com as mulheres.

Em uma reportagem da revista *New York* (2019), o usuário Truth4lie, do fórum Lookism.net, acredita que suas características físicas são o motivo do fim de seu relacionamento, como também a razão pela qual as mulheres não o percebem na rua. Se a condição física é representação da escassez amorosa, condição que fere e agride, ela constitui o discurso da justificativa de que a biologia controla quase tudo na vida. Diante da autoridade irreduzível da biologia, a metáfora *red pill* faz bastante sentido nessa narrativa. Muitos usuários se valem da metáfora, aceitando "tomar a pílula vermelha" como recurso para "encarar a realidade", expressão da crença de que a maioria das mulheres desejam apenas uma pequena parte dos homens, a única parcela sexualmente ativa da sociedade, já que o mundo é majoritariamente povoado por betas. Um discurso obscuro, que empobrece as relações e institui-se como legítimo na disseminação de distorções e violências.



Figura 7: Capa da revista americana New York, edição maio 2019.

A associação entre a condição física e a escassez amorosa trouxe o tema das cirurgias plásticas para o centro das discussões dos fóruns. Apesar da força da metáfora *red pill*, muitos

usuários, especialmente do fórum Lookism.net, investem em procedimentos cirúrgicos na tentativa de transformar-se em chade. De acordo com o usuário Truth4life (2019), a depressão que enfrenta há anos, seria produto de sua aparência física. Ele acredita que o problema da depressão, assim como todos os outros, seriam resolvidos se ele estivesse mais próximo do padrão alpha de beleza. A paranoia com a aparência física empurrou os incels para uma série de intervenções estéticas, que incluem: exercícios de mastigação que podem tornar a mandíbula maior, *jelqing* (alongamento do pênis), musculação, aplicação de hormônios, cirurgia plástica etc. Truth4life colocou um implante na mandíbula, e fez diversas revisões por não estar satisfeito com os resultados, além das operações no nariz, que refez para chegar a um modelo "mais masculino, mais reto". Segundo ele "a perspectiva de um melhor resultado cirúrgico está me mantendo vivo" (New York, 2019).

Minha autoimagem flutua o tempo todo. Eu quero morar no consultório de um cirurgião plástico. Eu só quero ter uma cama em um dos laboratórios dele. Apenas uma cama, uma pequena cozinha e conexão com a internet. Eu quero me sentir puro dentro do meu corpo e me autovalidar olhando no espelho e vendo o crânio perfeito. Ao detectar uma minúscula deformidade, eu chamo o cirurgião e ele estará lá imediatamente, junto com seu assistente e uma faca na mão para me abrir (USUÁRIO TRUTH4LIE, New York, 2019).

As intervenções cirúrgicas acabaram intensificando a ansiedade e a depressão de Truth4lie. Após realizar mais um implante da mandíbula, uma crise de ansiedade o levou a tentar tirar sua própria vida, devido à insatisfação com o resultado cirúrgico. Truth4lie disse que seria mais fácil morrer do que encarar seu rosto no espelho. Um cirurgião plástico, o americano Barry Eppley, responsável pelas cirurgias de Truth4lie, se tornou um nome bastante conhecido nas comunidades incel. Uma piada comum no fórum Lookism.net é o jogo de palavras que eles fazem para se referir a Eppley e a Elliot, o atirador da Califórnia. "Go ER" (fazer/ir ER) enfatiza que a solução do conflito incel só pode se dar através da tragédia ou da cirurgia plástica (New York, 2019).

O episódio Elliot Rodger adicionou uma nova camada de complexidade ao movimento incel. No dia 23 de maio de 2014, em Isla Vista, Califórnia, Elliot foi o personagem principal de um massacre que matou seis pessoas e feriu quatorze. Rodger começou o atentado matando a facadas três colegas que dividia apartamento com ele. Com seu carro de luxo,

dirigiu à casa de sororidade Alpha Phi e atirou em duas moças com sua pistola automática. Depois, dirigiu até um supermercado e, de seu carro, atirou em pessoas que transitavam pela rua. Rodger se suicidou ao final. O crime foi planejado durante meses, e Rodger, usuário ativo da PUA.net, postava assiduamente vídeos no YouTube em que narrava suas ideias sobre uma possível vingança contra as mulheres e contra a sociedade. Em abril, um mês antes do ataque, a mãe de Rodger, Li Chin, descobriu o conteúdo do filho na internet e entrou em contato com sua psicóloga, que comunicou o caso ao sistema de saúde mental do distrito de Santa Bárbara. Eles alertaram a polícia, que fez uma visita a casa de Elliot para checagem. Os relatos dão conta que a boa aparência e a educação de Rodger impediram os policiais de revistarem o quarto, onde encontrariam as armas, os vídeos e o manifesto. Vale considerar que o fato de Rodger ser um jovem branco de classe média alta, estudante da Santa Barbara City College, contribuiu para os policiais não aprofundarem a investigação do caso. Rodger deixou um vídeo no YouTube, em que, sentado em seu carro, falou com tranquilidade sobre os motivos de sua vingança. A seguir, está a descrição de sua fala:

Bem, esse é o meu último vídeo, tudo chegará ao fim. Amanhã é o dia da retribuição, o dia em que eu terei minha vingança contra a humanidade, contra todos vocês. Nos últimos oito anos da minha vida, desde quando eu cheguei na puberdade, fui forçado a enfrentar uma existência de solidão, rejeição e desejos não saciados porque nenhuma garota nunca se atraiu por mim. Mulheres dão afeto, sexo e amor a outros homens, mas nunca para mim. Tenho 22 anos e ainda sou virgem. Eu nunca beijei uma garota. Eu estive na faculdade durante dois anos e meio, mais do que isso, na verdade, e ainda sou virgem. Tem sido torturante. Faculdade é a época onde todos têm experiências sexuais, diversão e prazer. Durante esses anos, eu nunca estive tão sozinho. Não é justo. Vocês, garotas, nunca se sentiram atraídas por mim. Eu não consigo entender, mas eu irei puni-las por isso. É injusto, criminoso, porque... eu não entendo o que vocês não veem em mim. Eu sou o homem perfeito e vocês se jogam nesses caras obnoxious, eu sou o cavaleiro supremo. (ELLIOT RODGER, YouTube, 2014).

Em "My Twisted World", um manifesto de 140 páginas publicado *on-line*, Elliot discorre sobre suas memórias. Ele narra com detalhes as fases de sua vida, as relações familiares, descreve sua infância como feliz, coberta de atenção, carinho e conforto material. Fala sobre a natureza de seu trauma com as mulheres, assim como sua falta de habilidade para se relacionar socialmente. Sobre as meninas, ele escreve: "brincávamos e éramos iguais, para mais tarde nos debatermos como inimigos". Elliot se torna cada vez mais tímido e introspectivo, mantendo a distância das colegas do gênero feminino.

Minha experiência durante a Middle School escureceu minha visão de mundo, a partir daí se tornaria ainda pior. O modo como eu era tratado pelas meninas nessa época, especialmente por aquela evil bitch, me inspirava muito medo das meninas. O engraçado era que eu tinha uma paixão escondida por ela. Ela foi a primeira garota por quem eu me apaixonei, eu nunca admiti isso para ninguém. Ser ridicularizado pela garota que eu gostava me machucou profundamente. O mundo que eu acreditava ser bonito tinha acabado. Eu estava vivendo em um mundo depravado, e eu não queria aceitar. Eu não queria pensar sobre isso. Por isso eu entrei de cabeça nos jogos on-line como World of Warcraft. Lá, eu me sentia seguro.

World of Warcraft é um jogo *on-line* cujo cenário é um mundo fantástico de anões, de elfos e de gnomos. Elliot conta que a sua adolescência foi marcada pela imersão no jogo, e sua vida social enterrou-se completamente. A habilidade de jogar videogames com pessoas desconhecidas *on-line*, temporariamente preencheu o vazio. Esconder-se no universo dos jogos virtuais foi uma maneira de lidar com a vida social vazia e com a chegada da puberdade, fase na qual aconteceram os primeiros picos de revolta e violência. Em seu relato, Elliot conta sobre a primeira vez que descobriu sexo, através de pornografia. Um colega mostrou um vídeo, que ele descreve como “chocante, traumático, nojento. Não poderia imaginar seres humanos fazendo aquelas coisas. Eu caminhei até minha casa e chorei um pouco. Eu me sentia culpado. Descobrir o sexo foi uma das coisas que destruíram minha vida”.

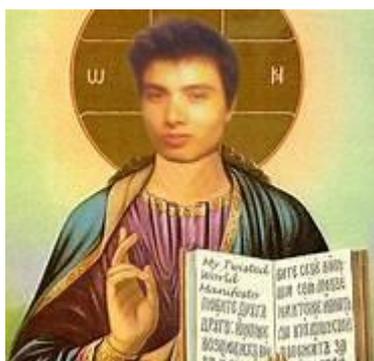


Figura 8: "Saint Elliot", imagem produzida nos fóruns após o atentado.

A entrada de Elliot nos fóruns incel marcou seu declínio. A insegurança e o medo de se relacionar socialmente, principalmente com mulheres, se transformaram em ódio e em violência. Nas mídias tradicionais, Rodger ficou conhecido como “o atirador da Califórnia”, e

nas comunidades como “Saint Elliot”, um espécie de herói, dando corpo às fantasias destrutivas do grupo. Ainda que possam parecer desorganizados e fragmentários, o choque produzido pelos atos de violência deram consistência e um sentido obscuro à existência da identidade incel.

Mais do que um conjunto caótico de ideias que oscilam entre a revolta contra a sociedade, e o abatimento de sua própria condição, nos últimos anos, a identidade incel passou a ser associada a uma série de atentados violentos. Observei como os atos de violência se manifestaram de forma aguda nas relações desses grupos no Brasil. Enquanto os Estados Unidos foram epicentro de massacres ordenados por indivíduos, principalmente em escolas, o Brasil se manteve distante dessa realidade durante muito tempo.

Em 2011, Wellington de Menezes, de 23 anos, matou dez meninas e dois meninos na escola estadual que havia estudado em Realengo, no Rio de Janeiro. A polícia brasileira, sem experiência com esse tipo de crime, ainda não havia despertado para a natureza do atentado: crimes de ódio. As testemunhas deram notícia de que Wellington atirava nas meninas para matar, e nos meninos, para ferir. Os detalhes da ação de Wellington, de atirar especialmente nas meninas, foram ignorados pela mídia tradicional, que designou o massacre como tragédia, e não como crime de ódio ou feminicídio. A principal reação da mídia no contato inicial com o massacre foi procurar justificativas, que incluíam a influência da internet, a ligação do atirador com grupos fundamentalistas muçulmanos e o papel do bullying que ele sofreu na escola.

Na época, sabia-se muito pouco sobre a atuação dessas identidades nos fóruns da internet anônima. De acordo com a reportagem da *Ponte Jornalismo* (2019), investigações da Polícia Federal levantaram suspeitas sobre as relações que Wellington mantinha com esses grupos. As investigações não só atestaram a presença ativa de Wellington nos *chats*, como provaram a relação direta que ele mantinha com o administrador do mais conhecido *chan* da web brasileira, o Dogolachan. A Polícia também descobriu que os administradores do *chan* haviam influenciado e incentivado Wellington a praticar atos de violência em nome das ideias do conjunto.

A Operação Bravata foi o maior avanço da Polícia Federal quanto aos crimes de ódio. Em 2019, o administrador do Dogolachan foi preso e condenado a mais de 40 anos de prisão por associação criminosa, racismo, coação, divulgação de imagens de pedofilia, incitação ao cometimento de crimes como estupro e feminicídio e terrorismo praticado na internet. A primeira resposta do grupo diante da prisão de seu administrador foi migrar para a *deep web*, camada obscura da internet de difícil acesso, onde o anonimato é condição fundamental e os participantes são livres para manifestar ódio e violência.

O Dogolachan foi fundado em 2013 pelo administrador Psytoré. A trajetória do usuário em torno dos discursos de ódio é antiga, dado que ele responde na justiça por crimes virtuais como racismo desde 2009. No *chan*, os usuários expõem abertamente suas crenças a respeito de feminicídio, estupro, racismo, além do incentivo constante aos atos de violência e abusos de todo tipo. A professora universitária Lola Aronovich, do blog feminista "Escreva, Lola, Escreva", foi vítima desse grupo em vários momentos ao longo dos últimos anos. Lola sofreu diversos ataques dos usuários do Dogolachan, desde *fake news* e assassinato de reputação, até ameaças de morte. Em 2018, foi sancionada a lei 13.642/18, chamada Lei Lola atribui a investigação de crimes cibernéticos de misoginia.

## CAPÍTULO 2

### 2.1 O paradoxo do amor romântico

Nas ruínas do tempo, a poética do amor romântico oscila entre o inferno vivido e o paraíso perdido. O tal paraíso aparece em lampejos que o poeta canta como "mesmo sem ver, amo demais" e que Augusto de Campos, crítico e tradutor da obra para a língua portuguesa (1978, p. 13) define como "poesia cortês do amor descortês". Guilherme de Poitiers foi o primeiro trovador dessa corrente poética que emergiu a partir do século XI na região, primeiro no sul e depois no norte da França. O exercício poético praticado por homens nos domínios de corte consistia num ardiloso jogo de linguagem, cuja deflagração de uma erótica está no cerne de sua prática. Se Augusto de Campos acentua a influência da poesia provençal nas obras de poetas modernos como T.S. Eliot e Ezra Pound, Lacan (2008) sublinha as incidências desses jogos na economia sentimental do homem contemporâneo. É através do amor cortês que opero uma das leituras do objeto desta pesquisa referente ao *mal-estar* de gênero, com as seguintes palavras de Lacan em mente: *aquilo que o homem demanda, em relação ao qual nada pode fazer senão demandar é ser privado de alguma coisa de real* (LACAN, 2008, p. 182).

Posto em palavras na forma de poema canção, o amor provençal nasce de uma experiência; uma experiência de corte. No entanto, o surgimento desse discurso não se isola aos confins palacianos, e sim remonta a uma série de junções políticas e poéticas correntes na época: a força da igreja, o refluxo das guerras, inquisição, cavalaria, tratados antimatrimoniais, mitos e folclores. A cristalização desse momento emocional cujo pano de fundo é a Idade Média opera contradições muito interessantes para esta pesquisa. O discurso da misoginia é tão persistente nesse período da história que a emergência da poesia cortês e sua tentativa de inserir a mulher como ideal de amor é expressão pura de seus paradoxos. Mais adiante, com Lacan (2008), entenderemos a lógica dessa operação psíquica. Antes disso, é preciso percorrer os territórios que fazem valer a ambivalência entre misoginia e amor romântico.

Seja qual for o momento histórico em que tomemos o discurso da misoginia - nos

mais afastados períodos com os tratados teológicos, na literatura medieval ou na época moderna -, ele se apresenta sempre como um problema complexo. No início do século XV, Christine de Pizan - escritora, filósofa e primeira apologista das mulheres, passou a contestar a misoginia fundamentada como princípio e repetida em tom uníssono nas palavras de muitos filósofos, poetas e oradores. No *Romance da Rosa*, Pizan (apud BLOCH, 1991, p. 33) nota que, "se julgar a partir dos tratados de todos os filósofos, poetas e oradores, parece que todos eles falam de uma única boca". A repetição desse discurso causa mais inquietação pelas armadilhas que lhe são intrínsecas do que pela representação que poderia revelar o que é distorcido ou verdadeiro sobre as mulheres. De acordo com Bloch (1991), não importa se as predições são positivas ou negativas, pois o que define fundamentalmente a misoginia é a redução da mulher a uma categoria universal homogênea. Desta maneira, Bloch alarga a percepção de Pizan, que sublinhara as "tantas coisas ruins sobre as mulheres são ditas por tantos homens diferentes" (PIZAN apud BLOCH, 1991, p. 11).

Em *Problemas de Gênero* (2003), Butler trabalha a questão do sujeito sob a perspectiva da universalidade categórica que reduz seu estatuto a um paradigma de gênero exclusivamente binário, oriundo de uma matriz heterossexual. "Existe uma região do "especificamente feminino", diferenciada do masculino como tal e reconhecível em sua diferença por uma universalidade indistinta e conseqüentemente presumida das "mulheres"" (BUTLER, 2003, p. 21). O termo mulher, - e até mesmo mulheres, no plural, sedimenta uma identidade em comum que acaba validando a multiplicidade de significados possíveis à uma via de significação limitante e redutora. Butler (2003) defende que os atravessamentos raciais, classistas, étnicos, sexuais e regionais fazem parte da parafernália que compõe a identidade de gênero, historicamente marcada pela incoerência e inconstância. Sendo assim, a suposta essência orgânica e natural que procura justificar o real do sexo é de natureza essencialmente plástica e permeável aos discursos vigentes. Como o gênero não tem essência identitária, a combinatória sexo/gênero se constitui a partir de uma unidade ilusória.

É interessante notar como os usuários identificados como celibatários involuntários primam por delimitações de gênero que reforçam uma estrutura binária de matriz heterossexual, em amplo vigor na cultura. Lê-se nos registros dos fóruns o vocabulário especial criado para referir-se aos tipos distintos de mulheres e homens. Boa indicação da

observação de Butler sobre a parafernália de elementos que constituem o termo mulher é a caracterização feita pelos celibatários involuntários aos modelos de mulher "Becky" (gíria depreciativa para se referir a um tipo de mulher branca) e "Stacy" (termo pejorativo usado entre eles para mulheres consideradas bonitas). Como situei no capítulo anterior, se o plano da rivalidade masculina acontece entre os Alpha e os Beta, no feminino, a rivalidade é exercida entre as representações da "Becky" e "Stacy". De acordo com o discurso incel, a "Stacy" é expressão da sensualidade característica das mulheres enquanto objeto de um certo tipo de desejo masculino. Branca, de corpo curvilíneo, cabelo loiro, ela é o perfil de mulher exuberante e volúvel. Já a "Becky" é um tipo de mulher que não atrai olhares, pois não possui características físicas essencialmente "femininas", como as curvas do corpo, por exemplo. Atrelado a isso, a "Becky" é considerada feminista, um ponto problemático nessa relação. Vale observar os comentários vinculados à classificação feminista, como "posta opiniões estúpidas na internet". A esse exemplo, podemos associar ao modelo de mulher "falante", cuja ligação entre o gênero feminino, verbosidade e aos ardis da fala podem ser situados historicamente como exemplos de misoginia. A imagem gráfica da "Becky" é de uma jovem universitária de mochilas nas costas e um livro na mão, enquanto a "Stacy" exibe-se de salto alto e roupas justas. A simplificação do conjunto das mulheres em dois estereótipos possíveis implica algumas questões. No âmbito racial, as mulheres brancas são evocadas como objeto de desejo nas discussões dos fóruns. Tanto que, ambos os modelos, "Becky" e "Stacy", são representações de mulheres de pele branca. Outra observação é o aspecto de classe. Importante salientar como, segundo a percepção desse grupo, o comportamento das mulheres, associado à aparência física, tem como propósito final obter benefícios financeiros, principalmente a "Stacy", cujos traços físicos oferecem vantagens sociais em possíveis jogos de poder. É de notar, portanto, as incidências de raça e classe que formam a concepção do termo "mulher" entre os usuários dessas comunidades online.

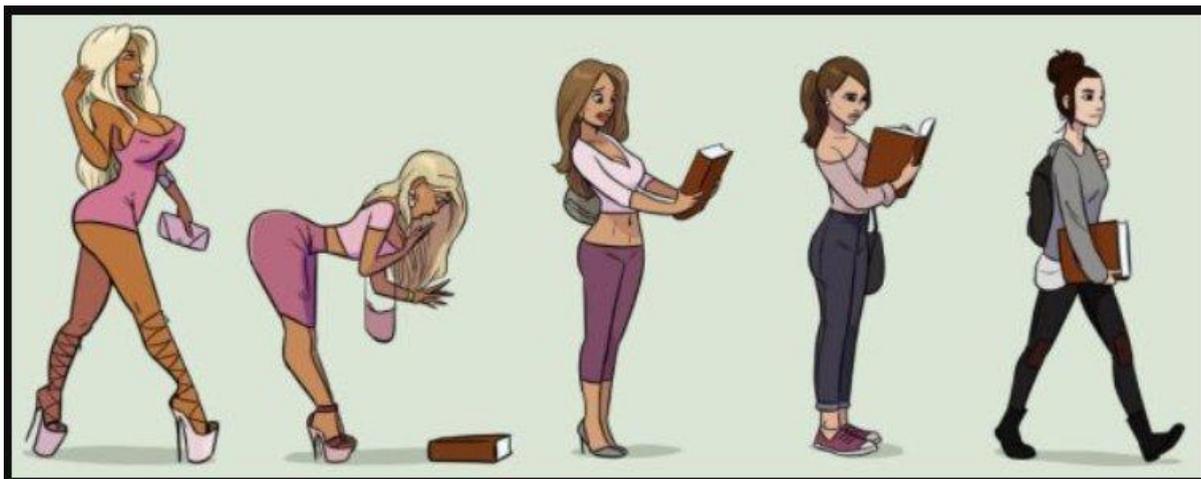


Figura 9: Stacy e Becky: a esteira de evolução do gênero feminino, de acordo com os incels.

Vale observar que a imagem acima sugere uma certa mudança nos padrões de beleza e de comportamento das mulheres. Uma mudança que se inicia no modelo "Stacy" e se encerra na "Becky". Cada versão se baseia na estigmatização do conjunto a fim de justificar sua desumanização. O corpo é a estrutura fundamental através do qual transitam os signos semióticos. Nessas condições, o livro é o elemento básico e instrumento da mudança estrutural no quadro feminino. Interessante observar o movimento corporal da Stacy ao se deparar com um livro no chão. O modo de andar sugere sensualidade no movimento, com as curvas do corpo bem marcadas. A figura é tomada por uma expressão de susto ao ver o livro no chão, como se fosse um objeto raro, nunca visto anteriormente. À medida que a mulher interage com o livro, ela se torna menos sensual, mais séria. O cabelo também é outro elemento importante. Além da mudança de cor, eles ganham um aspecto mais relaxado, indicando que a mulher se ocupa cada vez menos deles. Por outro lado, os livros vão ocupando um lugar central na vida da mulher. Afinal, os movimentos corporais e as roupas da Becky são adequadas à realidade de uma jovem que estuda, trabalha e se locomove na cidade. A escolha de suas novas ocupações corresponde às trocas de vestuário; é preciso vestir-se confortavelmente para trabalhar e estudar. Mostra-se cada vez menos a pele do corpo, até incorporar totalmente um modelo de jovem universitária.

Numa rigorosa análise da misoginia medieval, Bloch (1991, p. 22) faz ligações entre os escritos patrísticos e a literatura cortês e levanta pontos que auxiliam na leitura de

estigmatizações mais seculares, cujos elementos compõem uma tal "verdade essencial" que dividem radicalmente os gêneros em masculino e feminino:

De acordo com o *topos* medieval das mulheres faladeiras, que é motivo sem dúvida pelo desejo de silenciá-las, as esposas são retratadas como uma fala perpétua, em relação à qual nenhuma postura inocente é possível. A mulher é concedida como um ser sobredeterminado em relação ao qual o homem está sempre atrapalhado. Se ela é pobre, deve-se alimentá-la, vesti-la, calçá-la. Se ela é bonita, todos a desejam, e ela acabará sendo infiel; mas se não for bonita, precisará agradar muito mais e, do mesmo medo, trairá eventualmente. Se ela é sensata, está sujeita à sedução (BLOCH, 1991, p. 25-26).

O discurso medieval faz eco aos motivos que levam os celibatários involuntários a classificar mulheres de acordo com sua aparência e perfis de comportamento. Mais uma vez, voltamos ao que Butler (2003) chamou de região "especificamente feminina", o que atrelamos ainda ao estudo que Bloch faz da misoginia medieval. Em nome da vontade divina, nos textos sagrados ou em pretensas leis da natureza, justifica-se um sistema de estigmatizações reforçado por toda a cultura e transmitido ao longo das gerações. Com efeito, esse conjunto de esforços desemboca na crença de uma essência natural, que Butler (2003) denuncia como ilusória. Bloch (1991) adverte que é lugar comum considerar que o que é corrente é eterno e o que é eterno é natural. Nesse sentido, quando Butler define gênero como *ato performativo*, cujo resultado são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos, entende-se que a repetição de tais atos cria a ilusão de substância, naturalidade e historicidade como estratégia de manter o gênero em sua estrutura binária.

Em sua análise dos textos patrícios, Bloch demonstra a construção de uma essência feminina reduzida a adjetivos como "faladeira", "volúvel", "insensata", "sedutora", entre outros. Em Jerônimo, lê-se: "Se uma mulher for bela, logo achará amantes; se for feia, é fácil ser licenciada. É difícil guardar o que muitos desejam; é maçante ter o que ninguém acha que vale a pena possuir" (BLOCH, 1991, p. 24). Como meio de atribuir valores inteiros, embute-se nessa estrutura uma classificação inconsciente das características de gênero, reforçada por noções vagas e imprecisas, que é sempre sobredeterminada e deslocada, pois não há uma verdade a priori sobre o gênero. Regras, expectativas e estereótipos têm sido usados para justificar brutalidades contra grupos e indivíduos que não correspondem a esse

sistema de coerência e continuidade histórica.

Traço notável na construção da identidade incel é o desajuste entre o desejo pelo encontro amoroso e o sofrimento decorrente de tantos desencontros. A expectativa sexual denota um estado e uma identidade em comum, o celibato e o celibatário involuntário. Daí, o sofrimento surge como elemento para explorar outras paisagens, menos óbvias do que aparentam ser. No discurso incel, as identidades de gênero são classificadas de acordo com uma matriz heterossexual que pressupõe imagens estereotipadas do feminino e do masculino. Além disso, vale salientar que o desejo pelo encontro amoroso é o instrumento básico, o marcador visível, o motor que move a cadeia de pensamentos e a realidade material. Nem todo indivíduo que adentra nessas comunidades busca ressaltar uma imagem negativa das mulheres, embora compartilhe das crenças binárias presentes no discurso da cultura. Nesse sentido, identifico a escolha do amor como objeto de grandes ansiedades sociais. Um exemplo é o fórum Forever/Alone, hospedado na plataforma Reddit. Dissidente dos celibatários involuntários, as discussões do fórum se concentram em relatar sofrimentos, ansiedades, sentimentos de solidão e a dificuldade de se relacionar socialmente. No canto esquerdo inferior da página, links e números de telefone de serviços que prestam acolhimento fazem parte da estratégia de prevenção do suicídio. Os celibatários involuntários foram banidos do Reddit e o policiamento em torno das discussões tornou-se efetivamente rigoroso. Tanto que, uma regra fundamental do Forever/Alone é que qualquer referência aos incels é proibida e considerada discurso de ódio. A página evidencia limites éticos através de regras como: "não postar comentários inflamatórios para generalizar, rebaixar, insultar ou de outra forma degradar um grupo inteiro de pessoas (raça, gênero, orientação sexual, religião, etc.)". Também se aconselha que os usuários sejam educados, amigáveis e acolhedores entre si. Aqui, é importante ressaltar como as narrativas de sofrimento se entrelaçam às narrativas amorosas.



Figura 10: post do fórum Forever/Alone, do Reddit, 2021.



Figura 11: post do fórum Forever/Alone, do Reddit, 2021.

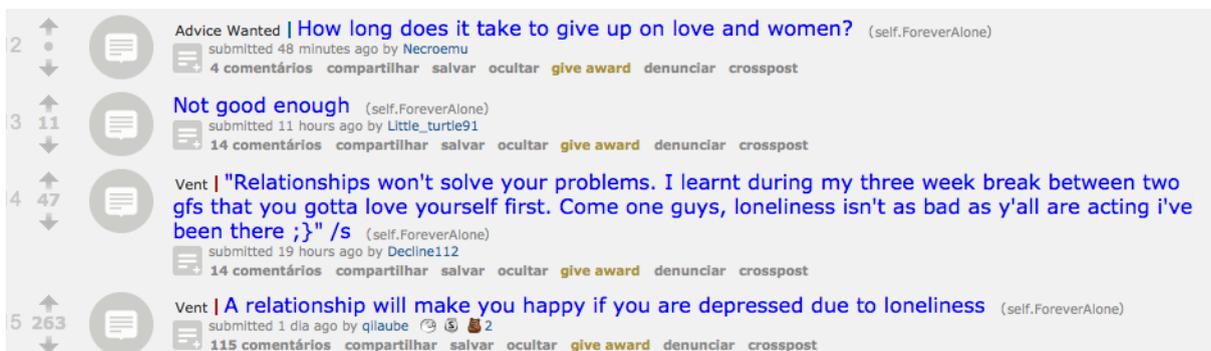


Figura 12: post do fórum Forever/Alone, do Reddit, 2021.

O amor, como signo de grandeza de espírito, tem lugar privilegiado em uma sociedade que se organiza em torno dos valores da vida familiar. Nesse ponto, levo em consideração o pensamento de Kristeva (2017, p. 126) quanto ao afrouxamento dos laços na sociedade moderna, apoiando-se na tese do declínio da função paterna, o Nome-do-Pai da teoria lacaniana. Lacan sugere a lógica da constituição psíquica valendo-se primordialmente

de conceitos pensados a partir do Pai, da função paterna, da instauração de uma lei central, estabelecendo dessa forma, o Nome-do-Pai como o conceito fundamental para o entendimento de toda organização do funcionamento psíquico. Ao lado da dissolução da estrutura familiar e do enfraquecimento da autoridade, vale considerar que o signo do amor padece de uma reorganização nas formações discursivas, mas tampouco deixa de se associar ao sofrimento, ressaltando o traço fundamental de seu caráter. Não é nenhuma novidade que amor e sofrimento caminham juntos em suas cadeias de sentido no discurso da cultura. Entre os elementos que compõem o sofrimento manifestado nos fóruns online, o descontentamento diante da solidão na vida se vincula ao registro amoroso. As queixas repousam na ausência de amigos, de conversas, de companhias. É perceptível que o fórum acaba sendo um refúgio para desabafar sobre a falta de pertencimento, sobre o desligamento de laços.

Bloch (1991) esclarece como o amor romântico ocidental se originou mais no esforço do conjunto da cultura do que do indivíduo enquanto expressão de sua singularidade. Para o autor, a história do amor romântico ocidental se fixou desde o início como uma conveniência interna devido às mudanças nas formas de propriedade e nas relações de poder. O surgimento do amor romântico não fez oposição à misoginia presente na religião e nas estruturas sociais do feudalismo; ao contrário, foi um elemento de endosso às normas estabelecidas. Como afirma Bloch,

A noção de fascinação romântica que governa o que dizemos sobre o amor, o que dizemos àqueles que amamos, o que esperamos que eles nos digam ( e dizer o que eles dizem), como agimos e esperamos que eles ajam, como negociamos a nossa relação com o social - em resumo, a higiene que governa nossa imaginação erótica até a escolha de quem amamos ou as posições físicas que usamos para exprimir isso - não existia na tradição judaica, germânica, árabe ou hispânica, na Grécia ou na Roma clássica, ou no início da Idade Média. O amor romântico tal como o conhecemos não surgiu até aquilo que algumas vezes se chama a Renascença do século XII (BLOCH, 1991, p. 18).

Assim, num jogo engenhoso, com séculos de existência, o amor romântico foi se moldando a partir de um sistema de classificações que pressupõe valores, relações e linhas divisórias para diferenciar categorias em intensidade e subordinação. Vale observar que esse é um ponto sensível da história, pois a obsessão debilitante com a mulher como fonte de todo mal acabou se invertendo numa obsessão com a mulher como fonte de todo o bem (BLOCH,

1991, p. 18). As análises de Bloch se baseiam na ligação entre os textos patrícios e a literatura cortês dos séculos XI e XIII cuja inflexão é a quebra da articulação da sexualidade do cristianismo primitivo, que concebia a mulher como fonte de malignidade. Para demarcar essa passagem, Bloch extrai as denominações que apontam a mulher tanto como a "Esposa de Cristo" como o "Portão do Diabo" (1991, p. 29).

O papel da igreja, dos mecanismos sociais e das instâncias simbólicas nessa mudança de paradigma cuja atitude de proclamar as virtudes das mulheres e ao mesmo tempo manter seu conjunto numa subjugação completa é o reforço das armadilhas, sempre resistentes ao tempo, da misoginia. Nesse sentido, o amor romântico inserido nas práticas de linguagem é o agente visível da força invisível da misoginia na cultura. Na literatura cortês, o amor é expressão de uma língua cujos significantes compõem um manual de instrução das relações humanas. A estrutura da linguagem dissemina essas porções discursivas sobre as quais a misoginia incide o projeto de manter cada indivíduo em seu lugar.

Num esforço de preservar o tecido simbólico primitivo, o ascetismo associado à noção de mulher enquanto fonte de abjeção se transforma num santuário em que se proclamam suas virtudes morais e espirituais. Essa é a tese de Bloch, e sigo o pensamento dele aqui. Essa mudança de paradigma, em vez de fragilizar ideias arcaicas debilitantes, reforça seu credo misógino e consagra uma "essência do feminino" que pressupõe mistério, fascínio, sedução, confusão, perturbação. Ao ocupar o lugar de ideal, a mulher é privada de toda substância real. A lacuna de sentido entre a "Esposa de Cristo" e o "Portão do Diabo" dá margem para a interpretação da secularização do desejo. Outrora reservado à divindade, o desejo direcionado para um ser supostamente mortal, não deixa de implicar a mulher e as questões do amor no plano da impossibilidade. Com efeito, Bloch afirma que "o amor secular tornou-se por definição, "infeliz", "romântico"; o amor impossível tornou-se nobre, e o sofrimento marca de distinção social" (BLOCH, 1991, p. 30). Aqui, estamos em pleno funcionamento do amor romântico cortês.

Dois traços definem o poeta cortês: a voracidade que marca sua busca pelo amor e o sentido de sofrimento atribuído a ela. Os cantos de vassalagem são entoados por nobres

cavaleiros que cantam seus amores ao som do alaúde. A cada verso dos trovadores, é um tal de invocar, no desejo de enamoramento e na melancolia, uma "Dama isolada"; vislumbrar uma "Dama distante"; declarar abstrusas os encontros com a Dama. Sendo a poesia, e não outra arte o que cimenta esteticamente a experiência do amor cortês, Lacan (2008) aponta que independente do significante, os termos se recobrem e se reencontram, já que se trata de um mesmo sistema desenvolvido em língua vulgar, cujos temas se organizam em torno de convenções, amor, luto e morte (LACAN, 2008, p. 178).

As lacunas de sentido entre amor e sofrimento e seus desencontros subjacentes são o que existe de mais curioso na composição do amor romântico ocidental. Elas individualizam tanto ou mais que aquilo que absorve - as cenas, imagens e frases dos poemas articulam antinomias de relações singulares. É possível dizer no mesmo verso que renuncia ao amor da mulher para confessar em seguida que não pode deixar de amá-la. Lacunas são como janelas, vias de acesso ao que nem sempre compreendemos com clareza. Revelam implicâncias, incertezas, interesses, caprichos. Lacan (2008) lança luz em um termo da biologia - vacúolo -, para explicar a função do espaço vazio, no qual se apoia o seu estudo sobre o amor cortês. O vacúolo é puro vácuo, o nada:

Esse lugar, tal pessoa entre vocês, falando-se do que eu tentava mostrar em *das Ding*, o chamava, de uma maneira que acho bastante bonita, o vacúolo. É, com efeito, algo dessa ordem que está em questão, se nos entregarmos a esse devaneio, dos mais escabrosos, que é o de certas especulações contemporâneas que nos falam de comunicação a respeito do que se transmite - tal função pseudopódica - no interior de uma estrutura orgânica. Evidentemente aí não há comunicação como tal. Mas se, num organismo monocelular, essa comunicação se organizasse esquematicamente em torno do vacúolo, visando à função do vacúolo como tal, poderíamos, efetivamente, ter aquilo que está em questão, esquematizado, na representação. No centro do sistema de significantes, uma vez que essa demanda derradeira de ser privado de alguma coisa de real é essencialmente ligada à simbolização primitiva que se encontra inteiramente na significação do dom de amor (LACAN, 2008, p. 182).

Os vacúolos são carregados para todo lado, intrínsecos à elaboração poética secular do amor romântico e ao cálculo neurótico que afasta o sujeito do objeto de amor. Como define Lacan, esse afastamento é essencialmente ligado à simbolização primitiva que se encontra inteiramente na significação do dom de amor (LACAN, 2008, p. 182). Portanto, a

operação em torno desse centro vazio é uma analogia com a estrutura de funcionamento do amor cortês.

No amor cortês, o objeto feminino se introduz sob o signo da privação, da inacessibilidade, tal como *das Ding*. O vazio, impossível de ser preenchido em totalidade, é o que caracteriza *das Ding*, e é análogo ao vacúolo. Para manter o vazio de *das Ding*, no centro dos sistemas significantes, criam-se diversos jogos, rodeios e obstáculos com o intuito que o vacúolo se sobressaia. "[o vazio] é da ordem do real, e a arte utiliza o imaginário para organizar simbolicamente esse real" (REGNAULT, 2001, p. 30). A Dama, idealizada em torno de uma organização significativa, em que os significantes são postos de maneira que haja a exaltação do objeto, pois a construção artificiosa e elegante dessa valoração não impede que o objeto seja afastado do sujeito, que, ao ser privado de algo real, emerge então o vazio de *das Ding*.

O que define a sublimação é a possibilidade do objeto, definido a partir da relação narcísica (imaginária), recobrir o campo de *das Ding*, campo visado pela pulsão. A sublimação se definirá pela possibilidade de abordagem desse campo referencial, sem que isso implique em substituição ou mesmo supressão (MANDIL, 1993, p.69-70).

Foram muitas as contribuições de Jacques Lacan para o legado da psicanálise deixado por Freud. Em seu percurso de concepção da representação psíquica, Lacan instaura uma distinção decisiva entre os planos imaginário, simbólico e real trabalhado por Freud de uma maneira diferente. Segundo Lacan, o imaginário se constitui pela imagem enquanto encontro com o mundo. Submetido à dimensão corporal, esse registro é o organizador dos limites narcísicos do *eu (moi)*. O simbólico é a própria condição da cultura, no qual cada um que nasce vai incorporar suas leis através de uma ordem transgeracional. A linguagem é a via régia de acesso a esse registro, calcado ao plano do significante, à dimensão do Outro e do inconsciente, de onde o *je* se manifesta como sujeito do desejo. O real é a própria experiência do inatingível, do corpo em estado bruto, estado que nunca pode ser encoberto ou encontrado pela palavra. Esses três registros se encontram, se entrelaçam para formar a experiência psíquica do sujeito.

No âmbito do simbólico, Bloch (1991) reconhece que a manifestação poética do paradoxo do amor é a própria criação de sua história interna. Um conflito vacilante entre o conhecimento e ignorância, entre desejo e privação, entre alegria e dor. Bernart de Ventadorn (1148-1195), poeta lírico por excelência, é um típico representante dos trovadores do amor cortês. Campos (1987, p. 79) escreve que as aberturas de suas canções são quase sempre peças antológicas, de uma musicalidade perfeita. Com efeito, sua vida amorosa alimentou sua prática artística, repleta de lances com mulheres casadas. A materialização de seus jogos amorosos em signos de linguagem cria um campo de sentido para a experiência do amor cortês. André Berry diz que "ele ama como se ninguém tivesse amado antes dele" (apud CAMPOS, 1987, p. 80).

Bernart se entrega ao amor de *cor e cors* (coração e corpo) e coloca todo o seu *saber e sen* (saber e inteligência), toda a sua *fors e poder* (força e poder) a serviço da explicitação desse sentimento: "Não é maravilha se eu canto / Melhor que qualquer cantador. / Meu coração só sabe Amor. / Ninguém sabe melhor senti-lo tanto" (CAMPOS, 1987, p. 78).

O pano de fundo contraditório que atravessa a saga poética de Bernart de Ventadorn é um jogo entre amor e ódio, o qual se desdobra numa tensão sensual que impregna toda a estrutura. Uma estrutura cujo pilar fundamental é a contradição, a ambiguidade. Para Bloch (1991), a posição ambígua do trovador cortês, muitas vezes se espelha no dilema de recusa da Dama em desejar o que se pode obter. Tal recurso se faz por externalizar os ideais contraditórios da ideologia do amor cortês de que o poeta se serve como motor de seu desejo. Ele elogia sua senhora como a fonte de todo o bem, ao passo que a condena por tê-lo destruído e confundido em tensões. Admite amar e odiar as mulheres ao mesmo tempo e resume: "não posso deixar de amá-la". E não hesita em confessar sua ignorância: "Aí! achava que sabia tanto sobre o amor, mas na verdade, sei tão pouco".

O processo de montagem da poética cortês orienta-se pelo jogo duplo exercido pela contradição na aspiração do objeto de amor. As mais altas aspirações de enamoramento são lançadas nas linhas dos poemas, dado que permite supor a existência de encontros amorosos. Como Bloch (1991) explica, o ditame da corte é a conduta do rodeio, nunca da realização

amorosa. Tal diretriz é a manutenção básica do amor romântico, pois mesmo quando o encontro é materializado, a Dama é sempre comprometida com outra pessoa. Trata-se de impossibilidade, de desarranjo. Segundo Lacan (2008, p. 178), uma das características fundamentais do amor cortês é de ser uma escolástica do amor infeliz. Nesse sentido, ele ajuda a entender as palavras ali plantadas:

O amor cortês era em suma um exercício poético, uma maneira de jogar com um certo número de temas de convenção, idealizantes, que não podiam ter nenhum correspondente concreto real. Não obstante, esses ideais, em cujo primeiro plano está a Dama, se encontram em épocas ulteriores e até na nossa. Suas incidências são totalmente concretas na organização sentimental do homem contemporâneo (LACAN, 2008, p. 180).

Lacan (2008) ressalta que esse objeto de amor, chamada de Domnei, é frequentemente invocada por um termo masculino - Mi Dom, isto é, meu senhor. Isso significa que sua imagem é elaborada a partir de elementos que, em si, não são capazes de revelar nada. Com efeito, essa imagem é resultado da diluição feita para que todas as Domnei se pareçam com uma só. Entende-se que o objeto feminino é esvaziado de toda substância real. Que isso significa? A despersonalização dos personagens femininos na poética cortês, além de indicar a conduta de rodeio em torno de um centro vazio, também nos lança num terreno de misoginia, de impossibilidade afetiva diante desse parceiro desumano. A condição *sine qua non* para amar, portanto, é que a pessoa não seja amada em troca. "Não há possibilidade de cantar a Dama, em sua posição poética sem o pressuposto de uma barreira que a cerque e a isole" (LACAN, 2008, p. 181). A poesia do amor cortês é uma montagem em que as duas metades se contaminam, mas não se encontram num todo. O poeta e o objeto feminino coexistem em justaposição contraditória. A frase de Lacan, "aquilo que o homem demanda, em relação ao qual nada pode fazer senão demandar, é ser privado de alguma coisa de real" captura a posição ambivalente do sujeito, que embora fascinado pela mulher, explicitamente identificada como objeto de desejo, não hesita em pô-la num regime de inacessibilidade. Portanto, a manifestação do desejo e o elogio à palavra não é salvaguarda da misoginia. No sentido em que Lacan propõe, é a emergência do vazio do real através de uma construção artificiosa de linguagem.

Uma Dama de corte: a mulher isolada, barrada, conformada. A Dama cortês, à força de um processo violento de linguagem, forjado por ideais estéticos mais seculares, é posta de maneira descaracterizada e impessoal, desenraizada da realidade. A mulher é permanentemente barrada e sua participação no exercício poético se restringe a figurar segundo os truques estilísticos do poeta. A essa mulher expropriada de sua condição de ser, resta a figuração no cerne da poesia como encarregada de reproduzir uma estrutura de linguagem que se assemelha à vida em sociedade; ao lugar de confinamento, reclusão e silêncio. Pois esse lugar é o próprio espaço de mulher. O poeta absorve e canaliza suas intuições e põe no exercício da palavra sua imagem e dessemelhança, pois não é a mulher que falta; busca-se a falta. Assim, o vacúolo aparece mais uma vez. O homem fala para esse vazio como se ele falasse dele.

Seguindo o pensamento de Lacan (2008), na estrutura do amor cortês, a significação do dom do amor se confunde com a função narcísica. Tal desdobramento implica um artifício que se mostra tanto durável quanto complicado, pois a função do espelho, cuja estrutura imaginária se qualifica na relação narcísica, coloca em evidência o lado de exaltação ideal que é expressamente visado na ideologia do amor cortês, isto é, seu caráter profundamente narcísico. Como afirma Lacan,

É um espelho para além do qual é apenas por acidente que se projeta o ideal do sujeito. O espelho, num dado momento, pode implicar os mecanismos do narcisismo e, nomeadamente, a diminuição destrutiva, agressiva, que reencontraremos em seguida. Mas ele desempenha um outro papel - um papel de limite. Ele é aquilo que não se pode transpor. E a organização da inacessibilidade do objeto é justamente a única coisa da qual ele participa. Há toda uma série desses motivos que constitui os pressupostos, os dados orgânicos, do amor cortês. Por exemplo, isto - o objeto não é absolutamente apenas inacessível, ele está separado daquele que se consome em atingi-lo por todos os tipos de potências maleficientes que a bonita linguagem provençal chama, entre outras denominações de *lauzengiers*. São os ciumentos, mas também os maledicentes (LACAN, 2008, 183-184).

O que prevalece na sublimação é um labirinto em que o sujeito se relaciona com o

objeto através de laços inextricáveis, entre o objeto e as elaborações imaginárias, e do gozo que se obtém nessa relação. Lacan equivale o exemplo do oleiro e do vaso de cerâmica ao ato mítico do qual Deus fez o mundo e viu que era bom. A possibilidade de sublimação oferece a constatação incontornável da satisfação narcísica, por vezes sob a forma da criação artística, que faz o vacúolo vir à tona, e provoca a elevação do objeto à dignidade de *Coisa*.

Bloch (1991) questiona se o conflito de abstrações do amor cortês pertence ao objeto feminino ou é interno àquele que conduz o rodeio amoroso. O percurso interno deste rodeio conduz ao vazio de *das Ding*, ao Real da teoria lacaniana. Ao mesmo tempo, tal percurso se refere à dimensão simbólica da cultura, ferramenta que expressa as relações entre sujeito e objeto, particularmente como forma de manifestar algo que, na intenção do poeta cortês, se esboça como uma desapropriação de si mesmo, um auto infligir-se. Bloch (1991) conclui que a letra parece ter muito pouco a ver com as mulheres. Pelo contrário, afeta mais a relação do poeta consigo mesmo do que sua relação com os outros. "Espelho, desde que me vi refletido em ti, suspiros profundos me matam. Eu me destruí assim como o belo Narciso se destruiu na fonte".

## **2.2 Projeções viris: a redenção do herói**

Pretendo desenvolver neste tópico a evolução da figura do herói no cinema em três tempos diferentes: o caubói das terras de Marlboro, o declínio físico dos personagens masculinos em Hitchcock e os conflitos em *Taxi Driver* (1973) sob a ótica da ideologia na crítica de Slavoj Žižek (2006). O interesse de se apoiar num processo de comunicação como o cinema é para capturar a valência diferencial do gênero masculino e também o deflagramento da percepção da virilidade como indicador crucial de uma crise que está profundamente inscrita na cultura, na linguagem e nas imagens. Pois, como Hérítier destaca, "a longevidade dessas estruturas implica sua transmissão eficaz" (apud COURTINE, 2013, p. 8).

A relação entre os domínios da produção cinematográfica e da produção de identidade de gênero se fundem numa matriz essencialmente heterossexual. Robert Widmark, filósofo americano do *western*, descreveu o Velho Oeste como “o lugar em que os homens são homens e as mulheres são mulheres” (WIDMARK apud BAECQUE, 2013, p. 533). Devido ao alcance social dessas representações, é fecundo retomar os modelos arcaicos do cinema para verificar como as faces da virilidade se reproduzem e se deslocam sob o prisma de novas projeções. Ao contemplar a figura do caubói, pretendemos situar as raízes do gênero *Western* no imaginário ocidental como aquele que reproduz uma virilidade conturbada e também sinalizadora, já que, segundo André Bazin (2018, p. 55), o *western* coincide não só com a invenção do cinema, mas com a origem da América.

Os caubóis inscreveram as principais linhas de força do gênero *western*: o reconhecimento do corpo viril, corpo que se confunde com os vastos horizontes e deles se alimenta para fundar a potência e a precisão de sua virilidade. Defrontar-se com a figura *westerner* é ir ao encontro com um modelo de herói cujo arquétipo remonta o tema básico da jornada de todo ser vivo. Joseph Campbell (1997) esclarece que a experiência a qual se baseia a jornada do herói é primordial a todas as pessoas, pois trata-se dos rituais de passagem da vida. No nascimento, o bebê é obrigado a abandonar o útero materno e adaptar-se ao ambiente exterior. Esse momento representa o primeiro trauma da vida e também o ritual de iniciação através do qual o pequeno ser humano vai criar possibilidades de desenvolver-se, transformar-se e abandonar antigas condições para fundar novas. Atento à variedade de jornadas existentes, Campbell explora um quadro de referências que inclui os heróis espirituais, os que se jogam em aventuras, aqueles que são lançados no exército etc. Grosso modo, o herói é alguém que ultrapassa a esfera comum, capaz de doar-se por algo maior ou diferente dele mesmo.

A capacidade mobilizadora de superação dos conflitos supõe que ser um herói *westerner* é estar e atuar na terra vasta e, no limite, fundá-la. A relação frutífera com a paisagem do Oeste corresponde ao estilo de *mise-en-scène* marcado pelos grandes planos de conjunto, que sempre evocam o confronto do Homem e da Natureza. André Bazin (2018, p. 100) explica que o *western* ignora praticamente o close, quase totalmente o plano americano; ele se prende ao travelling e à panorâmica, que negam os limites da tela e restituem a

plenitude do espaço.

O corpo do caubói surge como pedra fundamental de uma perspectiva heróica e de uma vocação viril, e a questão dos signos de composição corpórea é importantíssima no conjunto filmico. O caubói se configura de forma silenciosa, sempre às voltas com um fazer-se e desfazer-se. Os atributos são revisitados e seus impactos, depurados: a pistola, o chapéu, o traje único, as botas, o cavalo. Por vezes, só se pode acessar a essência de sua jornada quando é o fim da vida que está no horizonte, pois a narrativa alinha o corpo do caubói ao desenvolvimento do duelo e morte. Entre esses atributos de sentido, talvez o mais emblemático seja a pistola, pois é através dela que ele domina a realidade. O objeto anuncia, desde o início, que o corpo do caubói é feito para o duelo. O corpo robusto e domado indica tanto a força física, quanto uma sexualidade discreta. Um corpo tão enxuto é capaz de evocar tanto as características corporais de um semideus, no campo da libido como o da violência, já que é sob o signo da virilidade que inscreve sua marca.

No confronto contra o Mal, encontra-se um outro sentido: a transmissão dos valores morais de uma nação. Ora, combater e castigar aqueles que traíram o código de honra fundador (os covardes, os ladrões, os traidores), além de mais uma prova da realidade dicotômica do gênero *western*, também ilustra a relação com os valores e crenças na ação correspondente à filosofia do homem comum americano. Segundo Baecque, "ser um *westerner*, é afirmar-se através da encarnação de um homem exemplar" (2013, p. 532). Some-se a isso, o autor também indica que "esse modelo de herói é o princípio macho do universo" (BAECQUE, 2013, p. 532). Assim, o paradigma do caubói estabelece um modelo que pressupõe força e fascínio. Por meio de seus atributos corporais, ele desponta e perfura o corpo do outro com a potência da bala através da qual também inscreve a máxima de que *viver é correr risco de morte*. Essa máxima se estabelece como pedra de toque das masculinidades viris e aponta para outras características: a ausência de medo da morte, o aspecto da aventura, o mistério, a violência, que se manifesta na profusão de signos.

Vivendo nesse contexto bastante hostil do faroeste, a história do caubói é definida em boa medida através do duelo. O duelo cria oportunidade de confronto tanto face a face quanto por meio da rivalidade de armas e de egos. No duelo, há certo paroxismo; a morte vibra. Uma

atenção àquilo que é atribuído ao momento do confronto, para além do risco de morte, é de algo que ainda vai brotar. O que surge daí é a própria instituição do *western* e seu julgamento final, sua verdade definitiva. “Nessa rivalidade, exacerba-se a virilidade conflituosa dos *westerners*. São filmes constituídos em torno de seus duelos que os revelam por aquilo que são: epopeias de homens” (BAECQUE, 2013, p. 532).

A primeira leva dos caubóis hollywoodianos, representados por atores como Tom Mix, William S. Hart, Tex Hitter e Joe Hammam explicitam o gênio da espécie como o homem que se debate contra a natureza hostil, nunca contra si mesmo. A certa altura, os traços que descrevem a personalidade do caubói, acabam por dividir a mesma figura em duas correntes distintas: os heróis exemplares e os heróis vulneráveis. Veremos adiante como essa divisão propõe um novo esquema ao modelo viril.

Num desdobramento do clássico ao moderno, o grande mérito do gênero *western* é chamar atenção para a tragédia pessoal dos heróis, distanciando-se do duelo entre Bem e Mal. A criação de heróis vulneráveis, enfraquecidos, impedidos e inquietos quebra o silêncio de um John Wayne que estabeleceu sua imagem como o portador dos valores fundamentais da nação. A partir da década de 1950, a mitologia cinematográfica se coloca mais ao lado de estrelas sombrias, como Marlon Brando e James Dean, do que na postura invulnerável dos caubóis heróis. Para Baecque (2013), o movimento de dessacralização em torno dos heróis voltava-se muito mais para o conflito da identidade do que para a afirmação do estado puro do *western* clássico. Como personagens situados em contextos, houve uma expansão de histórias que se valem da redenção do caubói.

No filme *Pursued*, o jovem *westerner* Robert Mitchum, filho ilegítimo, atormentado, vê seu poder de herói diminuir consideravelmente à medida que seus traumas de infância são revelados. Robert Mitchum, Richard Widmark e Kirk Douglas são os primeiros heróis desses desdobramentos do positivo ao negativo, do puro ao impuro, de uma virilidade da luz a uma virilidade da sombra. Pois eles carregam em seus corpos e rostos essa dualidade de aspecto (fortes e inquietantes) e de espírito (o mistério e o mal-estar lhe convém) (BAECQUE, 2013, p. 535).

A nova fase do caubói atesta uma hipótese: há aqui uma voz unívoca, que conversam e cantam a partir de suas angústias e em torno dela. Nesse momento, o caubói, para além da

relação de continuidade entre corpo e entorno, sintetiza os conflitos íntimos que o atravessam, contaminam e formulam sua conduta. O herói vulnerável viria fazer suplência ao caubói de virilidade inabalável, que é capaz de expressar suas dores físicas e emocionais através de diversos sintomas. São respostas diferentes diante da angústia: Kirk Douglas é ao mesmo tempo bêbado e amputado de um dedo em *The Big Sky*; Walter Brennan é pernetado em *Rio Bravo*; James Stacy é deficiente em *Posse*; James Stewart ferido na mão em *The man from Laramie*; encontramos um cego em *The Lovely Man*, enfermos em *The Violent Men* ou *Duel in the Sun*; e John Wayne é canceroso em *The Shootist*, de Don Siegel, assim como o herói do *Justicier de l'Ouest* é vítima de uma gangrena (BAECQUE, 2013). Nenhuma tentativa de domínio, é capaz de driblar as angústias. O autor destaca que "a cada retomada, esses novos heróis do *western* combatem não somente adversários tradicionais, mas eles próprios, no sentido de que estão desesperados, traumatizados, às vezes alcoólatras, e geralmente diminuídos fisicamente ou ao menos vulneráveis" (BAECQUE, 2013, p. 536).

Vale cotejar, conforme destaca Baecque (2013), que a falência física combinada à tragédia pessoal não retira a virilidade da tela, apenas a imprime de uma maneira diferente, conferindo uma camada de humanidade só possível de alcançar quando o caubói abandona os jogos de manipulação em torno do purismo de sua performance original. O herói vulnerável é o sujeito que envelhece, que sofre, e que também desaparece. Baecque assinala que a condição de humanidade conferida à virilidade moderna põe em vias de desaparecimento o próprio gênero *western*. Em seus epitáfios, inscrevem-se os nomes de "heróis crepusculares", "cavaleiros do crepúsculo" e "cowboys da morte".

Os jogos tranquilos do herói preso numa realidade dicotômica sai de cena, pois o mal externo, personificado pelas guerras e tragédias da natureza, agora é atribuído ao interior de sua pessoa e de seu corpo. Nesse sentido, Edgar Morin (apud BAECQUE, 2013, p. 540) afirma que "o problema agora está na contradição vivida, na impotência, na aspiração, na procura desesperada". O que parece engendrar-se nos filmes do *western* é um vínculo de reciprocidade entre heroísmo, melancolia e traumas. A virilidade ferida, consagrada principalmente nos filmes de Clint Eastwood, passa a projetar uma representação heróica cujos estigmas de sofrimento se apoiam na comunidade que o admira.

O impasse em relação ao filme *Janela Indiscreta* (1954) talvez esteja relacionado ao amplo leque de interpretações que a obra suscita. Para começar, a Teoria Feminista do Cinema, capitaneada pela pesquisadora inglesa Laura Mulvey, põe em evidência a violência misógina da filmografia de Alfred Hitchcock. De acordo com Mulvey (2009), o projeto de Hitchcock se concentra em inserir a visão do protagonista masculino, que acaba por reservar à mulher o lugar de objeto passivo do olhar e da manipulação do diretor e do público. “*São filmes cortados na medida do desejo masculino*”, escreve Mulvey (2009), sugerindo que esse desejo recobre a mulher em uma série de jogos de fetiches e controle. Além disso, a crítica também abarca a hipótese do *fantasma da castração*, cujos signos e símbolos são carregados pelo corpo feminino, dado a ausência do pênis-Falo na mulher. Aqui, abarco o entendimento de Mulvey (2009) de que a narrativa do cinema clássico nega a visão da mulher, dado que se encaixa com precisão no enredo de *Janela Indiscreta*, em que o espectador não tem outra saída a não ser se identificar com o olhar do protagonista masculino. No entanto, os elementos dessa ficção carregam múltiplos sentidos. A pesquisa da feminista Tania Modleski (1987) propõe uma nova fórmula ao negar que as mulheres hitchcockianas são fracas e incapazes.

Uma ideia de morte permeia o filme: ideia de morte de mulher. As intuições sobre a morte feminina, convocadas pelo imaginário do protagonista L.B. Jeffries, relembram a definição precisa do crítico André Bazin sobre o trabalho de Hitchcock: *cinema de crueldade*. No suspense hitchcockiano, a morte sai do espectro do tabu e se revela sob o signo do fascínio.

Em *Janela Indiscreta*, Jeff é um fotojornalista de sucesso. Absorto em sua potência viril, ele viaja o mundo a trabalho, em busca de fotos espetaculares. Num evento esportivo, a paixão pela aventura lança Jeff numa pista de corrida, onde, surpreendido por um carro, sofre um acidente na perna. Os desdobramentos da relação de Jeff com a perna quebrada é o foco do filme de Hitchcock. Recluso em seu pequeno apartamento no cortiço de classe média em Greenwich Village, Nova Iorque, a janela é a válvula pela qual Jeff se comunica com os vizinhos, ainda que no âmbito do imaginário. A janela é a fronteira entre o imaginário, o simbólico e o real; planos que deflagram o conflito do desejo masculino. Outrora ativo e viril, Jeff permanece impotente e passivo diante de sua janela. Nessa esfera, o corpo do

protagonista cria sua própria zona de discurso, que se amplia à medida que a imagem da namorada Lisa Freemont, interpretada por Grace Kelly, risca a tela. Juntos, eles imprimem a dicotomia entre movimento e estase, tão cara ao cinema clássico. O próprio Hitchcock, em entrevista a François Truffaut (apud MODLESKI, 1987, p. 189) explica a utilização desse recurso: “A simetria é a mesma de *Shadow of Doubt*. De um lado do quintal está o casal Stewart-Kelly, com ele imobilizado pela perna engessada, enquanto ela pode se mover livremente. E, do outro, há uma mulher doente que fica confinada à cama, enquanto o marido vai e vem”. Modleski (1987) resgata o exemplo de Raymond Bellour para mostrar que, no cinema clássico, era comum a oposição entre movimento e estase para estabelecer a superioridade masculina na narrativa.

É nesse ponto que se situa o cerne da crítica feminista. Mulvey (2009) enxerga Lisa como uma “imagem passiva de perfeição visual” cuja marca se define pela beleza e obsessão por roupas e joias. Na outra ponta da crítica, um deslocamento ocorre na ênfase dada à mobilidade da personagem em cena. Essa questão corresponde a dois conjuntos de valores que são contrapontos na ficção de *Janela Indiscreta*. A personalidade viril de Jeff despreza o estilo de vida da namorada, que, além de trabalhar com moda, é, segundo ele, “perfeita demais”. Ao analisar a obra, Modleski (1987) aponta que essa contraposição abre passagem para a interpretação de que a ameaça da sexualidade feminina é atrelada ao medo do homem da diferença sexual, e de sua suspeita de que as mulheres possam, afinal, ser homens mutilados. Ameaça que é acentuada pela agressividade das mulheres hitchcockianas. Esta seria a causa das fantasias de desmembramento do corpo que permeiam todo o esquema do filme.

Nessa teia de desejos inconscientes, o voyeurismo transcende. A plateia de vizinhos passa a habitar o imaginário de Jeff: Lars e Anna Thorwald, Miss Lonelyhearts, Miss Torso. À medida que Lisa tenta seduzir Jeff com sua presença estonteante, ele captura os episódios da vida dos outros. Importa-lhe sobretudo a relação do casal Thorwald, as aventuras amorosas de Miss Torso e a melancolia de Miss Lonelyhearts. O espectador acompanha a criação do conto misógino de Jeff, que investe na hipótese de que Lars Thorwald assassinou sua esposa, esquartejou seu corpo e depositou os pedaços numa mala.

O risco de ser pego assola constantemente o voyeurismo de Jeff, que tenta coagir Lisa, a enfermeira Stella e o detetive Tom Doyle a aderir suas ideias. A postura de Jeff demonstra sua vulnerabilidade e também arrogância, porque, incapaz de apurar o caso sozinho, insiste que Lisa e Stella o façam em seu lugar, validando sua história. Aqui, um dos elementos fundamentais é a impotência de Jeff para controlar a situação, principalmente quando Lisa invade o apartamento de Thorwald em busca de provas e ele, violentamente, apanha-a em flagrante. Na sequência, Lars Thorwald segue até o apartamento de Jeff. É a vez de Hitchcock exhibir, com sarcasmo, a tentativa canhestra de defesa de Jeff, ao lançar flashes de luz - seu instrumento de trabalho, no rosto de Thorwald, quando o vizinho vai ao seu encontro com a questão: "O que você quer de mim?". Jeff, permanentemente sujeito à passividade, é lançado janela abaixo, ato que encerra o protagonista em mais um capítulo de declínio físico. Leda Tenório da Motta examina:

Estamos num sofisticado jogo entre a "câmera subjetiva", que sustenta o olhar da personagem, e a "câmera objetiva", que sustenta o olhar que divisa a personagem. Temos, então, algo que nem a internet nem a televisão nos podem dar: um trânsito do campo de visão do herói para o que se chama, em cinema, de "contra-campo", que é o retângulo ou o frame constituído pelo campo oposto ao enquadrado pela câmera. Metaforicamente, poderíamos falar, ainda, na intromissão de uma outra voz e, ato contínuo, numa polifonia. Graças a isso, inverte-se toda a perspectiva do filme, dá-se uma quebra de eixo surpreendente, preparada para o final, quando o marido assassino volta-se para o fotógrafo e lhe contrapõe a sua mirada. É uma dialética que, embora espetacular, nesse caso, está em toda parte em Hitchcock, e para a qual Zizek nos chama a atenção, notando que ela descarta qualquer tomada objetiva e que isso faz dos objetos mais triviais objetos de angústia (MOTTA, 2006, p. 33).

Conforme foi dito, é também pela metacrítica que o personagem alimenta um jogo violento, cujo aparelho fotográfico se transforma em arma de fogo por meio da defesa dos golpes de luz que a máquina opera, de acordo com Motta (2006, p. 34), em uma ação correspondente às promessas agressivas de "*to shoot*". Importante salientar o vazio em que esse herói é jogado ao cair da janela do apartamento. O jogo da virilidade permanece; no entanto, existe uma espécie de furo no enredo. Sobre a angústia do herói, sobre o vazio em que Jeff despenca, sinalizam o fosso e também os caminhos os quais os personagens masculinos seguem os preceitos de Hitchcock, sempre associado diretamente à morte e à passividade do objeto feminino.

O próprio Jeff - e, por extensão, o espectador do filme masculino - é forçado a se identificar com a mulher e tomar consciência de sua própria passividade e desamparo em relação aos acontecimentos que se desenrolam diante de seus olhos. Assim, todos os esforços de Jeff para repudiar a identificação feminina que o filme originalmente cria terminam em retumbante fracasso, e ele é forçado a ser, por sua vez, a vítima das manipulações cinematográficas de Hitchcock do espaço e tempo (MODLESKI, 1987, p. 90).

Repetições e ecos são frequentes. Instigam uma nova voltagem nos sintomas, que insistem, obstinados. Por outro lado, às vezes resultam em uma suspensão: algo que não se esgota no declínio físico do corpo que cai. Vertigem, a palavra semeada, deriva no abismo da fantasia de morte de mais um personagem de Hitchcock. Modleski (1987) escreve que as quedas nos filmes de Hitchcock estão constantemente ligadas ao feminino e à angústia em relação à vida intrauterina. Tal como Jeff em *Janela Indiscreta*, Scottie Ferguson em *Vertigo* (1958), ambos interpretados pelo ator James Stewart, também teve seu corpo marcado pela queda.

Hitchcock fez movimentos precisos para enquadrar Scottie nesse sintoma. Assim como Jeff, o personagem fracassa ao desempenhar sua profissão. Como detetive de polícia, um episódio de perseguição expõe seu medo de altura e o obriga a se aposentar. Colocado numa posição de passividade forçada desde o início, esse acontecimento diz respeito ao seu fracasso em relação à lei simbólica (MODLESKI, 1987, p. 81).

Em *Vertigo*, o espectador é levado ao caso armado pelo empresário Gavin Elster, que é o grande articulador para que a vertigem de Scottie o fragilize a tal ponto que ele termina o filme internado num hospital psiquiátrico. Por trás disso, o objetivo de Elster é assassinar sua esposa e tomar posse de seus bens. Elster mantém a esposa verdadeira longe da cidade, e arranja uma substituta para encenar o jogo com Scottie. É dessa maneira que a relação entre Scottie e Madeleine é costurada, através de outros elementos. A versão que Elster conta para Scottie é que Madeleine tem sofrido perturbações mentais que convocam uma tia falecida, Carlota Valdez.

Para que o trabalho seja iniciado, Elster propõe um encontro no Ernie's restaurant a fim de que Scottie conheça Madeleine. Provocado pela presença dela, à medida que o casal

atravessa o salão, a mulher não estava ali senão para lembrar, conjugado ao poder de transformar seus traços físicos, altamente expressivos, em material de fascínio. No documentário *O Guia Pervertido do Cinema* (2006), Žižek destaca a incapacidade de Scottie de encarar o rosto de Madeleine. O filósofo considera esse *shot* o mais central do filme, que será reproduzido em outras cenas. "O *shot* de perfil talvez seja o mais importante do filme. Ele fornece o fundo escuro, o fascínio de Madeleine no restaurante Ernie. Scottie está com muito medo de olhar para ela diretamente. O que ele vê são os seus sonhos. Quando ele vê um rosto, é basicamente sempre a metade dele" (ŽIŽEK, 2006). Modleski afirma ainda:

Corta para Scottie olhando e, em seguida, para a cena do ponto de vista de Madeleine, que se levanta de sua cadeira e caminha para o close-up de seu perfil. Só muito mais tarde poderemos ver todo o seu rosto e só então poderemos ouvi-la falar; durante grande parte da primeira parte do filme ela será o objeto mudo, apenas parcialmente visto a partir da busca romântica do homem pelo eterno feminino (MODLESKI, 1987, p. 80).

Ser investigador implicava, em última instância, buscar as íntimas peculiaridades concretas que o ajudassem na tentativa de reconstituir o objeto feminino por inteiro. Desta maneira, Scottie passou a seguir Madeleine em seus passeios diários pela cidade: na baía de São Francisco, igrejas, cemitérios, museus, no garimpo de detalhes. Muitos dos lugares e situações em que os dois se encontram, extraem a forma de espiral como expressão de sonhos, vertigens e abismos. Os arcos da igreja, o coque do cabelo de Madeleine, o buquê de flores que ela carrega, além de sugerir a absorção e fascínio de Scottie pela figura da mulher, passa a representar também o jogo libidinoso que preconiza a articulação entre o feminino e a morte.

As aproximações entre Scottie e Madeleine tornam-se matéria-prima para elaborar artefatos que poderiam culminar numa história de amor; entretanto sua inscrição se dá sob o signo da ambiguidade de significado e sentimento. Pois como Modleski (1987) destaca, o grande tema do amor romântico do filme é um ardil, uma pista falsa. "Todas as palavras sobre amor... tudo isso é sempre apenas uma cobertura para o ódio alimentado pelo medo da morte: a mulher, para o homem, é a morte" (CIXOUS apud MODLESKI, 1987, p. 82).

Certamente essas palavras têm forte ressonância em relação à vertigem, pois

a fonte do fascínio do homem pela mulher é o seu próprio fascínio pela morte, pelo abismo aberto, que ela alucina como sua sepultura aberta e que é continuamente representada no filme em suas muitas formas em forma de arco de igreja, museu, cemitérios. Mas neste momento, pelo menos, o filme é alegre; e o ódio alimentado pelo medo será suprimido até o final. Até aí o filme só se preocupa em despertar nos espectadores a curiosidade e o desejo pela mulher como objeto idealizado do amor romântico (MODLESKI, 1987, p. 82).

É nesse sentido que Žižek (2006), opera sua crítica. A ideia da criatura fascinante já começa a tramar a contradição da história de amor. A imagística da mulher fatal à deriva, enigmática, compõe a trama central e, à medida que as metáforas vão ganhando nitidez, o que se ensaia é o que virá a ser um dos típicos procedimentos hitchcockianos, que se desenrola manuseando o tema da morte por meio de sucessivas miradas, como o escultor que circunda a matéria, talhando-a por vários ângulos. "A ideia da mulher fatal possui ele totalmente; a mulher fatal é a morte. O abismo final não é o abismo físico, mas o abismo da morte de outra pessoa. Quando você olha para os olhos dos outros, você vê a espiral" (ŽIŽEK, 2006).

É quando Hitchcock começa a instaurar modos de ver imprevisíveis, tão logo delineados, revelam o abismo, como na relação com a feminilidade. Com o desfecho da história armada, Elster consegue com êxito assassinar Madeleine e se safar disso por causa da vertigem de Scottie, incapaz de mover-se para salvá-la no alto da torre da missão espanhola San Juan. Scottie, fixado em sua obsessão pela mulher morta, ascende Judy à condição de objeto revelado quando ele a encontra em seus passeios pelas ruas da cidade. A semelhança entre as duas não é à toa: Judy atuou como Madeleine no jogo obscuro de Elster. A partir daí, Scottie passa a investir na relação de modo a encenar a construção da feminilidade: muda-se o corte e a cor dos cabelos de Judy, assim como as roupas e o seu modo de andar. O filme sugere que a feminilidade na cultura é em grande parte uma construção masculina, e que é uma questão de ornamentos, próteses e papéis a desempenhar. Não satisfeito até possuí-la inteiramente, ele se depara com a possibilidade de seu próprio nada. "Pois, se a mulher que se apresenta como aquela que o homem deve conhecer e possuir para garantir sua verdade e sua identidade não existe, então, em algum sentido importante, ele também não existe" (MODLESKI, 1987, p. 89).

Žižek (2006) alinha a frase *the only good woman is a death woman* ao propósito do

filme. Scottie sabe que Madeleine não existe - ela é apenas uma fantasia, mas ele tenta recriá-la, forçando Judy a se tornar Madeleine. Quando Scottie transforma Judy em Madeleine é como uma fantasia realizada. Žižek diz que o nome perfeito para isso é pesadelo, pois essa dinâmica é sustentada por uma violência extrema. Violência que consiste no caso de Scottie transformar brutalmente Judy, a garota comum real, em Madeleine, a mulher morta. "É realmente um processo de mortificação. É também a mortificação do desejo feminino. Scottie tem que modificá-la e transformá-la em uma mulher morta" (ŽIŽEK, 2006). Žižek afirma ainda:

Esta cômica identidade de "assemelhar-se" e "ser" anuncia, no entanto, uma proximidade letal: se a falsa Madeleine se assemelha a ela, é porque está de certa forma já morta. O herói a ama como Madeleine, isto é, na medida em que ela está morta - a sublimação de sua figura equivale a sua mortificação no real. Esta seria então a lição do filme: a fantasia rege a realidade, não se pode usar máscara sem pagar em carne e osso (ŽIŽEK, 2006).

Para Scottie, Judy é importante na medida em que ela se encaixa em sua estrutura de fantasia. Judy o ama, mas para obter esse amor correspondido, ela deve se transformar na fantasia de Scottie, ou, em outras palavras, ela tem que assumir a forma de uma mulher morta.

Mudamos aqui de sintoma e de filme. O que se segue é *Taxi Driver* (1976) dirigido por Martin Scorsese, e com roteiro de Paul Schrader. Mestre absoluto de suas contradições, o protagonista Travis Bickle põe em questão suas implicações existenciais que evocam a tragédia social norte-americana. No filme, a solidão é posta em cena em relação de contiguidade com a morte e a virilidade. Se por um lado Travis é um homem que padece do tempo presente, por outro o enredo deve muito à Nova Iorque suja e caótica dos anos 1970. Essa década é a década da dissolução, em meio ao caos da Guerra do Vietnã, a crise econômica e o escândalo político de Watergate.

Quando visita a história da solidão, o filme mostra os caminhos de um motorista de táxi cuja metáfora do carro amarelo que percorre a cidade levando os passageiros aonde desejam ir tematiza a experiência do heroísmo viril a partir de diferentes perspectivas. De irônica à trágica, o filme dedica boa parte dos motivos à insuficiência autodestrutiva do

personagem para resolver suas questões. Travis é um ex-combatente que sofre de insônia. Por tal motivo, decide trabalhar como motorista, de forma que passa a se ocupar durante as madrugadas inteiras. A ideia de solidão como adjacente à vida, e não como acontecimento pontual de uma trajetória, encontra-se como tema central do filme. Independentemente da posição que o personagem se situa, a solidão se confunde com sua paisagem interna, e a morte é reiteração viril da condição do herói que está morto em vida.

Entre as ocasiões que levam Travis a manifestar suas contradições e afirmar uma atitude destrutiva consigo mesmo, estão os encontros com Betsy e Iris, a prostituta de doze anos de idade. São nessas ocasiões que o personagem se vale da ideia de morte para caracterizar a vida. Se a morte pode ser repulsiva e indesejável, ela é a metáfora encontrada para representar a vida solitária e miserável de Travis sob a ótica do heroísmo viril.

O encontro de Travis e Betsy é representado pela inadequação tanto pela incapacidade de Travis de se encaixar socialmente, quanto pela dinâmica freudiana do desejo explorada no filme e sustentada na fala do próprio Scorsese numa entrevista dada ao crítico de cinema Roger Ebert, em 1976. Sob o título *Contribuições à Psicologia do Amor I, II e III* (1909-1910, 2013), Freud reúne em três ensaios o registro de seu pensamento sobre as condições segundo as quais o sujeito faz sua escolha de objeto sexual e articula aos complexos inconscientes que regem a conduta amorosa. O roteiro básico pelo qual Freud se vale para realizar tal operação é o Complexo do Édipo, história infantil que inaugura as primeiras experiências de afeto entre a criança e os seus cuidadores. O período edípico é a cena que faz emergir imagens e fantasias inconscientes a partir de trocas afetivas que posteriormente vão orientar o sujeito nas suas escolhas de objeto. Segundo Freud,

A corrente terna é a mais antiga das duas. Ela vem dos primeiros anos da infância, formou-se com base nos interesses do instinto de autoconservação e se dirige às pessoas da família e aos que cuidam da criança. Tais fixações ternas da criança continuam através da infância e sempre incorporam erotismo, que assim é desviado de suas metas sexuais. Na época da puberdade sobrevém a poderosa corrente "sensual", que já não ignora suas metas. Ao que parece, ela nunca deixa de seguir os caminhos anteriores e de investir os objetos da escolha infantil primária com montantes de libido bem mais intensos. Mas, como vai de encontro aos obstáculos erguidos nesse meio-tempo pela barreira do incesto, envidará esforços para logo transitar desses objetos. Esses novos objetos ainda serão escolhidos segundo o modelo (a *imago*) daqueles infantis, mas com o tempo atrairão para si a ternura que se ligava aos primeiros. O homem deixará pai e mãe - conforme o preceito bíblico -

e se apegará à mulher; ternura e sensualidade ficarão unidas. O grau máximo de paixão sensual acarretará o máximo de valoração psíquica (FREUD, 2013, p. 349-350).

A questão fundamental no ensaio *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa* (1912, 2013), em que Freud trata da impotência psíquica, é a impossibilidade de coincidir num único objeto as correntes da ternura e da sensualidade. Esses dois aspectos aludem às fixações dirigidas ao objeto de identificação primária, que é barrado pelo interdito do incesto, porém revisitado na escolha amorosa do sujeito adulto. A relação de agudo contraste entre as duas tendências seria resultado do não abandono do objeto incestuoso. A interdição ocorre devido à fixação na mãe, impossibilitando o sujeito de experimentar sua sensualidade em uma relação amorosa, pois para ele toda mulher acaba ocupando o lugar materno.

Quanto amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar. Buscam objetos que não necessitam amar, a fim de manter sua sensualidade longe dos objetos amados e o estranho fracasso da impotência psíquica surge, conforme as leis da "sensibilidade do complexo" e do "retorno do reprimido", quando o objeto escolhido para escapar ao incesto recorda, num traço às vezes insignificante, o objeto a ser evitado (FREUD, 2013, p. 355).

No documentário *God's Lonely Man* (2007), Schrader explica que Travis não pode ter Betsy, a garota que deseja, e quem ele pode ter, a prostituta Iris, ele não quer. Vale salientar que essa dinâmica da não convergência das correntes da ternura e da sensualidade e a crescente frustração do personagem é aplicada em oposição à forte fermentação sexual da cidade de Nova Iorque no período. Essa posição fica clara nas tomadas subjetivas em que Travis não perde de vista os casais de namoro, as prostitutas e os cinemas pornográficos e relaciona seu isolamento à estética da cidade, amontoada de gente e de poluição. Isso também é ressaltado no desprezo de Travis ao que ele define como escória - pretos, homossexuais, prostitutas etc. Claramente, o personagem é tomado por preconceitos, com sérias dificuldades de se relacionar com a alteridade.

Travis fica siderado pela visão de Betsy. Loira de beleza angelical, ela trabalha no comitê de Charles Palantine, candidato à presidência dos Estados Unidos. O encontro ressalta o descompasso de Travis com a realidade; ele percorre as ruas da cidade com seu carro, no

entanto, vive isolado da música, das notícias, da política e das pessoas ao seu redor. O descompasso atinge seu ápice quando ele leva Betsy a um cinema pornográfico. O breve lance entre os dois se encerra nesse segundo momento, e o local deflagra o contraste e a distância entre Travis e Betsy, e mesmo Travis e o seu entorno. É tamanha sua desconexão, que ele não compreende os motivos de Betsy ficar atônita ao conhecer o lugar. Um lugar que se institui como legítimo na relação de Travis com a cidade, e o que poderia haver também de mais íntimo.

Valendo-se da ironia e da intensidade que caracterizam o filme, para a qual concorrem metáforas, alegorias e reiteraões de imagens, o que se revela é o caráter brutal de uma vida marcada pela solidão, a ponto de ser mera antecipação da morte. Além de Betsy, Travis encontra outra fixação: Iris. Esta última funciona como uma espécie de fantasia do personagem: ele se incomoda com Iris a ponto de querer salvá-la do submundo da prostituição, principalmente quando entende sua ligação abusiva com o cafetão Sport. Aqui, Žižek (2006) identifica seu prazer oculto na situação vitimária de Iris. O filósofo destaca que a missão é sempre salvar a vítima percebida. Entretanto, o que realmente move a violência do herói é a suspeita de que a vítima, de forma pervertida, desfrute ou participe do jogo de sua própria vitimização, de modo que ela não deseje abandoná-lo. Žižek também destaca que o filme é o remake do *western Rastros de Ódio* (1956), do diretor John Ford. Em ambos os filmes, o herói tenta salvar uma jovem que é percebida como vítima de abuso brutal. No filme de Ford, a jovem interpretada por Natalie Wood foi sequestrada e passou a viver como esposa de um chefe local.

A progressiva passagem de Travis de um estado de invisibilidade para um de visibilidade ecoa nos encontros com Betsy e Iris, pois eles servem como justificativas para a explosão do conflito, e também para a história do conflito em si. A articulação complexa das camadas - psicológica, erótica, ideológica - faz o herói organizar rituais em torno de armas de fogo. Travis constrói um arsenal bélico em seu próprio corpo. São diferentes próteses: um porta-armas no braço, uma faca na perna, uma pistola na cintura. Ele se prepara como se fosse a uma guerrilha urbana, ou, como Schrader (2007) coloca, como se fosse ao combate das forças do mal nas ruas da cidade, como o personagem Batman.

Em que pese as abismais diferenças entre o político Charles Palantine e o cafetão Sport no espaço filmico, as intervenções de Travis contra eles levantam boas questões. O arsenal bélico e a morte se inscrevem numa determinada localidade e ao mesmo tempo se situa fora dela. Os planos de ataque de Travis têm uma dimensão real e concreta, mas também promovem uma suspensão. De acordo com Schrader (2007), Palantine e Sport são representantes das figuras paternas e Travis se dirige aos dois para expressar simbolicamente a frustração de sua impotência. Enquanto a sociedade celebra o político e o protege com muros de pessoas, Travis tenta pegá-lo num comício público, mas é impedido pelos seguranças e pelo fluxo da multidão. Travis falha com Palantine; entretanto, escancara as portas de Sport, e o mata numa chacina. Em ambas situações, ele está lidando estritamente com a figura do pai. Somadas, essas duas posições resultam numa ironia: Travis acaba matando o pai "certo", o pai humanamente descartável segundo a lógica capitalista, que empurra o cafetão para fora e longe da vista. Com a morte de Sport, a sociedade atribui a Travis o papel de herói e estampa sua história nas capas dos jornais. A cena da chacina é em boa medida responsável pela potência do efeito estético do filme, tornando visível todo o trabalho de composição do personagem.

Na visão crítica de Žižek (2006), a chacina em *Taxi Driver* é colocada como ideologia pura, resultado da impenetrabilidade e confusão do capital global. Levando em consideração esse aspecto, a impotência sexual de Travis também se funde nas angústias trazidas pelo estado de insegurança da ideologia à qual está preso.

Žižek (2012) se refere ao conceito de mapeamento cognitivo, usado para simplificar e ordenar uma miríade de elementos de forma a evocar uma resposta simples para uma questão complexa. Por exemplo, na década de 1930, Hitler utiliza o antissemitismo como explicação narrativa de uma série de problemas sociais vividos pelos alemães. Žižek se vale da chacina de *Taxi Driver* para fomentar a discussão sobre o atentado em massa orquestrado por Anders Behring Breivik, em 2011. Para Žižek, a violência nunca é mera violência abstrata, e sim uma intervenção bruta no real, para encobrir certa impotência no que tange ao mapeamento cognitivo. O filósofo não considera que o ato tenha sido mera reação da insanidade pessoal de Breivik, mas sim reação à impenetrabilidade e confusão do capital global, semelhante à chacina de Travis. E prossegue:

Exatamente o mesmo se aplica aos terríveis ataques de violência, a onda de assassinatos de Anders Behring Breivik em Oslo. Explodindo uma bomba em frente ao prédio do governo e, em seguida, matando dezenas de jovens membros do partido social-democrata em uma ilha perto de Oslo. Muitos comentaristas tentaram descartar isso como um caso claro de insanidade pessoal. Mas, acho que o manifesto de Breivik vale a pena ler. É palpavelmente claro como essa violência sobre a qual Breivik não apenas teorizou, mas também praticou, é uma reação à impenetrabilidade e confusão do capital global. É exatamente como a matança de Travis Bickle no final do *Taxi Driver*. Quando ele está lá, quase morto, ele simbolicamente aponta uma arma para sua própria cabeça com os dedos; sinal claro de que toda essa violência era basicamente suicida. Ele estava no caminho certo, de certa forma, Travis do *Taxi Driver*. Você deve ter a explosão de violência e deve dirigi-la a si mesmo, mas de uma forma muito específica, isso não mudará você em você, o amarrará à ideologia dominante (ŽIŽEK, 2006).

O ataque ordenado por Breivik matou setenta e sete pessoas na capital norueguesa de Oslo. Segundo o estudo de David Neiwert (2020), Breivik pode ser considerado um terrorista filho da internet, pois se radicalizou nesse território e publicou um manifesto online de 1.500 páginas, com vídeos e links indicando as fontes islamofóbicas e nacionalistas cujas ideais ele absorveu. Breivik montou um caminhão-bomba com barris de nitrato de amônio misturados com combustível cobertos com detonadores. Na manhã de 22 de julho, ele colocou tudo na parte de trás da van e dirigiu até Oslo. Publicou seu vídeo no YouTube e lançou o manifesto na internet, intitulado *2083: Uma Declaração Europeia de Independência*, em que apresenta evidências destinadas a "provar" várias teorias da conspiração, todas as quais estabeleceram a partir da necessidade de uma nova cruzada "cristã" na Europa para expulsar os invasores muçulmanos. Breivik também era antifeminista e considerava que as mulheres deveriam ser impedidas de seguir uma formação superior.

Žižek chama atenção para o funcionamento do ódio contra o multiculturalismo e a ameaça imigrante, alertando que a rejeição do multiculturalismo introduz uma falsa clareza na situação, como se fossem os intrusos estrangeiros que estivessem perturbando o modo de viver.

Há, portanto, uma interconexão entre a maré anti-imigração (que está aumentando nos países ocidentais e chegou ao auge com os assassinatos indiscriminados de Anders Behring Breivik) e a atual crise financeira: apegar-se à identidade étnica serve como um escudo contra o traumático fato de estarmos presos no redemoinho da abstração financeira não transparente – o verdadeiro “corpo estranho” que não

pode ser assimilado é, em última instância, a máquina infernal autopropulsada do próprio capital. (ŽIŽEK, 2012, p. 100).

Neiwert (2020) aponta que as teorias de conspiração são o fio condutor da toxicidade e da confusão alimentada tanto em torno de grupos minoritários como para o florescimento de um ambiente em que misoginia, fanatismo, homofobia etc, são frequentemente expressos como crimes de ódio e violência terrorista.

### **2.3 O declínio da lei simbólica**

Nesse momento do trabalho, contextualizo o processo de internalização da autoridade no indivíduo a partir da teoria de Freud e Lacan, para, mais adiante, articular o declínio da lei simbólica ao campo aberto das identificações horizontais, dito "fraterno", o qual são incluídos os grupos de jovens que navegam nos fóruns e *chats* da internet.

A relação dos membros com o pai da horda primitiva, tão bem descrita em *Totem e Tabu* (1912-1914, 2012), é a orientação a partir da qual Freud busca articular o mito edipiano como uma estrutura básica universal. O percurso interno da horda aponta para a impotência dos membros diante da figura do pai fundador, chefe que gozava de todas as prerrogativas de poder no conjunto. Os membros matam e devoram este pai primevo. Entretanto, o pai não é aniquilado por completo, pois sua ausência deixa vestígios que põem em questão a obediência e ambivalência em relação a essa figura, agora simbolizado como totem. Os finais desta história conclamam entre a proibição do incesto e a consagração do pai morto, garantindo a epifania desta figura ausente que amou a todos. Esses elementos estão numa relação direta com as ideias de Lamarck sobre a hereditariedade dos caracteres adquiridos, a filogênese de Charles Darwin e a teoria do totemismo, de grande divulgação entre os antropólogos no final do século XIX. O cordão de entendimento freudiano só engrossou com o passar das décadas.

O deslocamento de sentido na teoria tem pontos de ancoragem diferentes nos escritos seguintes, contudo, o totem prevalece como base. Seria possível compreender cada um como

uma evolução no pensamento de Freud acerca da internalização da coerção externa diante do conjunto - a representação de um líder ou ideia, o Deus da religião e o supereu, instância psíquica herdeira do complexo de Édipo.

*Psicologia das massas e análise do eu* (1920-1923, 2011) privilegia a discussão acerca das ligações libidinais das massas e de seus modos de articulação, como se fosse possível sua constituição à maneira da horda primitiva, em que uma quantidade de indivíduos põe um único objeto no lugar de seu Ideal, e, com efeito, identificam-se uns com os outros de modo a sustentar o vínculo que mantêm entre si.

*O Futuro de uma Ilusão* (1926-1929, 2014) é uma obra que se dedica ao espectro das ilusões religiosas. O sentido se concentra na impotência e no desamparo humano tanto em relação às forças da natureza quanto às forças pulsionais, dado que o indivíduo atravessa obstáculos, mudanças e privações necessárias à sua manutenção no pacto civilizatório. Segundo Freud (2014, p. 247), é difícil suportar a existência tanto para o conjunto da humanidade como para o indivíduo. A religião alimenta a ideia de um Deus-pai que protege e ampara seus filhos diante dos infortúnios próprios da existência. O desamparo põe em evidência a necessidade humana de evocar a onipotência desse Deus para prestação de auxílio.

Em *O mal-estar da civilização* (1930-1936, 2010) reaparece o sofrimento humano, desta vez em relação direta com a cultura. A formação do supereu é dada como solução de saída do complexo de Édipo; a criança abre mão dos desejos incestuosos e, através do processo de identificação, assimila a moral dos pais. Freud havia trabalhado a formação do supereu na obra *O eu e o id* (1923-1925, 2011). Como representante da lei simbólica no psiquismo individual, o supereu atua tanto como uma instância de conciliação como uma de repressão na relação do indivíduo com a cultura. Freud (2010) aponta as principais causas de sofrimento que chamaram sua atenção: a força superior da natureza, a fragilidade do corpo humano e os conflitos das relações sociais. O psicanalista destaca que o agudo contraste entre os impedimentos à realização das pulsões, os ideais mobilizados e a culpa seriam a causa e o efeito do sofrimento. De acordo com Freud (2014), o supereu atua como regulador nesse processo cuja internalização representa um avanço histórico em relação a outras formas de

coerção social, pois ruim sem cultura, pior sem ela.

É inexato que a alma humana não tenha realizado progresso nenhum desde os tempos mais primitivos e que, em contraposição com os progressos da ciência e da técnica, seja hoje a mesma que no princípio da história. Podemos indicar aqui um de tais progressos anímicos. Uma das características de nossa evolução consiste na transformação paulatina da coerção externa em coerção interna, pela ação de uma instância psíquica especial do homem, o *supereu*, que vai acolhendo a coerção externa entre seus mandamentos (FREUD, 2014, p. 89).

Em *Moisés e Monoteísmo* (1937-1939, 2018), seu derradeiro trabalho, Freud acena para "os enganos do intelecto diante do que aquilo que, sem consideração pela verdade, vai ao encontro de nossas ilusões que envolvem desejos" (FREUD, 2018, p. 178). Mais uma vez, o psicanalista expressa sua preocupação diante do tema da religião e desenvolve uma argumentação que tem a educação como chave para restaurar os efeitos da repressão causados pelo sistema religioso. O caminho defendido por Freud é o aprimoramento do intelecto forjado pelo reconhecimento da impossibilidade de satisfação plena.

Lacan toca na franja da internalização da autoridade enquanto função, não mais em referência à figura do pai e da mãe. A fim de situar o leitor, o processo de assimilação feito por Lacan do Édipo freudiano é atravessado pelo ambiente estruturalista da França dos anos 1950 e 1960. Lacan demonstra os limites do Édipo traçados pela lógica e pela convenção simbólica como o caminho que o sujeito atravessa, tendo como ponto de partida, a natureza e o final, a cultura. Nesse sentido, a função paterna se inscreve como uma função simbólica que atua não mais em referência de um patriarcado ou matriarcado, mas de um sistema de parentesco. Elizabeth Roudinesco examina:

Lacan mostrou que o Édipo freudiano podia ser pensado como uma passagem da natureza para a cultura. Segundo essa perspectiva, o pai exerce uma função essencialmente simbólica: ele nomeia, dá seu nome, e, através desse ato, encarna a lei. Por conseguinte, se a sociedade humana, como sublinha Lacan, é dominada pelo primado da linguagem, isso quer dizer que a função paterna não é outra coisa senão o exercício de uma nomeação que permite à criança adquirir sua identidade (...), o que levou Lacan a interpretar o Complexo de Édipo não mais em referência a um modelo de patriarcado ou matriarcado, mas em função de um sistema de parentesco (ROUDINESCO, 1998, p. 542).

*Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953) pode ser considerada a obra que Lacan entrelaça a teoria sobre o pai com o estruturalismo, já que começa a explorar os domínios do Édipo a partir do registro simbólico. Para Lacan, as criações humanas são geradas por um conjunto de atividades que derivam de uma única fonte: a linguagem, componente de uma ordem simbólica. A partir desse princípio, Lacan vai trabalhar os lineamentos da descoberta freudiana fundamentada no campo das relações da natureza com o registro simbólico. De acordo com as considerações de Lacan, os conceitos psicanalíticos só possuem sentido ao serem ordenados na instância simbólica da linguagem. Assim, Lacan compreende que a entrada do sujeito no simbólico, isto é, na linguagem e na cultura, é dada na saída do complexo de Édipo.

Apesar de os registros RSI só possuírem sentido quando articulados em conjunto, eles foram desenvolvidos separadamente por Lacan. Primeiro, o registro imaginário ocupa o espaço na teoria lacaniana sobre o estágio do espelho. Quando Lacan absorve as pesquisas de Lévi-Strauss, ele passa a se dedicar ao registro simbólico pela lente do estruturalismo, distanciando-se da sociologia Durkheimiana sobre a lei da contração familiar, que havia influenciado seu pensamento no período entre 1938 e 1950.

À luz da teorização sobre o simbólico, Lacan atribui à cadeia significativa a operação das funções materna e paterna, separando então o poder social do pai como chefe de família ao valor simbólico de seu nome. Ao abandonar a teoria de Durkheim sobre o declínio da imago paterna, Lacan não trabalha mais o Édipo em referência às condições familiares e sociais. Segundo Zafiropoulos (2002), a separação entre o valor social do pai e o valor de seu nome atribui ao valor estrutural um suporte enquanto função simbólica. A função é primeiro designada por Lacan como função do pai, depois como função do pai simbólico, posteriormente como metáfora paterna, até ser finalmente apontada como Nome-do-Pai.

Em meio às relações imaginárias e reais, a metáfora paterna confirma sua primazia no simbólico. Identificada na teoria lacaniana como Nome-do-Pai, a metáfora paterna é o significante do desejo materno no processo da cadeia significativa, ou seja, o significante materno possibilita substituir um significante por outro significante. Para entender o jogo da substituição metafórica, deve-se ter em mente que, no conflito edípico, o pai é tido como

objeto de desejo da mãe, pois a criança designa o pai como "causa" da ausência da mãe. Pressupõe-se que a operação seja articulada pelo falo, cuja associação ao Nome-do-Pai possibilita a passagem do significante falo ao inconsciente. O caso é que, ao término da substituição metafórica, o significante fálico que designa o desejo para o sujeito corresponde ao significante do desejo materno. De acordo com Joel Dor (1991, p. 53), “ao final da substituição metafórica, o pai é doravante referido ao falo pela criança, enquanto objeto de desejo da mãe”.

Considerando que a dialética amorosa do pai e da mãe seja articulada pelo falo, o tempo que antecede a instauração do falo como objeto imaginário é a fusão da mãe com o filho. Estrangeiro à essa relação, o pai atua como uma instância de corte, introduzindo a lei da interdição de incesto no inconsciente através do significante Nome-do-Pai como lei simbólica. Nesse cenário, o surgimento do objeto fálico como objeto de desejo da mãe confere uma incerteza psíquica na criança que havia se identificado como o único objeto de desejo materno.

Do encontro com o pai enquanto *outro* - portador do falo - surge então o encontro com a lei simbólica. O deslizamento do significante fálico remete para além do pai imaginário; nesse jogo, o pai simbólico emerge e assim são postos os modos de inscrição de cada sujeito no discurso do Outro<sup>3</sup>, que é o discurso da cultura a que pertence. A entrada da criança no pacto da cultura, fundado na interdição do incesto, é efetuada no corte que retira a criança do registro especular do imaginário e a inscreve no simbólico. A importância do complexo de Édipo é extinguir definitivamente a possibilidade do incesto. A lei simbólica, introduzida no ciclo significante, marca a entrada do sujeito na cultura como sujeito do desejo. Com essa base estruturalista, o Édipo passa da condição de complexo à condição de estrutura.

O que importa é a função na qual intervêm, primeiro, o Nome-do-Pai, o único significante do pai, segundo, a fala articulada do pai, e terceiro, a lei, considerando que o pai está numa relação mais ou menos íntima com ela. O essencial é que a mãe funde o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela e de seu capricho, ou seja, pura e simplesmente, a lei como tal. Trata-se do pai, portanto, como

---

<sup>3</sup> A teoria lacaniana atribui ao Outro à dimensão simbólica que antecede o sujeito e que também está na origem de sua divisão. Apesar do campo da linguagem determinar o simbólico, este também é sustentado pelas representações do imaginário. A mãe e o pai, como introdutores da criança no terreno da linguagem, são as primeiras representações imaginárias do Outro.

Nome-do-Pai, estritamente ligado à enunciação da lei, como todo o desenvolvimento da doutrina freudiana no-lo anuncia e promove. E é nisso que ele é ou não é aceito pela criança como aquele que priva ou não priva a mãe do objeto de seu desejo (LACAN, 2020, p. 197).

É importante observar que a associação de significantes não se confirma na relação com o pai real, mas na relação com a palavra do pai. A mãe, responsável pela articulação do Nome-do-Pai à promoção da lei, abre caminho para a substituição significativa cuja importância se configura na forma como esse pai representa a lei enquanto fato psíquico. O pai, como significante, como instância terceira, atua na dimensão do simbólico e não na dimensão realista. Lacan adverte sobre as diferenças entre a ausência do pai na família e sua ausência no complexo de Édipo: "O pai é um significante que substitui um outro significante. Nisso está o pilar, o pilar essencial, o pilar único da intervenção do pai no complexo de Édipo. E, não sendo nesse nível que vocês procuram as carências paternas, não irão encontrá-las em nenhum outro lugar" (LACAN, 2020, p. 180).

A função paterna que Lacan elabora em sua teoria funciona como uma metáfora, um significante que surge no lugar de outro significante, não para determinar o lugar do pai na família, mas para marcar a posição que ele ocupa no complexo de Édipo. Ao substituir o significante materno, o pai intervém na relação da mãe com a criança e oferece uma saída ao Édipo através da identificação simbólica, desviando assim da solução imaginária. Desta maneira, a eficácia simbólica da metáfora paterna consiste em manifestar a ilusão de que a intervenção do elemento estrangeiro impediu a impossível realização da criança junto ao objeto incestuoso. Isto é, o pai não impede o contato da criança com o objeto de gozo, apenas sustenta essa ilusão.

A função simbólica do Nome-do-Pai desvincula-se totalmente a pessoa do pai. O exercício de sua função constitui-se em ser um significante em nome do qual a lei prevalece. Lacan se dedica à questão do significante em *O Seminário 3* sobre as psicoses: "é que todo verdadeiro significante é, como tal, um significante que não significa nada" (LACAN, 2008, p. 210). Esse é o sentido do significante não significar o sujeito, pois é capaz de realizar significações diversas a todo momento. Mais ainda: o que caracteriza o mundo humano não é a existência de significações, mas a ordem do significante, e o Nome-do-Pai é o que permite entrar nessa ordem simbólica, sendo essencial para a articulação da linguagem no campo

social.

A teoria do pai em Lacan é marcada pela aproximação inicial com a sociologia de Durkheim, seguida pela virada estruturalista; do declínio da imago paterna à idealização do significante Nome-do-Pai. Segundo a ótica estruturalista, o Édipo passa a ser definido como função universal, simbólica, tornando inócuas as condições sociais e familiares que dão forma ao complexo. A estrutura elaborada por Lacan se aproxima com isto do paradigma totêmico proposto por Freud.

A imago paterna sofreu abalos consideráveis, pois os últimos dois séculos têm sido teatro de grandes transformações, marcado também no âmbito individual, dado que a criação da psicanálise no fim do século XIX coincide com a própria concepção moderna de indivíduo, modelo até então inexistente nas sociedades pré-modernas. Conforme Theodor Adorno argumenta em *A indústria cultural*, o projeto de indivíduo nunca se realizou plenamente pois, "contra a vontade de seus senhores, a técnica transformou os homens de crianças em pessoas. Mas cada um desses progressos de individuação se fez à custa da individualidade em cujo nome tinha lugar, e deles nada sobrou senão a decisão de perseguir os fins privados" (ADORNO, 2007, p. 169).

Mesmo que o projeto de indivíduo moderno seja marcado por contradições desde o início, a função do pai, historicamente ligada à transmissão simbólica de referências estáveis, assistiu à propagação de seu declínio. Essas referências encontraram razão de ser sobretudo por indicar o pertencimento dos indivíduos ao meio social desde o feudalismo até antes do período das revoluções burguesas. De acordo com Kehl (2015), o período moderno se caracteriza pela mobilidade social e pela liberdade nas escolhas individuais, aspectos que tornaram as regras de convívio mais complexas. "A complexidade das estruturas simbólicas, a partir dos primórdios do capitalismo, tornou o campo do Outro inacessível ao saber (consciente) dos sujeitos sociais" (KEHL, 2015, p. 45). A psicanalista recupera a hipótese de que "a neurose realiza com meios particulares, o que a sociedade ancestral realiza por meio do esforço coletivo", proposta por Freud para apontar que o declínio das representações coletivas em torno da função paterna exige uma nova maneira de existir em sociedade cuja condição fundamental é a resposta neurótica produzida por cada ser de maneira individual.

Nesse ponto, recupero a definição de "patriarcado", segundo o dicionário de Roudinesco:

O patriarcado é um sistema político-jurídico em que a autoridade e os direitos sobre os bens e as pessoas obedecem a uma regra de filiação chamada patrilinear, isto é, concentram-se nas mãos do homem que ocupa a posição de pai fundador, sobretudo nas sociedades ocidentais. Entretanto, o sistema patriarcal raramente se apresenta com toda essa pureza, na medida em que coexiste, em numerosas sociedades, com uma filiação matrilinear, que decide sobre a pertença do indivíduo referindo-se a laços genealógicos que passam pelas mulheres. Como as do culturalismo e da diferença sexual, essa questão atravessa toda a história da psicanálise. Em Freud, entretanto, coloca-se menos em termos de oposição histórica ou mítica do patriarcado ao matriarcado do que como uma reflexão estrutural em torno do complexo de Édipo (ROUDINESCO, 1998, p. 577-578).

A bem ver, a conjuntura patriarcal é tributária da articulação de poderes desiguais e relações hierarquizadas que mantêm o pai como chefe diante dos outros membros do grupo. A ascensão do capitalismo desencadeou tanto os processos de individuação quanto a alteração das condições sociais e familiares. A obtenção de novos direitos pelas mulheres a partir das décadas de 1960 e 1970 é um dos marcadores da crise de um modelo que não corresponde mais ao reajustamento dos papéis sexuais na esfera pública e privada.

Destaco a contraposição ao pai como função a-histórica feita no campo da psicanálise francesa. O argumento de Michel Tort acena para a miríade de possibilidades na contemporaneidade para o exercício da parentalidade. “Nada impede, de qualquer maneira, que consideremos que uma nova articulação das funções paternas seja possível, levando em conta de outra forma a atividade dos desejos masculinos e femininos, e deles fazendo sua lei” (TORT, 2001, p. 172). A costura feita por Tort traz ao cerne do debate a positivação do enfraquecimento paterno como uma oportunidade cujas transformações gravam a pluralidade das relações de sexo e gênero, que se unem ao redor de uma reivindicação em comum: novas formas de subjetivação e distribuição da parentalidade como avanço na liberdade e na igualdade.

Segundo Tort (2001), o influxo paterno em crise é histórico, passível de reorganização de acordo com as novas conjunturas das relações de sexo e gênero. Aqui, nota-se que a

positivação da crise do patriarcado está de acordo com a contestação de uma ordem estabelecida. Tort reconhece que existem diversas figuras históricas da paternidade e cada uma constitui uma função de pai, desta maneira, a "produção" dos sujeitos pode ser feita singularmente. Estaria presente aí o entendimento de que a lei, como base primordial da função paterna, pode ser concebida a partir de outros princípios, que não a lei do pai sobre a mãe. Nesse sentido, a originalidade de Lacan, constata Tort, foi ter separado a estrutura do Édipo do patriarcado e da dominação masculina, pois se há outras figuras possíveis no Édipo, haverá outras leis estruturantes do psiquismo dos indivíduos, de instauração de limites e diferenciações simbólicas.

A função paterna passou a ser uma espécie de pára-raios no debate em torno da crise do patriarcado, pois o enfraquecimento do pai na sociedade equivale à constatação de sua força enquanto função simbólica na psicanálise. Nesse sentido, Mariana Pombo (2018, p. 30) assinala que "o problema desse discurso de declínio é que ele representa a história como degradação da ordem antiga e os dispositivos de família, parentalidade, sexualidade e procriação como naturais, a-históricos". Estou de acordo com a consideração da autora em questionar o poder do pai ancestral como o único meio de transmissão de uma lei estruturante. Entretanto, não deixo de observar a fragmentação do campo do Outro na atualidade, não como justificativa para restaurar a ordem antiga, mas como caminho para entender as mudanças que afetam as dimensões da subjetividade.

A fragmentação das verdades e dos saberes que povoam a modernidade, desemboca em uma perspectiva cujo cenário pressupõe o indivíduo como centro de suas referências. Jurandir Freire (2000) sintetiza a preocupação dos pensadores da Escola de Frankfurt sobre essa questão:

A evolução capitalista, diziam eles (os frankfurtianos), criou uma democracia econômica de massas, sem lugar para o poder do pai. Crianças e adultos, até então psicologicamente dependentes da instituição familiar patriarcal, foram postos sob a tutela das burocracias anônimas de cuidados médicos, psicológicos, sociais, educativos ou da propaganda maciça de bens de consumo com obsolescência programada. A sociedade industrial e capitalista dispensou a mediação do pai, como passou a gerenciar, de forma direta, o sujeito e seus desejos, de modo a adequá-los às suas finalidades econômicas e políticas. A ordem piramidal, com o pai no topo, deu lugar à proliferação de instâncias de controle e incentivo à produção de novas subjetividades (FREIRE, 2000, p. 12).

Em 1947, Adorno deflagrou um desconfortável e espinhoso debate ao publicar o importante *A indústria cultural*. O ensaio estabelece uma fusão entre os domínios do particular e do universal, sugerindo que a produção industrial da cultura concebe o indivíduo como um ser genérico, um mero exemplar. A indústria cultural está em toda irrupção de vida; já a individualidade é sempre negociada, pois "a indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é tão somente aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar" (ADORNO, 2007, p. 170).

No mesmo ano da publicação de *A indústria cultural*, Lacan participou de uma conferência na Inglaterra. Atento aos efeitos da manipulação da subjetividade por meio dos meios de comunicação de massas da época, Lacan está menos preocupado com os excessos de rebeldia das multidões do que as paixões de segurança, tão afetiva quanto política, das referências oferecidas pelas imagens televisivas, publicitárias etc. Imagem e paixão são elementos que emergem no cerne da indústria cultural, e organizam o mundo industrializado em narrativas envolventes e complexas, expressão da sociedade do espetáculo. A tensão desse relacionamento permeia as articulações de Lacan, pois a segurança oferecida pela indústria já não corresponde ao modelo proposto por Freud em *Psicologia das massas e análise do eu*, que preconizava a identificação da massa com o único Ideal, ocupado pela representação de um líder. A segurança identitária abordada por Lacan é atravessada pelo apelo dos meios técnicos como forma de manipulação da subjetividade. Sobre essa questão, Kehl examina:

As imagens imperativas e ininterruptas da indústria do espetáculo dispensam o trabalho subjetivo que articula a identificação à perda do objeto, uma vez que reduzem a zero o tempo que separa o momento da perda daquele da recuperação do objeto através da identificação imaginária. Em sua aparente diversidade, tais imagens emitem sempre os mesmos enunciados e os mesmos mandatos; a abundância de imagens não implica em diferença significativa entre elas, nem institui um intervalo vazio para que o espectador se perceba diverso da imagem que o faz gozar. Se o gozo advém da imagem, o espectador fica poupado da perda que convoca as identificações (KEHL, 2015, p. 290).

A relação de imagem e cultura tornou-se um elemento básico da própria sociedade do espetáculo. Seguindo o pensamento de Kehl (2015), nesse fluxo ininterrupto, não há falta ou tempo de intervalo que encadeie a relação do indivíduo com a trama, tampouco o vazio

necessário ao trabalho de representação psíquica. Ainda que se reconheça a diversidade das imagens, é sob a imensidão turva da generalidade que se erige o discurso indiferenciado da indústria. O tratamento psicanalítico que Kehl confere ao argumento de Adorno sobre a abolição da individualidade repousa sobre as paixões identitárias que esse processo suscita. De acordo com a psicanalista, a paixão identitária se refere a uma paixão narcísica, forjada pela ilusão do sujeito de refazer a unidade primordial com o Outro. Na miragem do sujeito, a troca da singularidade pela identidade incondicional com o universal se configura como esperança de tornar-se idêntico ao gozo perdido, mesmo dado sua impossibilidade. Um traço mínimo, o traço unário, anterior à entrada do sujeito no campo simbólico, não oferece nenhuma segurança imaginária. Kehl (2015) afirma que o traço unário só oferece uma resposta mínima à pergunta sobre a identidade.

À pergunta "quem sou?", emergência silenciosa daquele que ainda não é sujeito, o Outro só responde com a assertiva "tu és", sem acrescentar qualquer atributo, a indicar apenas que a linguagem existe no real, está em curso, em circulação, e muitas coisas a propósito dele, em sua suposta interrogação primitiva, são desde logo pautadas pela linguagem. É essa inscrição singular que nos permite dizer "este(a) sou eu", de forma intransitiva, e manter essa certeza até mesmo em períodos críticos em que não nos sentimos capazes de completar essa frase com qualquer outro predicado. Para a psicanálise, a não ser por esse traço mínimo que une o sujeito a seu lugar simbólico, a identidade é ilusória. O que não significa que a segurança (perdida) que ela representa não mobilize paixões (KEHL, 2015, p. 292).

O quadro de agenciamento das ofertas imaginárias de pertencimento a partir do campo do Outro revela-se como própria condição da cultura, pois a produção de certeza imaginária exerceu seu domínio em diversos registros da história, à exemplo das ideologias, totens, seitas, crenças etc. As paixões de segurança identitária, em seu lugar privilegiado nas estruturas simbólicas da cultura, colocam a singularidade do sujeito em segundo plano em relação à causa do Outro. As consequências da proeminência do campo do Outro sobre a condição desejança do sujeito alcança os *chats* da internet, sobretudo no que toca ao objeto da pesquisa.

No seu aspecto mais geral, entre os elementos que compõem a identidade incel, encontramos a possibilidade de homens jovens se inserirem num conjunto, de pertencer a

uma comunidade cujos valores pressupõem os mesmos. Muitos usuários chegam às salas de bate-papo com o desejo de conversar sobre suas crises pessoais. O problema é que a ideologia construída ao longo dos últimos anos, foi justamente a abolição do diálogo que edifica, condicionando a repulsa em relação à alteridade. Os fóruns poderiam ser espaço para simbolização de sofrimento; no entanto, acabaram se tornando para-raio da propagação de brutalidades. Interessante notar que a participação no laço incel, pressupõe que o indivíduo esteja de acordo e adeque-se aos posicionamentos do conjunto geral. A reportagem do site *Vice*, chama atenção para participantes que se identificam como incel, entretanto, não concordam com as posições radicais que a identidade abarca. Os usuários entrevistados opõem-se à associação feita entre os incels e os atos de violência extrema. “Não é porque o cara [que cometeu um atentado] tinha o mesmo comportamento de incel que significa que todo incel vai fazer isso”, afirma o entrevistado que se identifica na reportagem como Chimpa (VICE, 2019).

Como nota Kehl (2015), a expansão das imagens difundidas através dos suportes de comunicação, primam mais pelas paixões identitárias do que pela abertura de possibilidades no campo das identificações. O campo horizontal das identificações é ocupado pela abundância de imagens oferecidas pelos mais variados suportes midiáticos. Já o campo vertical, paterno, ocupa o espaço da transmissão geracional de ideais e experiências. Esses dois pólos das identificações, o campo vertical e horizontal, não se contrapõem, ao contrário, complementam-se. Sobre esse tópico, há que se dizer que o campo das identificações horizontais ocupa o espaço que é próprio do jogo democrático, em que pressupõe-se o diálogo e o arranjo constante das relações de poder e da vida social. A função paterna, localiza-se no eixo vertical e funciona como ponto de referência do campo horizontal. Ou seja, a linha vertical consiste na organização de significantes mestres que sustentam a transmissão da lei, possibilitando assim a expansão e a legitimação para toda expressão que o campo horizontal venha comportar. Nas palavras de Kehl, "a vitalidade do eixo vertical consiste na renovação permanente desses significantes em função das necessidades de grupos sociais emergentes e dos deslocamentos que eles promovem nas instâncias de poder" (KEHL, 2015, p. 293).

A esfera pública não é mais organizada nem a partir do eixo vertical (do líder político, moral ou religioso), nem a partir das práticas discursivas e dos conflitos de interesses que caracterizam o campo horizontal, das alianças e das negociações com o semelhante. Nas sociedades ditas "de consumo", a esfera pública tem sido reduzida à dimensão do mercado. Mediatizada pelo espetáculo, a vida social passou a ser organizada prioritariamente a partir da circulação das imagens das mercadorias (KEHL, 2015, p. 293-294).

É de notar, portanto, a prevalência dos processos identificatórios que privilegiam a composição de identidades. Composição que nada tem a ver com as ligações das massas observadas por Freud, mas sim com as identificações estabelecidas através dos dispositivos de comunicação, associadas à miragem de autossuficiência individualista. De acordo com Kehl (2015, p. 294), a separação radical é que o sujeito não é mais convocado a estabelecer um vínculo com o líder ou com Deus, e sim consigo mesmo. O processo de identificação horizontal não é matizada por nenhuma instância de corte. Isso significa dizer que a diferença entre os planos de identificação horizontal e vertical está muito presente, pois a falta de interdição do eixo horizontal não conta com a diferença necessária entre o sujeito e o campo do Outro.

Sabemos que o desejo incestuoso, de voltar a fazer Um com o Outro, não precisaria ser proibido, uma vez que a sua realização é impossível. O complexo de Édipo tem por efeito transformar o impossível em proibido, o que não é tão irrelevante como pode parecer. Uma impossibilidade que não se traduz através do imperativo superegoico, muito mais inibidor do que se supõe: *se você pode, você deve* (KEHL, 2015, p. 295).

A vida psíquica, inaugurada pelo conflito edípico, desenvolve-se em meio às relações imaginárias, simbólicas e reais. O ingresso do sujeito no campo social ocorre pelo corte simbólico, só que a lei simbólica opera também no sentido de equilibrar o papel do imaginário no psiquismo. Se a existência do imaginário corresponde à relação do sujeito com ele mesmo, a noção de narcisismo consiste em um processo simultâneo à agressividade. O enfraquecimento da lei simbólica representa o aumento da força do imaginário, portanto, do narcisismo/agressividade. Ao situar as implicações desse processo nas sociedades contemporâneas, Kehl (2015) sugere que essa agressividade tende em maior ou menor grau a manifestar-se como violência no social.

A agressividade constitutiva da primeira experiência de individuação do sujeito deve ser transcendida com o apoio da identificação com as formas imaginárias que representam o pai como instaurador da lei. A questão é que a norma que rege a vida social tem sido parceira do mesmo fantasma que sustenta a agressividade: ao invés de exigir dos indivíduos uma parcela de renúncia ao gozo como condição para participar do laço, a norma contemporânea exige que ninguém renuncie a nada. A fragilidade do imaginário que sustenta a função paterna inflama a fantasia de que a vida social é uma selva sem lei. Os adolescentes estão convencidos de que só os otários e os fracos recuam diante do excesso pulsional em consideração ao outro, aos outros. Os restos infantis do "complexo de intrusão", que ativa a agressividade do sujeito frente a qualquer estranho que invada seu campo narcísico, têm sido fortemente convalidados pelas condições atuais da vida em sociedade. (KEHL, 2015, p. 250).

Na relação da violência com a juventude, tanto os atos de violência extrema quanto o suicídio cresceram bastante a partir da década de 2010, no Estados Unidos e também no Brasil. Para Kehl (2015), os fatores que podem elucidar o aumento da violência e dos casos de sofrimento psíquico entre os jovens, é que na falta de referências no eixo vertical, organizador do imaginário social a partir de um lugar paterno, as identificações do campo horizontal são as responsáveis pelas relações entre os adolescentes.

Considero que os fóruns constituem-se como "refúgio" diante da falta de referências estáveis no atravessamento das crises adolescentes. É como se a relação anônima que os usuários mantêm entre si, representasse tanto o fio condutor como a última cartada que eles têm em vida. Vale observar que muitos usuários retiram-se dos fóruns tamanho o desconforto com os valores compartilhados pelo conjunto, enquanto outros acabam sucumbindo à torrente de mensagens que disseminam e incitam violência. Em abril de 2021, um atentado numa creche no Estado de Santa Catarina, deixou cinco pessoas mortas, sendo elas três bebês. A polícia está em processo de investigação sobre a relação de Fabiano Kipper, autor do atentado, com os fóruns anônimos. O jovem de 18 anos tinha o perfil similar aos usuários dos fóruns: tímido, introspectivo, passava horas a fio no computador jogando videogames. Apesar de não haver uma conclusão sobre o envolvimento de Fabiano com a cultura chan/incel, aqui levo em consideração, a euforia que o atentado causou nas páginas anônimas. Seguindo a lógica da "transgressão", em que coisas absurdas devem ser ditas e feitas para provocar choque e diversão, chama a atenção que os usuários comemoraram as mortes das mulheres e das crianças. Segue a mensagem:

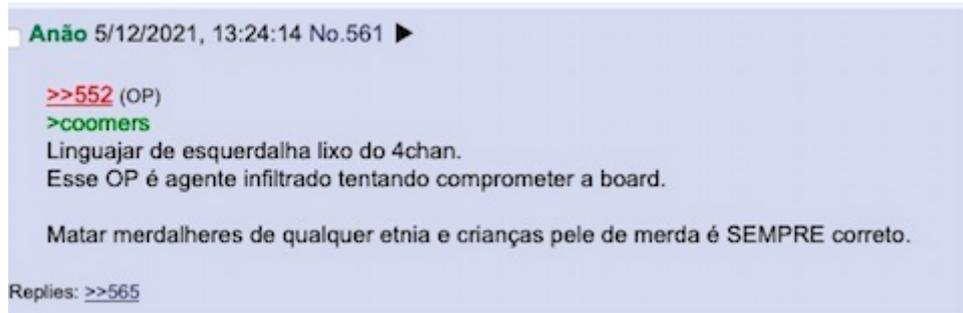


Figura 13: Post do 4chan sobre o atentado de Santa Catarina.

## CAPÍTULO 3

### 3.1 Análise dos enunciados

O recorte foi definido a partir do conteúdo de um incel brasileiro. Como as mensagens dos *chats* são curtas e desaparecem na velocidade de um clique, decidi aprofundar o conhecimento do objeto concentrando a análise em um único incel, através dos relatos publicados em formato de vídeo em seu canal no YouTube. O recorte contribui com o que foi analisado até aqui. Nos vídeos, ele narra sua história, seus anseios e visões de mundo. O personagem, a quem vou me referir como X, mantém um canal na plataforma do YouTube desde 2019. No primeiro ano da análise, os vídeos retratam suas caminhadas diárias pela cidade onde mora, o Rio de Janeiro. Em um dos vídeos publicados, ele passeia no entorno da escola que estudou durante a adolescência, e relata ter sofrido bullying nesse período por sua condição física e sua personalidade introspectiva. O tom do conteúdo era extremamente violento e misógino. As mulheres eram descritas com termos pejorativos e acusadas como responsáveis por toda série de infortúnios que X experienciava. No ano seguinte, X alterou o nome do canal, estreando o "Vida de Beta". Importante ressaltar que ele atenuou o tom de violência sobre as mulheres, e removeu todo o conteúdo do canal. X publicou um pedido de desculpas às mulheres, afirmando que nunca teve a intenção de ofendê-las. Também disse que não odeia as mulheres e pede para que não seja denunciado. A partir daí, ele passa a falar sobre as dificuldades do indivíduo beta na sociedade, apoiando-se em temas variados como economia, política, videogames, relacionamentos etc. Desde muito jovem ele identifica-se com o perfil do homem beta. Divido a análise em três categorias na tentativa de sintetizar as considerações de X em torno da "Vida de Beta". Acompanho o canal desde 2019, e transcrevo os trechos que considero mais relevantes para a pesquisa.

O tema do fracasso biológico, social e econômico é predominante no discurso incel. Uma das particularidades desse objeto é que trata-se de um conjunto anônimo, de forma que o sigilo é traço distintivo da identidade de jovens que encerram-se nas telas dos computadores jogando videogame e navegando nos *chats*. Ao ocupar um lugar de escuta, é uma oportunidade de entender sob um ângulo diferente as visões norteadoras de um suposto

representante dessa identidade, até porque não temos elementos para compreender o que se passa com cada um deles.

É importante ressaltar que os rapazes que ficaram conhecidos nos Estados Unidos devido aos massacres, eram brancos e pertenciam a uma classe social que possibilitou o acesso deles ao ensino superior privado e bens de consumo de luxo, como o caso anteriormente citado de Elliot Rodger. No Brasil, vale observar que os atentados que ocorreram nos últimos anos foram em escolas públicas, nas periferias de grandes cidades brasileiras. Como foi dito, não existe uma regra que defina exatamente o indivíduo incel; a priori, a questão é o celibato. Entretanto, há muitas nuances nessa discussão, que faz com que os próprios incels criem camadas e justificativas para endossar a situação vitimária. O discurso incel afirma que ser um homem étnico é mais desvantajoso do que ser um homem branco. No caso do recorte em questão, X é afrodescendente, o que ele considera uma posição desvantajosa. De acordo com seu relato, a questão financeira é decisiva. Isto é, o aspecto econômico se entrelaça com outros aspectos como a aparência física e a personalidade para fomentar o discurso de inferioridade beta. Observo que X mantém um discurso relativamente moderado nos vídeos, porém, em 2019, falava abertamente sobre a possibilidade de cometer massacres.

### **3.2 Primeira categoria: gênero e relacionamentos**

Aqui a mulher aparece como uma mercadoria no bojo das expectativas de uma vida bem sucedida.

- "A mulher tem mais condições de ser bancada pela família, pelo marido e pelo Estado".
- "As mulheres não precisam de sexo como o homem".
- "O beta não tem mais acesso ao mercado sexual".
- "Mulheres não querem transar com homens que não tem dinheiro".

- "A economia está jogando os homens ao estado de betaincelismo".
  - "O beta sempre existiu, mesmo na era pré-informática".
  - "Nunca foi tão bom ser beta, pois a vida não se resume à mulher".
  - "Não existe meritocracia nem no mercado de trabalho, nem no mercado sexual".
  - "Vamos responder uma pergunta que foi feita: será que você precisa de uma namorada? é uma pergunta legítima, justa".
- 
- "Ele fez o seguinte comentário: você deveria namorar, tentar arrumar uma mulher feia, mesmo que seja nota 2, você sofre muito dessa falta de experiência, de ver os outros e está traumatizado, tudo que você fala é verdade, mas na sua própria experiência, você parece perdido na vida. Você, mais que os outros, precisa de uma cuié (termo pejorativo para mulher). Você deveria tentar voltar à igreja, tentar crescer na igreja, virar pastor e arrumar uma mulher pra você ou apenas ter uma experiência de vida. Do jeito que você está, tão preocupado talvez o excesso de solidão esteja te deixando desesperado".
- 
- "Ta, primeiro um ponto que eu acho interessante: tome muito cuidado quando você vê alguém falando que você precisa de uma mulher. Namorada não é remédio, uma pessoa não pode ser um remédio pra alguma coisa, você não pode depositar em uma pessoa seus problemas, se uma pessoa está com problemas você não indica pra ela uma namorada você indica um psicólogo, até porque é aquilo que eu sempre digo: se você tem um amigo que tá desempregado, sem emprego, sem mulher, você primeiro cura ele, dá emprego, depois a mulher, tudo fora dessa ordem dá problema. Tudo na sua vida tem seu tempo".
- 
- "Será que uma pessoa precisa de uma pessoa como eu? Um relacionamento é uma via de mão dupla, eu não gostei do tom do seu comentário. Me vejo na condição de ser um namorado razoável? Não. Tem pessoas razoáveis querendo namorar comigo? Também não".
- 
- "A maior parte dos problemas da vida são classificados por dois fatores: falta de

dinheiro e relacionamento amoroso. Eu vejo que muitas mulheres acham que homens são depósitos de problemas que vieram para solucionar os problemas delas".

- "Eu seria uma pessoa horrorosa, cara, um relacionamento são muitas demandas. Uma pessoa que não te oferece nada, não oferece beleza, nada, por que eu vou entrar num péssimo negócio? que eu só tenho que dar e não tenho nada oferecer? extrema convicção que você acha que tem os elementos importantes, se você não encontra isso, é melhor ficar solteiro. Quando eu vejo uma pessoa vivendo algo que eu não vivi, do ponto de vista amoroso, profissional, depois de uma certa idade, você entende que certas coisas já passaram, mas determinadas coisas você não vai conseguir pegar de volta e você tem que aceitar, não deu pra viajar pra Disney, não deu pra viajar pra fora, não deu pra conseguir comprar uma casa, um carro, mas eu sei que fiz a minha parte, meu máximo, a culpa é do mundo? não, é minha e eu já me perdoei. Tanto que eu continuo trabalhando para conseguir as coisas. Portas sempre abertas. Eu não acredito que namorada seja remédio, namorada custa caro, do ponto de vista emocional, financeiro, tempo, social Eu já sofri do ponto de vista social por ter sido muito escanteado pelos amigos por não ter namoradas".
- "O problema é ser beta étnico; no mercado sexual, o beta branco está melhor".
- "Correr atrás do prejuízo, ganhar dinheiro".
- "Geração perdida".
- "O único prazer imediato do beta é o videogame, jogar videogame é mais divertido".

Se o signo do amor padece de uma reorganização nas formações discursivas, no discurso incel, ele é posto em cena segundo uma orientação mercadológica. Ora, como disse bell hooks, "em uma cultura em que o foco da vida é apenas comprar e consumir, o amor não pode desabrochar" (hooks, 2020, p. 139). A concepção da mulher como mercadoria escancara uma posição e ainda uma apropriação, já que não só o gênero é homogeneizado, como também a própria vida humana, regulada pela lógica de mercado. No entendimento de Kehl, "é fácil perceber os efeitos de vazio subjetivo produzidos por tal apropriação, a despeito de

todas as engenhocas que o mercado oferece para compensar os sujeitos dessa expropriação do que lhes é mais genuíno: a invenção singular de destinos da pulsão" (KEHL, 2015, p. 96). Há que se dizer que a busca de X deflagra a contradição subjacente de seus próprios conflitos. A dúvida sobre si, recai como certeza sobre as "mulheres" a quem ele refere-se, enquanto objeto de desejo de certa libido masculina. O deslocamento do significante "mulher" para o centro da cena capitalista, é validado como um mero item de consumo, diante da abundância de ofertas de mercado.

Como um jogo em que o mais importante é ganhar, a busca pelo amor e a frustração subsequente, assemelha-se à disputa por uma vaga de trabalho, num mercado cada vez mais competitivo. A velocidade através da qual as imagens dos bens de consumo percorrem o globo e apresentam-se aos espectadores/consumidores, traduz-se na voracidade da fala de X nos vídeos, na rapidez das postagens dos fóruns, nas cenas dos videogames. Enquanto a sociedade de consumo empurra para fora e para longe da vista os excluídos, o percurso inverso é feito através da abundância de imagens ofertadas, que recobre de esperança a consciência angustiada de quem não pertence ao sistema. Como disse X, "tem que correr atrás do prejuízo, ganhar dinheiro". De acordo com Kehl, "embora poucos possuam recursos para consumir os bens em oferta, as imagens que ocupam a esfera pública são acessíveis a todos" (KEHL, 2015, p. 100).

Quando Lacan refere-se ao amor cortês como uma escolástica do amor infeliz, predominante na organização sentimental do homem contemporâneo, pressupõe-se a existência de uma articulação inconsciente que faz o rodeio prevalecer, no lugar do encontro real, pois o objeto é sempre apresentado a partir da inacessibilidade. Em vez da exaltação da mulher como ideal, como fizera o poeta cortês, na dinâmica beta, o trunfo é tratá-la como objeto descartável, depreciado, um mero objeto de consumo, esvaziado de sua condição de ser. Com Bloch (1991), vimos que o ardil da misoginia medieval consiste em ser um dispositivo poético extremamente refinado. As obras do amor e o desejo do encontro amoroso nas sociedades de corte definem-se pelo jogo da linguagem poética; no discurso beta, o desejo amoroso é atravessado pela dimensão do mercado. Ambos os casos são marcados pela misoginia.

O elenco de bens de consumo que compõem a lista de X, inclui viagens ao exterior e uma namorada, que obviamente "custa caro". Segundo X, o mercado sexual equivale-se ao mercado de trabalho; esses assuntos não são tratados separadamente. Lacan (2008) localizou na misoginia medieval do amor cortês o cálculo neurótico inconsciente, o benefício psíquico de uma operação cujo rodeio é feito em torno de uma mulher muito amada, desesperadamente buscada. Não é que o objeto esteja interditado, é o sujeito que organiza a interdição. Para dizer de outro modo, não é que a mulher falte, busca-se a falta. Aqui, a mulher aparece como objeto de troca no plano das transações capitalistas.

### **3.3. Segunda categoria: perspectivas sociais**

- "O estado natural do ser humano é a pobreza, temos acesso a internet, a tanta coisa, mas a desigualdade, muita coisa que a gente demanda: sexo, carro, viagens, não vamos ter".
- "Você tem que querer, tem que trabalhar, eu vejo muita gente com discurso vitimista, o sol não brilhou".
- "Eu tenho todos os problemas do mundo, joelho ruim, tô velho, problemas de saúde, problemas mentais, glicose altíssima, mas não preciso chatear as pessoas com meus problemas, ninguém tem nada a ver com meus problemas".
- "Quanto mais você desejar uma coisa, mais você vai se frustrar se não conseguir. então até isso a gente tem que ter sabedoria, de desejar o que está dentro do nosso controle".
- "Às vezes o cara não teve oportunidade nenhuma mas ele pode ir a algum lugar, talvez seja o seu caso. Tem amigos nossos que não vão conseguir fazer faculdade, pós-graduação, outros que vão fazer mestrado o caramba, o que interessa é o seguinte: dar o máximo de si para ter um sucesso".
- "A gente tem que saber se especializar e dar o máximo de si. o mundo não é fácil, o mundo é mau, ninguém disse que era bom. Jesus Cristo disse, ele falou, a única

certeza do mundo são as aflições, então, tenham bom ânimo".

- "Basta querer? não. Tem que querer? sim. Então é isso e até o próximo vida de beta".
- "Estou aqui no Rio de Janeiro, das ruas dessa cidade cheio de mendigos, com a maior criminalidade, cidadão de bem trancado em casa enquanto as ruas estão entregues para a marginalidade"
- "Então amigos hoje eu vou falar de um assunto que tem me apetecido bastante: desemprego. muitos amigos betas estão desempregados, isso é um problema que está me deixando preocupado. O cara que está desempregado, ele fica depressivo, se isola, pq ele se isola? pq nem respeita desempregado. Jogam coisa na cara dele, chamam de vagabundo, o cara vai lá, se isola e faz besteira. Por isso que é importante o Brasil diminuir o número de desempregados".
- "1 milhão de empregos precarizados, informais, salários achatados, maioria no setor de serviços, low service, quais empregos o brasil está criando agora? padaria, engraxate, empregada doméstica e salários inferiores. eu já fui demitido algumas vezes na minha vida e toda vez que eu sou demitido (principalmente 2010, época do pt) toda vez que eu era demitido encontrava salários maiores, eu era high-service".
- "To fazendo bico de designer, minha profissão praticamente não existe mais, agora tudo é bico, não tem direito nenhum, o problema é o seguinte: tiraram os direitos e diminuíram os salários".
- "Como alguém vai comprar uma casa? um carro? se casar em um ambiente como esse? ou seja, o Brasil está em uma situação complicada, ninguém tem confiança no futuro".
- "Os empregos de verdade estão rareando agora só surgem bicos, só trabalhos a la carte e salários muito baixos, infelizmente eu esperava que a situação fosse melhor, mas tá muito ruim, muito ruim mesmo".
- "O que vocês devem a derrota? O que fracasso já ensinou a vocês, betas? Reparei um fenômeno, pessoas estão mudando de religião, crenças, porque quando a pessoa fica

muito tempo desempregada, ela é obrigada a rever seus conceitos. Não só desempregada, mas com emprego precarizado, cheio de exploração. O pessoal que diz que não existe ne, subemprego, trabalho escravo, os betas sabem muito bem que não só existe exploração como existe subemprego, considerando as circunstâncias de total desesperança".

- "Então é isso amigos por mais que vocês não consigam seus sonhos seja um legado para a sociedade. deixar alguma coisa q vai transcender a existência de vcs. tudo na vida tem que ter significado e narrativa e de preferência narrativa de vitória".
- "Olá amigos, mais um vida de beta no ar, estou ao lado dos meus amigos do uber eats, Rio de Janeiro virou um amontoado de entregadores de comida, eu não sei se agradeço a Deus por existir esses serviços ou essa sensação é a prova que o país está mal. As duas respostas estão corretas, não é nem se entregar a narrativa de esquerda nem de direita, de fato o que está acontecendo é péssimo, serviços de baixa qualidade, a pessoa faz 4 anos de faculdade de engenharia pra virar uber, é um grande desperdício de recurso, um desperdício de cérebros".

De acordo com Kehl (2015, p. 295), "se o mercado é o grande organizador da vida social, os valores excludentes da vida privada sobrepõem-se aos valores que organizam o espaço público". A psicanalista realiza uma operação teórica a partir do fatalismo melancólico benjaminiano, que considero valiosa para fomentar a análise em questão. Quando recupera a história do teatro barroco, Walter Benjamin, em *Origem do barroco alemão* (1925), mostra o caminho percorrido pelos "vencedores" e "perdedores" de ocasião, a partir da relação entre o príncipe e o cortesão. Se no período Barroco, a prosperidade do cortesão poderia se representar apenas pela comoção do monarca, a identificação afetiva com os vencedores viu o fatalismo, a traição e a dependência como condições definidoras dos "perdedores" da história. Em termos benjaminianos, no fatalismo melancólico, a ideia de mundo vazio como adjacente à vida ganha ressonância na concepção do sentimento de que "as ações humanas são privadas de todo valor" (BENJAMIN apud KEHL, 2015, p. 82).

Na ocasião da análise, o filósofo se vale do teatro barroco para caracterizar a ideia de

fatalismo melancólico como uma das maneiras de interpretar os eventos da história. Se a vida do cortesão é contrária à transformação, pois depende exclusivamente da ação do príncipe, ela é a metáfora encontrada para representar o procedimento da identificação afetiva com os poderosos, tão cara à mobilidade social do Estado moderno. De acordo com Kehl (2015), essa identificação afetiva é expressão da traição, da dependência e do conformismo que essas relações produzem.

A partir da traição representada pela identificação com os vencedores, outros componentes do fatalismo melancólico seriam: o sentimento de que as ações humanas estariam privadas de valor, a deslealdade para com os homens em troca de lealdade para com os objetos signos de poder, a indolência fatalista ante um mundo vazio e a reificação das relações humanas. Nenhuma dessas condições da melancolia benjaminiana é estranha ao sujeito contemporâneo (KEHL, 2015, p. 87).

O procedimento realizado por Kehl consiste em aproximar a traição e o conformismo abordados por Benjamin para caracterizar a posição do indivíduo na modernidade, a partir de sua identificação com o fascínio produzido pelas formações imaginárias do Outro. Segundo a psicanalista, no atual estágio do capitalismo, o fatalismo melancólico seria uma via para interpretar a conjuntura moderna, pois vale-se da desapropriação da singularidade do sujeito, da traição de sua via desejante diante do cortejo das mercadorias. Kehl faz uma associação perspicaz entre a posição de extrema dependência do cortesão e as multidões de "prestadores de serviços" das classes baixas e médias urbanas. As péssimas condições de trabalho dos motoristas de aplicativo, motoboys e ciclistas que atravessam a cidade sem vínculos e seguranças empregatícias se faz presente na fala de X. X considera que o estado natural do ser humano é a pobreza, mesmo que tenha acesso a internet, a desigualdade é imperativa no contexto social o qual ele está inserido. Vale observar que nessa passagem, ele coloca a internet como o principal agente, capaz de oferecer muitas coisas, "tanta coisa" segundo a expressão utilizada por X, através da oferta de imagens, das possibilidades de "conhecer o mundo, da diversão". Interessante observar como as realidades paralelas dos videogames é alçada como sinônimo de felicidade para esses usuários. Isto é, estar "feliz" no mundo significa retirar-se dele, alienar-se. A articulação feita por Kehl não se restringe a um recorte social específico, mas à própria condição do indivíduo na modernidade, pois o que ocorre é a traição de sua via desejante, a abolição da singularidade diante dos desígnios do Outro.

Traição e fatalismo dizem respeito a uma modalidade de alienação, no duplo sentido da palavra, em que o fascínio pelas formas imaginárias (*semblant*) do Outro obscurece a dimensão do conflito. É o que ocorre na vida social nos casos em que injustiças, desigualdade e exploração, que nos primórdios do capitalismo produziram conflitos entre classes, ficam obscurecidos em função da atração exercida pelo espetáculo do triunfo dos vencedores (KEHL, 2015, p. 89).

Considero que as declarações de X relativas à condição beta e às perspectivas sociais são empregadas de modo a ressaltar o descompasso entre os signos de consumo e a pobreza dos meios que grassam em sua vida. Apesar de reconhecer que as condições atuais de trabalho são desrespeitosas, ele finaliza o discurso com a seguinte frase: "a gente tem que dar o máximo de si para ter sucesso". As palavras "sucesso" e "reconhecimento", empregadas nos trechos citados, remetem a diferentes sentidos que se depreendem ao longo de toda narrativa. Trata-se de uma resposta intensa, emocional e ambígua. Pois a ingênua confiança de que ele pode se desenvolver, e de que as referências do sucesso são o bom fio condutor da vida é muito problemática, pois o desespero tende a substituir a esperança. Nesse sentido, a publicidade dá conta de oferecer imagens que representem o sucesso, beleza e juventude. Percebo que a frustração crescente desses indivíduos diante dos padrões ofertados e a falta de referências para lidar com as crises pessoais, acabam ressoando na possibilidade de obter reconhecimento nos fóruns através dos atos de violência extrema, pois aí existe uma chance de ser reconhecido, mesmo que seja sob condições muito específicas. Vale lembrar que Elliot Rodger deixou um vídeo e um manifesto escrito, narrando toda sua angústia e seus planos de vingança. Também levo em consideração a importância do contágio identificatório entre os membros da identidade incel. A reificação da vida deixa antever um terreno incerto, em que tudo ainda está à espera de definição. E esse campo de incertezas é diariamente alimentado pela torrente de mensagens de incentivo à violência.

Evidente que não são todos os celibatários involuntários que estão desempregados, porém, o que interessa aqui não é o recorte social, mas a própria condição do indivíduo, considerando que o capitalismo é agenciado tanto pelas forças da exclusão como da insatisfação. Nesse ponto, vale dizer que Elliot Rodger gravou o vídeo-manifesto sentado em seu carro de luxo, antes de cometer o massacre na Califórnia. No recorte beta, tanto os signos do "sucesso" e do "fracasso" financeiro acabam representando a ideia de mundo vazio, em

que o indivíduo tende sempre a negociar sua singularidade em troca da adesão servil à causa do Outro.

Penso que uma das condições mais significativas do fatalismo benjaminiano, que também poderemos chamar de conformismo, na sociedade contemporânea - e que atingem fortemente adolescentes e jovens -, tenha sua origem na sedução exercida pelas formações imaginárias predominantes no estágio atual do capitalismo. (KEHL, 2015, p. 290).

Abatidos pelo sentimento de inutilidade de suas ações, a formação de uma subcultura *online*, implica a necessidade de reafirmar uma identidade, mesmo que seja sob a generalidade do nome beta, mesmo que seja numa posição de anonimato. A maneira como X fala sobre o "amontoado de gente", dos motoboys de aplicativo encostados nas ruas das cidades, e a afirmação de que a narrativa que importa é a "narrativa da vitória" me remete a expressão do indivíduo como "mero exemplar" utilizada por Adorno. Como disse Kehl, "um mero exemplar" genérico da espécie, ele é ao mesmo tempo "todos" e ninguém" (2015, p. 291). A composição da identidade incel revela ligações com o espetáculo das formações imaginárias do Outro, que se manifesta na traição de sua via desejante em troca da segurança das paixões identitárias, postas no campo horizontal das identificações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Despertar para o amor só pode acontecer se nos desapegarmos da obsessão pelo poder e pela dominação. Culturalmente, todas as esferas da vida estadunidense - política, religião, locais de trabalho, ambientes domésticos, relações íntimas - deveriam e poderiam ter como base uma ética amorosa. Os valores que sustentam uma cultura e sua ética moldam e influenciam a forma como falamos e agimos. Uma ética amorosa pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente. Para trazer a ética amorosa para todas as dimensões de nossa vida, nossa sociedade precisaria abraçar a mudança. No final de *A arte de amar*, Eric Fromm afirma que "importantes e radicais mudanças em nossa estrutura social são necessárias, para que o amor se torne um fenômeno social, e não um fenômeno altamente individualista e marginal" (hooks, 2020, p. 123).

É a combinação das histórias distanciadas e paralelas de cada usuário anônimo que dá vida a identidade incel. É impossível saber o que se passa com cada um deles, mas a articulação complexa dessas interações gravam em tom uníssono a mensagem de que "não há motivos para existir". Quais seriam as causas que lançam abruptamente tantos jovens em episódios de tristeza e abatimento, ódio e violência, como se a vida não tivesse valor?

Uma consciência angustiada ante sua insignificância no mundo apresenta e reitera a paisagem incel. Uma série de elementos compõem esse cenário: a solidão, a invisibilidade social, a escassez de perspectivas. O abatimento diante da solidão amorosa surge como condição primordial na justificativa de espaços na internet para simbolizar o sofrimento. A progressiva passagem de um estado de invisibilidade para um de visibilidade ecoa na possibilidade de pertencimento; um laço que indique seu lugar no mundo. Esse espaço outro cria a sensação ilusória de segurança; o indivíduo abre mão de sua via desejante, e passa a responder a partir do nome incel, como se a identidade valesse mais do que a sua própria história, o seu próprio nome. A identidade incel serve de meio através do qual o indivíduo interroga sua presença no mundo. Entretanto, a dimensão do conflito que essas identidades assumem só produzem mais obscurecimento, pois ele abre mão daquilo que lhe é mais próprio e mais íntimo.

O processo de composição dessa identidade serviu-se de uma série de "ferramentas" para formular os anseios do grupo: a criação de uma miríade de fóruns, produção de memes, circulação de imagens, o anonimato, discussões incessantes sobre gênero, e finalmente, atos de violência postos no plano da realidade. Esses acontecimentos são responsáveis pela potência do efeito estético produzido em nome da identidade incel, tornando visível uma narrativa que fala em nome da angústia da invisibilidade, do constrangimento do corpo físico, dentre outras questões. Vale ressaltar que longe de ser uma composição já dada, bem definida, a identidade incel se apresenta em fluxo.

Um descompasso profundo rege a análise de o "Amor cortês em anamorfose". Anamorfose foi um recurso bastante difundido por pintores do século XVII para produzir o efeito de ilusões óticas. É óbvio que a decisão de operar teoricamente o conceito de anamorfose em relação ao amor não é aleatória. Aponta-se o descompasso entre o cortejo do poeta diante do objeto feminino, a forma de expressá-lo e os limites dessa relação, como uma parede que não pode ser ultrapassada, dado que a Dama é posta num regime de inacessibilidade. Segundo Lacan, essa operação não é alheia à organização sentimental no contemporâneo. A mulher: esse objeto desesperadamente buscado, "amado". A interdição é uma expressão da neurose, mais pelo que é recalcado do que pelo que é revelado nessa procura desesperada por uma parceira. Essa parceira desumana.

Os motivos que me levaram a escolher esse caminho teórico, frente a tantos outros, é que tanto no "Amor cortês", quanto no discurso incel, a busca desesperada pela mulher, ganha a forma de alienação de si mesmo. A mulher, esse outro tão distante, com ares desumanos, de algo que foi pensado e elaborado para se esquivar, para encontrar a falta. Pois o cálculo neurótico pressupõe a busca pela falta. É de notar, portanto, a forte presença da misoginia nas estruturas simbólicas da cultura, não importa qual seja a época ou expressão de sua letra. Seja no cortejo das Damas, no plano das transações medievais, em que a mulher é posta como ideal; ou no plano das transações capitalistas, no discurso vulgar da internet anônima, em que a mulher é uma mercadoria descartável. Nessas ocasiões, as vias da dimensão simbólica não desembocam no esclarecimento ou na melhor compreensão das coisas. O desdobramento final é a alienação e a constatação amarga da infelicidade. A cultura

é misógina e regras, expectativas e estereótipos têm sido reproduzidos para justificar brutalidades contra grupos e indivíduos que não correspondem a um sistema de coerência e continuidade histórica.

As relações das massas com um único Ideal, presentes nas análises de Freud, especialmente em *As Psicologias das massas e análise do eu*, encarna o momento exato em que a hierarquia entre o líder e o indivíduo atingiu seu apogeu no século XX. Esse evento marca a passagem das identificações cuja base é hierárquica, à indústria do espetáculo, em que as referências das imagens situam-se no plano das relações horizontais, o mesmo plano em que estão os indivíduos. A relação do indivíduo com a corrente de imagens assume uma dimensão específica por ocasião da ausência de intervalo entre a massa e o líder. Não há delimitações de fronteiras, ausências ou distâncias. O indivíduo une-se à série ininterrupta de referências, por meio de ofertas identitárias postas no campo horizontal, que não são matizadas por nenhuma interdição. Na perspectiva de Adorno, o que pulula é a irrupção do discurso indiferenciado da indústria, que se dedica a produção de ilusão. "Tais ofertas imaginárias de pertencimento, extraem sua força agenciadora exatamente da paixão de segurança identitária que leva o sujeito a negociar a singularidade de sua condição desejante em troca da adesão servil à causa do Outro" (KEHL, 2015, p. 295).

Nesse sentido, localizo a composição das massas anônimas no campo de identificações horizontais em referência às paixões de segurança identitárias. Na falta de referências identificatórias no eixo vertical, na ausência de recursos da cultura para simbolizar o sofrimento, os jovens agrupam-se em *chats*, abrindo mão de sua condição desejante, para responder em nome da identidade incel. Nessa adesão servil, a brutalidade assume formas das mais inesperadas, não identificadas imediatamente como brutalidade. Jean Genet traz uma reflexão interessante sobre os sentidos da brutalidade. O argumento de Genet é que a tendência é o senso comum horrorizar-se diante da violência, e compactuar com a brutalidade. Entre as formas de brutalidade entendidas por Genet, está a substituição do nome - próprio ou conhecido - pelo número.

Sendo assim, percebo que referências construídas nesses espaços *online*, passam a expressar a subjetividade desses indivíduos diante da desvalorização da vida. Referências

calcadas na misoginia e também no descompasso do indivíduo com aquilo que lhe é mais íntimo. Considero que a cultura é misógina e o *mal-estar* de gênero presente no discurso incel, encontra ressonância na lógica do espetáculo que intui o indivíduo de abrir mão de sua via desejante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **A indústria cultural**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

ARANOVICH, Lola. Disponível em: <<https://escrevalolaescreva.blogspot.com>>. Acesso em 30.maio.2020.

BAECQUE In: COURTINE, Jean Jacques. **História da Virilidade**. Tradução de Noéli Correia. Petrópolis: Vozes, 2013.

BAREN, Dalen. **Trump, os nerds do 4chan e a nova direita dos Estados Unidos**. 2017. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/03/1867370-trump-os-nerds-do-4chan-e-a-nova-direita-dos-estados-unidos.shtml>> Acesso em: 10.ago.2020.

BAZIN, André. **O que é Cinema?** São Paulo: Ubu, 2020.

BLOCH, Howard. **Misoginia medieval**. São Paulo: editora 34, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COELHO, Leonardo. Disponível em: ><https://ponte.org/procurador-aponta-incapacidade-da-pf-em-monitorar-foruns-de-odio-na-internet/>>. Acesso em: 20.janeiro.2021

CAMPOS, Augusto. **Verso, reverso, controverso**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. Doubleday, 1991.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CIXOUS In: MODLESKI, Tania. **The Women Who Knew Too Much**. New York: Routledge, 1987.

COURTINE, Jean Jacques (Org.). **História da Virilidade**. Tradução de Noéli Correia. Petrópolis: Vozes, 2013.

DECLERCQ, Marie. A tristeza infinita dos incels. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/j5y8q3/a-tristeza-infinita-dos-incels-um-retrato-da-juventude-em-crise-no-brasil>> Acesso em: 20.ago.2020.

DOR, Joel. **O pai e sua função em psicanálise**. São Paulo: Zahar, 1991.

FREIRE In: KEHL, Maria Rita. (Orgs). **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar da civilização e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Moisés e Monoteísmo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FAGUNDES, Renan. **Pessoas são animais sociais e querem interagir**. 2015. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0..EMI224816-15224.00-CHRISTOPHER+POOLE+PES+SOAS+SAO+ANIMAIS+SOCIAIS+E+QUEREM+INTERAGIR.html>> Acesso em: 10.ago.2020.

FORTH In: COURTINE, Jean Jacques. **História da Virilidade**. Tradução de Noéli Correia. Petrópolis: Vozes, 2013.

GARDEPHE, Sarah. **Shy Boys in real life**. 2008.

GUARDIAN. **The Montreal Massacre**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/g2/story/0.,1872900,00.html>> Acesso em: 02.abril.2019.

HAROCHE In: COURTINE, Jean Jacques. **História da Virilidade**. Tradução de Noéli Correia. Petrópolis: Vozes, 2013.

HÉRITIER, Françoise. (Orgs.) **Hommes, femmes - La construction de la différence**. Paris: Le Pommier/Cité des Sciences et de l'Industrie, 2005.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**. São Paulo: Elefante, 2020.

LACAN, Jacques. **O Seminário livro 5**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **O Seminário livro 7**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

LACAN, Jacques. **O Seminário livro 3**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo,

2015.

KIMMEL, Michael. **Angry White Men**. New York, Nation Books, 2013.

KRISTEVA, Julia. **Meu alfabeto: ensaios de cultura e psicanálise**. São Paulo, SESC-SP, 2020.

MANDIL, R. “Entre ética e estética freudianas: a função do belo e do sublime na ‘A ética da psicanálise’ de J. Lacan”. *Dissertação de Mestrado*, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

MODLESKI, Tania. **The Women Who Knew Too Much**. New York: Routledge, 1987.

MOTTA, Leda Tenório da. **Profecias galopantes de Hitchcock**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 11, 2006.

MORIN In: COURTINE, Jean Jacques. **História da Virilidade**. Tradução de Noéli Correia. Petrópolis: Vozes, 2013.

MOUNK, Yascha. **A crise da democracia liberal**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

MULVEY, Laura. **Visual and other pleasures**. Palgrave MacMillan, 2009.

NAGLE, Angela. **Kill All Normies**. UK: Zero Books, 2017.

NEIWERT, David. **Alt America**. London: Verso, 2017.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

POMBO, Mariana. **Crise do patriarcado e função paterna em psicanálise: um debate atual**. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 30, 2018.

RECALCATI, M. **As três estéticas de Lacan. Opção Lacaniana**, n.42. São Paulo: Eólia, 2005.

REGNAULT, F. **Em torno do vazio: a arte à luz da psicanálise**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

ROUDINESCO, Elizabeth. **O dicionário da psicanálise**. São Paulo: Zahar, 1998.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?**. São Paulo: Interrogações, 2018.

SCHRADER, Paul. **God's Lonely Man**. 2007.

SQUIRREL, Tim. **A definitive guide to Incels**. Disponível em: <[www.timsquirrel.com](http://www.timsquirrel.com)>

Acesso em: 10. abril. 2020.

TORT, Michel. **O desejo frio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TRUFFAUT In: MODLESKI, Tania. **The Women Who Knew Too Much**. New York: Routledge, 1987.

ZAFIROPOULOS, M. **Lacan et les sciences sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real**. São Paulo: Boitempo, 2002.

ŽIŽEK, Slavoj. **Guia pervertido do cinema**. 2007.

ŽIŽEK, Slavoj. **O ano em que sonhamos perigosamente**. São Paulo: Boitempo, 2012.

WIDMARK In: COURTINE, Jean Jacques. **História da Virilidade**. Tradução de Noéli Correia. Petrópolis: Vozes, 2013.

